UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

RENAN RAMIRES DE AZEVEDO

A SIGNIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO:
ANÁLISE SEMIÓTICA DO ÍCONE E DAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS

CAMPO GRANDE – MS
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

RENAN RAMIRES DE AZEVEDO

A SIGNIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO:
ANÁLISE SEMIÓTICA DO ÍCONE E DAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da UFMS, como requisito final para a obtenção do título de mestre em Estudos de Linguagens.

Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Linha de pesquisa: Práticas e Objetos Semióticos.

Grupo de Pesquisa: Grupo de Estudos Semióticos de Mato Grosso do Sul (Semioms).

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva.

CAMPO GRANDE - MS
2024

Renan Ramires de Azevedo

A SIGNIFICAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO ÍCONE E DAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Campo Grande, MS, 16 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva (presidenta)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (membro titular interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes (membro titular externo)
Universidade de São Paulo (USP)

Profa. Dra. Maria Luceli Faria Batistote (suplente interno)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno (suplente externo)
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)

Azevedo, Renan Ramires de. 2024.

A significação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro: análise semiótica do Ícone e das práticas devocionais. / Renan Ramires de Azevedo. – Campo Grande, 2024.
160fl.

Trabalho de Dissertação (Pós-Graduação em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva

1. Palavras-chave:
I. Semiótica Discursiva. II. Discurso Religioso. III. Santuário Estadual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

CDD (XX) XXX XXX

Dedicatória

Aos meus pais, que me oportunizaram, para além dos meus esforços, condições favoráveis ao estudo, desde o início.

Em memória a Walter Ribeiro Homem, meu amoroso avô,
que se foi durante o percurso desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente, a minha família, em especial, aos meus pais, Fábio e Helen Adriana, e irmãos, Lukas e Maria Letícia, pelo amor, carinho, companheirismo e pela paciência, apoiando-me a todo instante deste processo, amo muito vocês.

Aos amigos da vida, Larissa, Thaís, Ithalo, Igor, Alice, Camila. Guilherme, Daniel, Gustavo, Fernanda, Ananda, Patrícia, Helena e outros que deixaram o percurso muito mais leve para além da universidade.

A minha querida e estimada orientadora e mestra, Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva, pela extraordinária competência, profissionalismo, atenção e cuidados que me ensinam muito a como *saber ser* ético, íntegro e, ao mesmo tempo, afetuoso na prática docente-acadêmica.

Aos professores membros da banca de defesa deste trabalho: titulares – Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (UFMS) e Prof. Dr. Ivã Carlos Lopes (USP); e suplentes – Profa. Dra. Maria Luceli Faria Batistote (UFMS) e Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno (UPM), pela disponibilidade em colaborar, de forma enriquecedora, na arguição dos resultados desta pesquisa.

As professoras de disciplinas cursadas, Profa. Dra. Eluiza Bortolotto Ghizzi, Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, Profa. Dra. Elizabeth Aparecida Marques, Profa. Dra. Nara Takaki e Profa. Dra. Elaine Moraes, pelas discussões, reflexões e contribuições teóricas e analíticas sobre a Linguística e sobre os variados objetos no âmbito dos estudos de linguagens, efetivamente; e aos colegas da Pós, em especial, Tathiane Maria de Souza Batista, Marcelo Eduardo Batista, Giovana Moura, Thaíssa Soares, dentre outros, que fizeram parte, afetuosamente, deste percurso nas disciplinas.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e à UFMS, pela estrutura, confiança e por todo subsídio acadêmico que enriquece nossa jornada.

Agradeço à Capes, pelo apoio financeiro.

Agradeço ao Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul, de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que, nas pessoas dos padres Reginaldo Padilha e Adriano Alves (*in memoriam*), estiveram sempre à disposição, com as portas abertas, em participar e colaborar com a pesquisa. Muito atenciosos comigo, minha sincera gratidão.

Agradeço à querida Profa. Celia Trindade e à Profa. Dra. Izabel de Jesus pelas generosas revisões e “pitacos” neste texto, que somaram e foram essenciais para tal apresentação.

Ao meu querido e amado amigo, Prof. Me. Daniel Ventura Damasceno, que gentilmente contribuiu com as traduções do português para inglês, e à Taís de Oliveira, doutoranda

do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, na USP, que contribuiu na tradução do resumo para a língua francesa.

As minhas chefes do trabalho laboral, Profa. Ma. Maria Gorete Siqueira e Profa. Jaqueline de Oliveira, pela compreensão da correria, incentivo e flexibilidade na rotina do trabalho com o mestrado, fizeram toda diferença nos meus dias! Agradeço, também aos colegas da Secretaria de Estado de Educação (SED), pela amizade e pelo apoio contínuo diário à pesquisa e à pós-graduação.

A todos aqueles que participaram desta caminhada.

O presente trabalho foi realizado com apoio parcial, no período de dez meses, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes).

AZEVEDO, Renan Ramires de. **A significação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:** análise semiótica do Ícone e das práticas devocionais. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral identificar como se dá o processo de significação do ícone e das práticas devocionais de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Para isso, utilizamos os preceitos teóricos-metodológicos da Semiótica Discursiva (Greimas, 1970), teoria francesa que possui como objeto a significação de textos, por meio da análise de suas respectivas estruturas, na relação de conteúdo e expressão (Hjelmslev, 2013 [1961]) que, assim, produz o sentido. O *corpus* deste trabalho, como previamente dito, são os enunciados relacionados à figura de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, obtendo como recorte, para demonstração analítica, as práticas ocorridas no Santuário Estadual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado na cidade Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, Brasil – tendo em vista ser o Santuário que mais reproduz práticas desta devoção popular no país. Mais precisamente, o corpus está organizado em: a) a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – por meio do rito registrado no Novenário/Livro de Bolso, a prática em si e sua manutenção on-line frente à pandemia da Covid-19, pela gravação do rito no YouTube; b) o Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e sua disposição no espaço sagrado; e c) recortes de enunciados de Perpétuo Socorro como padroeira de um lugar, neste caso, foram recortadas a *ladainha* e a *consagração* da padroeira de Mato Grosso do Sul, rezadas na missa do dia da padroeira no mesmo *locus* em questão. Para análise, foi utilizada a metodologia do percurso gerativo do sentido, por meio dos conceitos do nível fundamental, do nível narrativo e do nível discursivo na análise do conteúdo, e as categorias cromáticas, eidéticas e topológicas, na análise da expressão pictórica do ícone. Além disso, esta pesquisa apresenta considerações tensivas sobre a *tonicidade* dos gêneros do discurso ritual na Novena e dos enunciatários religiosos (Deus, Nossa Senhora e Santos em geral) no presente rito católico que, relacionados, apresentam determinada hierarquização. Assim, esta pesquisa se insere na tradição de estudos semióticos sobre religião/ religiosidade e, a partir dos resultados apreendidos, pudemos entender, por exemplo, a organização textual dos enunciados de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, quais seus temas e figuras e como estes se relacionam, seu funcionamento enunciativo, dentre outros pontos de contribuição. Com a divulgação da presente pesquisa, esperamos apresentar novos objetos semióticos no domínio discursivo religioso e proporcionar novos limites e significados na concepção do sagrado em suas mais variadas formas de manifestação.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; Discurso Religioso; Discurso Mariano; Devoção religiosa; Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul.

AZEVEDO, Renan Ramires de. **The significance of Our Lady of Perpetual Help:** A semiotic analysis of the icon and devotional practices. Dissertation (Master in Language Studies), Federal University of Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

ABSTRACT

This study aimed to identify how the process of signification occurs concerning the icon and devotional practices of Our Lady of Perpetual Help. For this, we used the theoretical and methodological principles of Discourse Semiotics (Greimas, 1970), a French theory that focuses on the signification of texts through the analysis of their respective structures in the relation between content and expression (Hjelmslev, 2013 [1961]), which thus produces meaning. The corpus of this work, as previously mentioned, comprises the enunciations related to the figure of Our Lady of Perpetual Help, with a specific focus, for analytical demonstration, on the practices occurring at the Santuário Estadual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (State Shrine of Our Lady of Perpetual Help), placed in Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brazil – as it has been the shrine that most extensively reproduces practices of this popular devotion in the country. More precisely, the corpus is organized into: a) the Novena of Our Lady of Perpetual Help – through the rite recorded in the *Novenário*/Pocketbook, the practice itself, and its online maintenance during the Covid-19 pandemic, through the recording of the rite on YouTube; b) the Icon of Our Lady of Perpetual Help and its placement in the sacred space; and c) excerpts of enunciations of Perpetual Help as the patroness of a place, in this case, selected excerpts include the litany and the consecration of the patroness of Mato Grosso do Sul, recited during the mass on the patroness's day at the same locus in question. For the analysis, the methodology of the generative process of meaning was employed, using the concepts of the fundamental level, the narrative level, and the discursive level in content analysis, as well as chromatic, eidetic, and topological categories in the pictorial expression analysis of the icon. Furthermore, this research presents tensive considerations regarding the tonicity of the ritual discourse genres in the Novena and the religious enunciators (God, Our Lady, and Saints in general) in the current Catholic rite, which, when related, exhibit a certain hierarchy. Thus, this research is situated within the tradition of semiotic studies about religion/religiosity, and based on the results obtained, we were able to understand, for instance, the textual organization of the enunciations of Our Lady of Perpetual Help, their themes and figures and how they relate, their enunciative functioning, among other contributing points. Through the dissemination of this research, we hope to introduce new semiotic objects in the religious discursive domain and provide new boundaries and meanings in the conception of the sacred in its various forms of manifestation.

Keywords: Discursive Semiotics; Religious Discourse; Marian Discourse; Religious devotion; Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul.

AZEVEDO, Renan Ramires de. **La signification de Notre-Dame du Perpétuel-Secours:** analyse sémiotique de l'Icône et des pratiques dévotionnelles. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024.

RÉSUMÉ

L'objectif général de cet étude a été celui d'identifier comment se donne le processus de signification de l'icône et des pratiques dévotionnelles de Notre-Dame du Perpétuel-Secours. Pour cela, on a utilisé les préceptes théorique-méthodologique de la Sémiotique Discursive (Greimas, 1970), théorie française qui a pour objet le sens des textes, à travers l'analyse de leurs structures, dans la relation entre contenu et expression (Hjelmslev, 2013 [1961]) qui, ainsi, produit de la signification. Le corpus de ce travail, comme on a dit précédemment, sont les énoncés liés à la figure de Notre-Dame du Perpétuel-Secours. À des fins de démonstration analytique, on se concentre sur les pratiques qui ont eu lieu dans le Sanctuaire d'État Notre-Dame du Perpétuel-Secours, situé à Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brésil – en vue d'être le Sanctuaire qui reproduit le plus les pratiques de cette dévotion populaire dans le pays. Plus précisement, le corpus est organisé dans les parties suivantes : a) la Neuvaine de Notre-Dame du Perpétuel-Secours – à travers le rite enregistré dans le Novenaire/ Livre de Poche, la pratique en soi et sa maintenance en ligne face à la pandemie de Covid-19, par moyen de l'enregistrement du rite sur YouTube; b) l'Icône de Notre-Dame du Perpétuel-Secours et sa disposition dans l'espace sacré ; et c) des parties sélectionnées des énoncés de Perpétuel-Secours comme patronne d'un lieu, dans ce cas, ont été choisies la *litanie* et la *consécration* de la patronne de Mato Grosso do Sul, priées à la messe au jour de la patronne dans ce même endroit. Pour l'analyse, on a utilisé la méthodologie du parcours génératif du sens, via les concepts du niveau fondamental, du niveau narratif et du niveau discursif dans l'analyse du contenu, et les catégories chromatiques, eidétiques et topologiques, dans l'analyse de l'expression visuelle de l'icône. En outre, cette recherche présente quelques considérations tensives sur la *tonicité* des genres du discours rituel dans la neuvaine et des énonciataires religieux (Dieu, Notre-Dame et des Saints en général) dans le rite catholique en cause qui, en rapport, présentent une certaine hiérarchie. Ainsi, cette recherche s'inscrit dans la tradition des études sémiotiques sur la religion/religiosité. À partir des résultats appris, on a pu comprendre, par exemple, l'organisation textuelle des énoncés de Notre-Dame du Perpétuel-Secours, quels sont leurs thèmes et figures et comment ceux-ci sont liés, leur fonctionnement énonciatif, entre autres points de contribution. Avec la diffusion de cet étude, nous espérons présenter de nouveaux objets sémiotiques dans le domaine discursif religieux et apporter de nouvelles limites et significations à la conception du sacré dans ses formes de manifestation les plus variées.

Mots-clés: Sémiotique Discursive; Discours Religieux; Discours Marial; Dévotion religieuse; Sanctuaire de l'État de Mato Grosso do Sul.

Lista de Figuras

Figura 1 – Ícone original de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....37
Figura 2 – Virgem de Eleousa, ou Ícone de Vladimir.....38
Figura 3 – Virgem da Amamentação e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....39
Figura 4 – Fachada do Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul.....44
Figura 5 – Pedra fundamental do Santuário Estadual do MS.....45
Figura 6 – Captura de tela da Lei Nº 5.121/2017, publicada em Diário Oficial On-line.....46
Figura 7 – Brasão do ano jubilar do centenário da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo
Socorro.....47
Figura 8 – Esquema canônico do quadrado semiótico.....56
Figura 9 – Ilustração sobre Livro de bolso.....65
Figura 10 – Os três níveis de prática no que concerne ao discurso religioso: fundação, fidelização e divulgação.....69
Figura 11 – Tipologia de gradação de ícones religiosos.....71
Figura 12 – Oposição entre sagrado e profano.....74
Figura 13 – Gradação do espaço tensivo do templo.....75
Figura 14 – Parte Carta de Agradecimento da Novena no novenário.....85
Figura 15 – Transmissão da primeira Novena on-line no canal oficial do Santuário no Youtube.....100
Figura 16 – Sacerdote celebrante da Novena on-line.....101
Figura 17 – Transmissão com o todo espacial sagrado em seu entorno.....104
Figura 18 – Ícone original de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....106
Figura 19 – Elementos verbais no ícone.....107
Figura 20 – Correspondência dos textos verbais em grego às figuras visuais.....108
Figura 21 – Anjos presentes no ícone.....108
Figura 22 – Ícones do Perpétuo Socorro no espaço sagrado do templo.....111
Figura 23 – Ícone do PS no presbitério do templo 1.....112
Figura 24 – Ícone do PS no presbitério do templo 2.....113
Figura 25 – Gráfico tensivo sobre Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....118
Figura 26 – Gradações de sentido das orações católicas considerando o enunciatário... 119
Figura 27 – Discurso ritual como ação programada.....121
Figura 28 – Combinação e hierarquização dos critérios - enunciatário e gênero textual – das práticas-textos marianos presentes na Novena.....123
Figura 29 – Graus de intensidade no decorrer da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....124

Lista de Quadros

Quadro 1 – Concílios que trataram sobre o uso de imagens em ritos.....32
Quadro 2 – Novena no Novenário/Livro de bolso.....42
Quadro 3 – Marcos históricos do Santuário Estadual do MS.....46
Quadro 4 – Percurso Gerativo do Sentido.....53
Quadro 5 – Categorias da semiótica plástica.....60
Quadro 6 – Estrutura canônica do gráfico tensivo.....62
Quadro 7 – Oferecimento.....77
Quadro 8 – Primeira oração presente no novenário.....78
Quadro 9 – Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem, presente no Novenário.....80
Quadro 10 – Oração pelas Vocações presente no novenário.....81
Quadro 11 – Invocações à Mãe do Perpétuo Socorro.....82
Quadro 12 – Invocação a São José presente no novenário.....83
Quadro 13 – Carta I.....86
Quadro 14 – Carta II.....88
Quadro 15 – Intenções e Bênçãos presentes no novenário.....89
Quadro 16 – Bênçãos presentes no novenário.....90
Quadro 17 – Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro.....92
Quadro 18 – *Ato de consagração* presente no Novenário.....94
Quadro 19 – Textos da Novena analisados no Novenário/Livro de bolso.....96
Quadro 20 – Distinção entre os gêneros na Novena.....97
Quadro 21 – Categorias da expressão do ícone do Perpétuo Socorro.....110
Quadro 22 – Categoria mínima fundamental do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.....114
Quadro 23 – Percurso fundamental do ícone do Perpétuo Socorro.....114
Quadro 24 – Ladainha da Padroeira – NSPS em MS.....115
Quadro 25 – Consagração à padroeira de MS.....116

Lista de Esquemas

Esquema 1 – Partes do livro de bolso/Novenário do Perpétuo Socorro.....42
Esquema 2 – Esquema actancial de bênçãos a Deus.....91
Esquema 3 – Esquema actancial de bênçãos a Deus com a intermediação mariana...92
Esquema 4 – Actorialização da Novena no novenário.....98
Esquema 5 – Esquema actancial do rito da Novena on-line.....101
Esquema 6 – Actorialização da prática da Novena no templo.....120

Siglas

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CLG	Curso de Linguística Geral
CV II	Concílio Vaticano II
MS	Mato Grosso do Sul
NSPS	Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
PGS	Percurso Gerativo do Sentido
PPGEL	Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens
SC	Sacrosanctum Concilium
Semioms	Grupo de Pesquisa de Semiótica de Mato Grosso do Sul
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Sumário

INTRODUÇÃO 17
Estruturação do trabalho desenvolvido 22
CAPÍTULO 1 – "NO PRINCÍPIO ERA O MITO": elementos e valor histórico-cultural e teológico do objeto religioso 25
1.1 Do mito ao rito, da crença à religião: cristianismo e catolicismo em questão 26
1.1.1 Concílios e o uso de imagens na crença católica 29
1.1.1.1 O concílio de Nicéia II 30
1.1.1.2 IV Concílio de Constantinopla 30
1.1.1.3 Concílio de Trento 30
1.1.1.4 Concílio Vaticano II 31
1.1.2 O valor e a figura de Maria na tradição católica 32
1.1.2.1 *Theotokos* e as representações iconográficas de Nossa Senhora 34
1.2 A Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 36
1.2.1 Breve história do Ícone de NSPS 36
1.2.2 Preceitos iconográficos do Perpétuo Socorro 38
1.2.2.1 A influência da arte bizantina no ícone 39
1.3 A Novena Perpétua 41
1.3.1 A Novena Perpétua no Brasil e no Mato Grosso do Sul 43
1.3.1.1 Historiografia do Santuário Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 44
1.3.2 O Jubileu mundial de 100 anos de Novena do PS 47
CAPÍTULO 2 – A TEORIA SEMIÓTICA DE BASE LINGUÍSTICA: o percurso, a epistemologia e seus conceitos 49
2.1 Da Semiologia, em Saussure, à Semiótica Discursiva, de Greimas 49
2.2 A Semiótica Discursiva - uma teoria da significação 51
2.2.1 O Percurso Gerativo de sentido - PGS 52
2.2.1.1 Dos conceitos metodológicos do PGS utilizados nesta pesquisa 54
2.2.1.1.1 Do Nível fundamental 54
2.2.1.1.2 Do Nível narrativo 56
2.2.1.1.3 Do Nível discursivo 58
2.2.2 Semiótica Plástica 59
2.2.3 Semiótica Tensiva 61
2.2.4 Gêneros do discurso no *corpus* 63
2.3 Semiótica e religião 66

2.3.1 O cenário dos estudos semióticos de Discurso Religioso 68
2.3.2 Categorias de Discurso Religioso (fundador, fidelizador e divulgador)..... 69
2.3.3 História da Arte religiosa e a Semiótica 70
2.3.4 Espaço sagrado em termos semióticos 72
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE SEMIÓTICA DAS PRÁTICAS DO PERPÉTUO SOCORRO 76
3.1 Análise da Novena do Perpétuo Socorro 76
3.1.1 A Novena no novenário/livro de bolso 76
3.1.1.1 O Oferecimento da Novena 77
3.1.1.2 Análise de Orações da Novena 79
3.1.1.3 Análise das Invocações 82
3.1.1.4 Análise Cartas de Agradecimento 85
3.1.1.5 Análise das Bênçãos 89
3.1.1.6 Ato de Consagração - Mãe do Perpétuo Socorro 94
3.1.1.7 O todo de sentido da Novena no novenário 95
3.1.2 A Novena no discurso on-line e a pandemia 98
3.2 Análise do Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro 105
3.2.1 Maria e Imagem: análise do Ícone oficial do Perpétuo Socorro..... 105
3.3 A Padroeira de um lugar: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no rito da Missa da Padroeira de MS..... 114
CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES TENSIVAS SOBRE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO 118
4.1 Novena enquanto prática tensiva 120
CONCLUSÃO 126
REFERÊNCIAS..... 129
ANEXOS 139

INTRODUÇÃO

> Em vez de explicar a ação ritual a partir do conteúdo de fé, como um mero conteúdo representativo, temos que tomar o caminho inverso: aquilo que no mito pertence ao mundo teórico da representação, o que nele é mero relato ou narrativa em que se crê, temos que entender como uma interpretação mediata daquilo que está vivo imediatamente na ação do homem e em sua paixão ou vontade (Cassirer, 2004, p. 78-79).

Pertencente à Linha de Pesquisa Práticas e Objetos Semióticos, Área de Concentração de Linguística e Semiótica, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS), a presente dissertação, iniciada no ano de 2022[1], fundamenta-se no espaço teórico francês da Semiótica Discursiva, de Algirdas Julien Greimas. É por esse viés teórico, que este trabalho tem como objetivo principal analisar, de forma objetiva, por método científico, o processo de significação, funcionamento discursivo e a produção de sentidos de discursos/práticas religiosas católicas, mais especificamente as voltadas à devoção[2] de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – NSPS. Este objetivo emerge a partir do presente questionamento de pesquisa: como se constroem os sentidos do ícone religioso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e suas práticas devocionais?

Dessa maneira, como objetos do *corpus* de análise deste trabalho, temos: a) a Novena Perpétua, que inclui como objeto - o texto ritualístico do Novenário[3] da Novena e a transmissão on-line/gravação desta prática (realizada pela primeira vez no período da pandemia); b) representação iconográfica de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – que inclui o ícone[4] propriamente dito, popularizado no mundo todo, e a relação de uma de suas réplicas com o espaço sagrado em que está inserida; c) análise de enunciados do Perpétuo Socorro enquanto padroeira de um lugar: recorte da Ladainha e da Consagração do "dia da padroeira"[5].

---

[1] Embora, institucionalmente, esta pesquisa tenha se iniciado no ano de 2022, a proposta foi definida pelo autor em 12 de dezembro de 2019, data em que se iniciou a pesquisa e a escrita do pré-projeto que viria a ser submetido no presente programa de pós-graduação dois anos depois.

[2] *Devoção* significa: "por um lado, amar em seu íntimo a figura religiosa de que se é 'devoto' e, por outro, prestar-lhe, exteriormente, as devidas homenagens, que os medievais chamavam de obsequia ou reverentia" (Boff, 2006, p. 399).

[3] *Novenário* é um *livro de bolso* que contém o rito da Novena escrito. Tais noções serão melhor desenvolvidas no tópico 2.5.

[4] Caro, leitor, ao proferirmos o termo *ícone*, não se trata, em momento algum, à noção segundo Charles Pierce, da semiótica estadunidense, mas o termo aqui empregado refere-se à tradição iconográfica.

[5] Dia da padroeira é nome que se dá ao dia comemorativo do respectivo santo que nomeia determinada igreja, isto é, no caso das igrejas que possuem o nome de "Nossa Senhora do Perpétuo Socorro", o dia da

Necessário apontar que tanto o ícone quanto a Novena e a comemoração do Ano Jubilar são práticas internacionais, institucionalizadas pela Igreja Católica, replicadas, integralmente, nas igrejas em que se aderem essa devoção. Para fins analíticos, estabelecemos como recorte para demonstrações de análise, especificamente, as referidas práticas no Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado em Campo Grande, capital do referido Estado[6], tendo em vista ser uma das maiores expressões religiosas dessa devoção no Brasil (Grzywarcz, 2008). A partir disso, discorremos, a seguir, uma apresentação geral e descrição dos objetos que são analisados no decorrer desta dissertação.

A Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como uma prática difundida internacionalmente, é: "um modo de rezar continuamente a Nossa Senhora [...] a cada hora, em alguma parte do mundo há alguma Igreja onde se está celebrando esta Novena" (Lima, 2007, p. 3). Enquanto texto, o rito da Novena é registrado em um Novenário[7] organizado, arquitetonicamente, em quatro partes, são elas: uma parte introdutória; a parte do rito propriamente dito, que inclui 19 (dezenove) breves momentos/textos/orações; a parte dos cânticos, que inclui a letra de 15 (quinze) canções; e, por fim, uma parte que se refere ao devoto, com informações gerais sobre ações e atividades da instituição religiosa.

Para esta oportunidade de análise, recortamos somente a segunda parte do novenário, a parte do rito propriamente dito. Sobre as dezenove orações presentes nesse recorte, incluem-se: 6 (seis) "enunciados/momentos de celebração" – Cântico Inicial, Acolhida, Liturgia da Palavra, Ofertório, Eucaristia e Cântico final; e 13 (treze) momentos/orações específicas da Novena do PS – "Intenções da Novena", "Oferecimento", "Invocações a Mãe do Perpétuo Socorro", "Oração", "Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem", "Invocação a São José", "Oração pelas Vocações", "Carta de Agradecimento", "Intenções e Bênçãos", "Bênção dos Doentes", "Benção dos Artigos Religiosos", "Benção com Ícone da Mãe do Perpétuo Socorro" e, por fim, o "Ato de Consagração à Mãe do Perpétuo Socorro". Os seis primeiros apontados, "enunciados de celebração", não foram incluídos na análise tendo em vista que são recorrentes em

referida santa é comemorado como dia da padroeira. No caso de NSPS, sua festividade é comemorada todo dia 27 de junho.

[6] Vale ressaltar que, em 2017, foi sancionada a Lei n° 210/2017 que institui Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como padroeira do Estado de Mato Grosso do Sul, consequentemente, fez com que a igreja de seu nome se tornasse *Santuário Estadual*.

[7] Novenário é um livro de bolso em que se tem escrito o rito de alguma Novena.

outras práticas desta religião, como a missa, ou seja, não são enunciados do âmbito da devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como é o objetivo deste estudo. Por esse viés, a transmissão on-line da Novena de NSPS, do dia 23 de fevereiro de 2020[8], também foi incluída no *corpus* de análise, já que foi verificada como uma atualização digital da prática, em decorrência da pandemia da Covid-19.

Propomos analisar, também, o Ícone do Perpétuo Socorro, levando em consideração a imagem original do ícone (Redentoristas, 1997). Para análise da expressão topológica do ícone, consideramos os ícones do referido santuário, como recorte, os ícones presentes no espaço do presbitério[9] em cotejamento com os ícones presentes na nave[10] da igreja, para apreciação analítica. Por mais que o referido Santuário obtenha outras unidades deste ícone, dispostos em outros espaços, essa escolha ocorreu devido aos casos apontados estarem mais diretamente presentes no (con)texto do santuário, entre a relação dos fiéis com o divino desta crença.

Por fim, sobre o último elemento do *corpus,* analisamos o discurso da devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro enquanto padroeira de um lugar. Para isso, recortamos a Ladainha e a Consagração proferidas nas missas da padroeira celebradas nos anos de 2022, 2023 e 2024, enunciados do Estado de Mato Grosso do Sul.

Apresentados, pontualmente, os objetos que foram selecionados para serem analisados neste trabalho, passamos à revisão da literatura que evidencia a necessidade da realização deste estudo e de seu lugar científico em construção, dada a escassez de pesquisas dessa natureza, sobretudo no que diz respeito à perspectiva semiótica.

Como justificativa deste trabalho, apresentamos uma breve revisão da literatura acerca da temática, da perspectiva teórica e das metodologias de pesquisa de trabalhos que, para além dos clássicos, se aproximam, ora mais, ora menos do nosso, mas não tratam especificamente desta proposta. Nessa revisão, tais dados bibliográficos foram delineados por meio de pesquisa em bancos de dados como Google Acadêmico, *Scielo* e o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES e por meio da pesquisa com as palavras-chaves “Semiótica e discurso religioso católico”, “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, “Análise semiótica de Nossa Senhora”, “Novena e Ícone do Perpétuo Socorro”, considerando trabalhos no período abrangente de 2000-2023.

---

[8] Disponível em: <https://youtu.be/xBrKCrBVy64>. Acesso em: 19 maio 2024.

[9] Geralmente acima de escadas, é o espaço no templo onde se localizam o altar e os celebrantes.

[10] Espaço no templo onde ficam os fiéis.

Dessa maneira, em nossa revisão de literatura, encontramos escassez de estudos em semiótica sobre a temática central, destacando-se estudos de outras perspectivas teóricas-epistemológicas. Em primeiro lugar, seguem algumas pesquisas acadêmicas que tomaram a Novena de NSPS como objeto de estudo. Lucas Ribeiro Strugala (2014), em seu trabalho monográfico, analisa a Novena em Curitiba-PR sob um viés etnográfico e antropológico da religião (Strugala, 2014, p. 9). Já Milene Chiqueto dos Santos, em sua dissertação de mestrado em desenvolvimento local, observa a Novena ocorrida em Campo Grande - MS, analisando o impacto econômico social da prática religiosa (Santos, 2015, p. 14). Ambos os trabalhos, ainda que tenham a Novena como *corpus* de análise, descrevem o ícone e a história do Perpétuo Socorro de forma breve, sem maiores aprofundamentos. Não podemos deixar de mencionar, ainda, o estudo de Karina Medeiros de Lima e Kárita C. Francisco que tratam a Novena como um fenômeno folkcomunicacional, ou seja, as autoras concluem que a Novena possui, enquanto prática, elementos que conjugam a relação entre folclore (tradição popular) e a comunicação de massa (mídia) (Lima, 2007).

No que concerne aos estudos que se em empenham estudar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, destaca-se o estudo de Tamanini (2016) que analisou ícones e seus respectivos espaços de escrita. Neste estudo, o autor trata da iconografia bizantina e aponta, brevemente, sobre o surgimento do ícone do Perpétuo Socorro (Tamanini, 2016, p. 11). Lemos (2018), ao desenvolver estudos voltados às questões de religião e catolicismo, trata em um de seus artigos sobre o sentido da presença de Maria nas práticas religiosas da tradição católica, todavia aborda o Perpétuo Socorro a partir da noção empírica de alguns entrevistados (Lemos, 2018, p. 47). Mais recentemente, temos o trabalho de Costa (2020) que ressalta as representações do arquétipo feminino do ícone (Costa, 2020).

Dos estudos de semiótica sobre discurso religioso, de maneira geral, percebemos que, em sua maioria, voltam-se às Sagradas Escrituras, ou discurso fundador[11], como objeto central de análise. Diferentemente, a dissertação e a tese[12] de Silva (2007, 2012) tratam sobre práticas religiosas, contudo apoiam-se em outras arbitrárias materialidades no intuito de categorizá-las. Além desses, destaca-se, ainda, a publicação de Blanco (2008). Blanco não só se utiliza da semiótica para analisar o discurso religioso, como

[11] Conceito entendido a textos da Bíblia como objetos de análise, teoria cunhada por Orlandi e semiotizada por Silva (2012).
[12] Que mais tarde foi publicada como livro (Silva, 2020).

investiga, sob a mesma perspectiva, os sentidos da prática sacramental do rito da Missa sob o espaço sagrado. Nesse sentido, o autor desenvolve algumas considerações pertinentes sobre o espaço tensivo em questão e os ritos que nele acontecem. Nosso trabalho não se trata de uma repetição dos estudiosos citados, pois não propomos a análise da Santa Missa, por exemplo, mas, na mesma perspectiva, analisamos práticas religiosas outras, da denominação religiosa da Igreja Católica Apostólica Romana, ainda não exploradas pela perspectiva proposta.

Para além dos fundadores, dos estudos mais relevantes de semiótica visual – desdobramento da semiótica discursiva que analisa textos de expressão visual – destacam-se, no Brasil, Teixeira (1996, 2001) e Pietroforte (2007). Contudo, esses autores não tomam textos imagéticos religiosos ou de iconografia religiosa como objeto de análise. Alguns estudos que estão mais próximos de nossa proposta são: o capítulo de livro de Silva (2020) - que analisa a Cruz Bizantina de São Damião; e o artigo científico publicado no periódico *EntrePalavras*, de Azevedo e Silva (2023), que analisam o texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida[13].

No que concerne à análise de imagens em um espaço sagrado, María Isabel Castillo Bohórquez (Universidad de Los Andes) realizou uma leitura dos vitrais do Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em San Cristobál, na Venezuela, porém não se utiliza do recurso teórico-metodológico da semiótica para tal, relacionando, a partir de uma perspectiva comparatista, os vitrais às passagens da Bíblia (Bohórquez, 2008).

Já que analisamos a Novena transmitida on-line, durante a pandemia da Covid-19[14], ressaltamos um estudo sobre semiótica e o evento discursivo em questão, de autoria de Bertrand e Darrault-Harris (2021). Os autores analisam a pandemia a partir de três frentes. A primeira intitulada ‘flutuação do gênero’ a qual, grosso modo, vai se referir à crise do uso do “[o] ou [a] Covid-19”; A segunda, por sua vez, chamada ‘abalo na esfera actancial’, os autores tratam sobre a seguinte afirmação: “entre as figuras actanciais disponíveis, o Covid aparece como o protótipo do antissujeito. Encarnação perfeita e absoluta do mal, não há nada de bom que se aproveite” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 326). Por fim, os autores postulam: i) que todo movimento contra a disforia do

[13] Este estudo foi realizado durante o percurso desta pesquisa de mestrado, associado, de forma paralela, a esta dissertação.

[14] Covid-19 foi uma infecção respiratória aguda causada pelo vírus SARS-CoV-2 que tomou proporção pandêmica, ou seja, global, no ano de 2020, de modo a promover-se a prevenção por meio do isolamento social total. Nesse período, portanto, as instituições públicas e sociais, tais como as de ensino, as religiosas, dentre outras, atualizaram suas ações, realizando-as de modo virtual.

acontecimento pandêmico da Covid-19 é tido como um contraprograma narrativo do sujeito ameaçado; e ii) que as campanhas ou as marcas ‘todos contra COVID-19” instauram um actante coletivo comum no presente período. De maneira geral, dentre outros conceitos instituídos, a contribuição de Bertrand e Darrault-Harris (2021) faz-se essencial na colocação do presente trabalho, já que analisamos a Novena on-line, transmissão tida como atualização da prática procedente à pandemia.

Sobre os aspectos metodológicos utilizados da teoria semiótica na realização do presente estudo, destacamos que, para análise do Novenário, analisamos somente o plano do conteúdo, utilizando partes dos três níveis de análise do percurso gerativo do sentido (Greimas, 1966), tais como: tematização, figurativização, enunciação – do nível discursivo; percurso narrativo e narratividade – do nível narrativo; e categorias tímicas e categoria mínima fundamental – do nível fundamental. Para apreensão da expressão, que foi o caso da análise dos ícones, utilizamos as categorias da expressão plástica (Floch, 1985), a saber, cromática, eidética e topológica. Por fim, pontuamos, ainda, o uso de ferramentas da semiótica tensiva para as discussões do último capítulo, como noções das operações tensivas de *tonicidade* e *andamento* no âmbito da *intensidade* nas demonstrações temáticas. Todos esses conceitos serão teorizados no capítulo II.

Vale, por fim, ressaltar que vemos a importância do presente trabalho tanto para a comunidade acadêmica, nos âmbitos da semiótica, da linguística, dos estudos de religião e da filosofia da linguagem, que entenderiam novos objetos de estudo e suas respectivas significações, quanto para os interessados em geral na temática e fiéis do mundo todo à devoção perpétua, sobretudo os da comunidade conterrânea do sul-mato-grossense, em especial, dado que esta figura religiosa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é considerada padroeira do referido estado. Passamos, a seguir, à organização conferente ao discorrimento da presente dissertação.

Estruturação do trabalho desenvolvido

A dissertação está dividida em uma introdução e quatro capítulos. Na introdução, conforme exposto, apresentamos considerações gerais da dissertação, incluindo os preceitos iniciais, a contextualização acadêmica, justificativa e, por fim, a apresentação da organização estrutural do trabalho, a seguir.

O primeiro capítulo, intitulado “No princípio era o mito”, empenha-se em demonstrar a historicidade e o valor social dos presentes objetos. Dessa maneira, nesse

se disserta sobre a história da arte em concomitância à história da igreja católica sobre suas práticas com ícones, por exemplo. Ainda, será exposto o processo histórico do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de seus precedentes iconográficos até sua disseminação internacional. Além da historicidade do ícone, são apresentados também, por um viés histórico, a prática da Novena Perpétua e o Santuário Estadual do MS, desde suas fundações e registros documentais, até suas organizações hodiernas no espaço social e discursivo.

O segundo capítulo, por sua vez, trata sobre as bases teóricas da semiótica discursiva e sobre o lugar epistemológico no qual se enquadra esta pesquisa. Nele, será desenvolvida a historicidade linguística da semiótica discursiva, bem como dos estudos da perspectiva sobre discurso religioso, desde Greimas (1966), até os estudos contemporâneos e brasileiros. Neste capítulo, ainda, trazemos não somente preceitos no âmbito historiográfico da teoria, mas também apresentamos os conceitos dessa historiografia que são utilizados nesta dissertação.

No terceiro capítulo, apresentamos a análise. Nele, conforme já pontuado, desde o resumo, serão considerados como objeto de análise textos e práticas de NSPS, como: a Novena do Perpétuo Socorro, enquanto texto (presente no Novenário), considerando também sua versão em discurso on-line, manutenção da prática advinda da pandemia da Covid-19; o ícone do Perpétuo Socorro, texto pictórico mariano – considerando a imagem e sua espacialidade no espaço tensivo do templo; e, por último, a análise do enunciados de NSPS como padroeira de um lugar, neste caso, recortamos a consagração e a ladainha de NSPS como padroeira do estado de MS. Diante disso, o capítulo terceiro se subdivide em três grandes subcapítulos: i) análise da Novena; ii) análise dos ícones em seus respectivos espaços; iii) análise de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro enquanto padroeira de um lugar – análise da ladainha e da consagração da padroeira de MS.

O último capítulo desta dissertação terá caráter teórico e ainda analítico, a fim de se desenvolver e estabelecer uma relação conceitual e analítica entre os preceitos semióticos e as práticas religiosas de NSPS. Tais considerações apresentam preceitos da Novena como um todo de sentido, a partir de uma perspectiva tensiva da semiótica, para se elencar características gerais a partir das análises até então já apresentadas.

Por fim, vale ressaltar que nosso objetivo é produzir ciência, pela ciência, pela análise e pela contribuição à teoria, ao obter conclusões provenientes, exclusivamente, dos subsídios e resultados que os textos-objetos evidenciarem, tendo em vista o papel

efetivo da semiótica, conforme pontua o Dicionário de Semiótica (2021): “a teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, [...] como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições de apreensão e da produção do sentido” (Greimas; Courtés, 2021 [1979], p. 455)[15]. Assim, desvencilhamo-nos, portanto, de quaisquer determinações de fé e crenças pessoais na obtenção dos nossos resultados críticos e analíticos.

[15] Os preceitos teórico-metodológicos da teoria semiótica serão melhor apresentados no tópico 2.2.1.1.

CAPÍTULO 1 – “NO PRINCÍPIO ERA O MITO”: elementos e valor histórico-cultural e teológico do objeto religioso

> [...] o mito, extraído do meio em que ele é, constitui uma explicação do homem para aquilo que é inexplicável, o que significa que é uma súmula do conhecimento de cada cultura a respeito das grandes questões com que o ser humano sempre se debateu. Isso possibilita duas leituras do mito: uma temática, realizada pela ciência, e uma figurativa, feita pela arte. Dessa forma, o mito irriga o pensamento científico e a realização artística, ele continua a alimentar todas as formas de aprender a realidade (Fiorin, 2016, p. 9).

O presente trabalho configura um entre-lugar de discussão que, a partir de seu viés científico, procura explicar fenômenos linguístico-discursivos da religião, evidenciada aqui por meio da análise científica do texto verbal e da arte, não verbal, assim fazendo estabelecer-se a relação compreendida por Fiorin (2016, p. 9): “No princípio era o mito. Depois surge a ficção. Mais tarde ainda aparece a ciência. [...] Hoje, depois de os mitos terem sido declarados mortos, estão bastante vivos. Nos subterrâneos, nutrem a ficção, a utopia e a ciência”.

Sob esse viés, a proposição deste estudo em se observar a maneira como os sentidos de variados textos religiosos se constroem deveu-se, em primeiro lugar, pela observação e constatação da forte popularidade e influência histórica, social e cultural que todos os elementos deste *corpus* podem possuir e se inter-relacionar. Diante disso, é objetivo deste capítulo apresentar dados e o valor histórico dos presentes elementos do *corpus*.

Em primeiro lugar, a partir de nossa perspectiva, pontuamos a relação entre semiótica e história retratada por Fiorin (2011), que postula:

> A Semiótica narrativa e discursiva, herdeira de Hjelmslev, nas pegadas desse autor, não recusa a História, ela leva em conta a historicidade dos textos. É preciso, no entanto, ver como ela o faz. Evidentemente, ela recusa a ideia de que estudar a historicidade de um texto é contar anedotas a respeito de suas condições de produção: o autor (biografia etc.), o lugar, à época (Fiorin, 2011, p. 16).

Ou seja, conforme o importante autor brasileiro, é possível afirmar que a perspectiva semiótica verifica a historicidade dos textos que se empenha em analisar, e isso não quer dizer que considere os aspectos biográficos etc. como fator determinante na constatação da produção de sentido de seus respectivos textos. Acreditamos, por isso, ser necessário o movimento de, pelo menos, apresentar questões historiográficas do objeto em questão, de forma a reconhecer seu valor social e, do ponto de vista semiótico, contribuir com a teoria aplicando-a em objetos historicamente diversos,

populares e presentes na vida de uma sociedade em âmbito local e/ou universal, que não foram, ainda, explorados por esta teoria de significação.

Frisa-se, no entanto, o importante ponto evidenciado por Fiorin (2011), de que ainda que tais considerações contextuais, biográficas, históricas evidenciem o valor de um objeto, não fazem parte dos fatores contribuintes para a construção e apreensão do(s) sentido(s) de um texto, já que esta teoria semiótica possui como princípio a imanência textual. Sobre esse ponto, discutiremos mais profundamente no Capítulo segundo, o conceito, o objetivo, dentre outras questões teóricas da perspectiva e epistemologia assumida neste trabalho.

Como já dito, neste capítulo, serão apresentados, portanto, preceitos acerca do objeto propriamente dito. Comecemos a seguir considerações gerais sobre a noção de *religião* e de *denominação religiosa* para, posteriormente, dar enfoque às especificidades do *corpus*.

1.1 Do mito ao rito, da crença à religião: cristianismo e catolicismo em questão

Um importante filósofo a se pontuar sobre a relação humana com mitologias e fé, é Cassirer. Esse autor postula que o pensamento humano é constituído em três eixos, são eles: pela linguagem (Cassirer, 2001), pelo pensamento mítico (*idem.,* 2004) e pela fenomenologia do conhecimento (*idem.,* 2011). Conforme o filósofo, mito e rito possuem uma relação de significado, o segundo vem antes do primeiro e, sobre o rito, especificamente, afirma:

> [...] nenhum rito tem originalmente sentido meramente ‘alegórico’, de imitação ou encenação, mas um sentido inteiramente real: os ritos estão inseridos na realidade do agir efetivo de modo que formem um seu componente indispensável. É uma crença geral, encontrada sob múltiplas formas e nas mais diversas **formas culturais**, que a perpetuação da vida humana, e mesmo a existência do próprio mundo, repousa na correta prática dos ritos (Cassirer, 2004, p. 79, grifos nosso).

A partir disso, quando nos referimos a *rito*, referimo-nos a uma prática de determinada religião, ou melhor, de determinada instituição religiosa, que são conceitos distintos e necessários diante do conhecimento sobre o contexto teórico teológico em que se inserem os objetos semióticos desta pesquisa.

Religião, segundo Durkheim (2000), é: “[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas

aderem” (Durkheim, 2000, p. 32). A partir desse ponto, conferimos uma concepção de religião como algo sistematizado, grosso modo estrutural, e que se vincula a práticas e crenças que refletem diretamente à dualidade *sagrado-profano.* Para o filósofo, cada religião se coaduna com seu respectivo *sagrado* que se sobrepõe ao *profano* (*ibidem.*).

Nesse sentido, religião é uma perspectiva *lacto sensu*, enquanto instituição religiosa, *strictu sensu*. Tais considerações são necessárias serem pontuadas pois, por exemplo, o discurso protestante se categoriza pertencente à mesma religião que o discurso católico, cristianismo, contudo, trata-se de outra denominação religiosa – portanto, com outras características discursivas -, neste caso, podendo ser, luterana, batista, dentre outras. Dessa maneira, afirmamos que todos os textos, sincretismos e práticas analisadas neste trabalho são pertencentes à fé cristã, mais especificamente, à denominação religiosa e discursiva do catolicismo.

O catolicismo refere-se à igreja Católica Apostólica Romana. Segundo o Catecismo[16] (2017, p. 215), a palavra “igreja” é: [‘*ekklésia*’, do grego ‘*ekkaléin*’ ‘chamar fora’] significa ‘convocação’. Designa assembleias do povo, geralmente de caráter religioso”. Ainda conforme o referido documento: “a palavra ‘católico’ significa ‘universal’, no sentido de ‘segundo a totalidade’ ou ‘segundo a integridade’” (*idem.*, p. 239), e “a igreja é apostólica por ser fundada sobre os Apóstolos [...]” (*idem.,* p. 247)

Esta última premissa evidencia, portanto, que essa denominação foi fundada durante o período dos Apóstolos, sendo instituída, conforme o documento supracitado, pelo próprio Jesus Cristo: “O Senhor Jesus iniciou sua Igreja. [...] Para cumprir a vontade do pai, Cristo inaugurou o Reino dos Céus na terra” (*idem.*, p. 219). Por fim, o documento postula que a difusão dessa igreja se deu a partir do acontecimento de Pentecostes[17]: “a Igreja se manifestou publicamente diante da multidão e começou a difusão do Evangelho com a pregação” (i*dem.,* p. 220). Ressalta-se que, a partir daí, o tempo histórico do ocidente passa a ser registrado como “antes de Cristo (a. C) e depois de Cristo (d. C)”, ou seja, a referida denominação religiosa, ainda com influências do judaísmo – devido ao fato de seus fundadores terem se originado nessa cultura – passa a desenvolver uma tradição que perdura há mais de 2000 anos, desde a vinda de seu profeta em questão.

[16] Ou seja, conforme evidenciado pelas Sagradas Escrituras.

[17] A festividade religiosa do *Pentecostes* é: “a festa de 50 dia depois da Páscoa, das prlmícias (os primeiros frutos da terra e os primogênitos dos homens que deveriam ser oferecidos a Deus)” (Maia, 1966, p. 157).

Essa denominação religiosa se concretizou através do tempo por meio de três pilares basilares, igualmente importantes: sagrada escritura; sagrada tradição; e o sagrado magistério.

A sagrada escritura refere-se aos escritos da *Bíblia* que, por sua vez, subdividem-se em Antigo Testamento e Novo Testamento. O Antigo Testamento refere-se aos acontecimentos judaicos precedentes à vinda do profeta Jesus Cristo; por outro lado, o Novo Testamento narra os acontecimentos da chegada e estada do referido profeta até sua ida ao Céu.

A cerca da questão dos costumes, conforme Blanco (2008), a tradição da igreja funciona da seguinte maneira:

> por continuidade temporal e espacial de sua transmissão. Manter uma tradição consiste, antes de tudo, em saturar os relevos enunciativos: a tradição está viva e pode se reconstituir, [...] uma cadeia temporal ininterrupta de enunciações, pois essa continuidade sem rachadura garante a presença sustenida e potencial de origem (Blanco, 2008, p. 47 - tradução nossa)[18].

Em outras palavras, a tradição católica se empenha em garantir que os hábitos e costumes dos primórdios da igreja não se percam no tempo e permaneçam o mais próximo possível de sua formação de origem. Em linhas gerais, a tradição além de ser testemunhos escritos, é o que garante as práticas rituais perdurarem através dos tempos no cotidiano cristão, isso inclui os ritos com a presença de ícones e também a noção de que o local onde se reproduz consagração se torne espaço sagrado[19].

O sagrado magistério, por sua vez, envolve a cultura da formação e do ensinamento sobre a fé. Maia (1966, p. 127), no *Pequeno dicionário católico*, define o magistério da igreja católica como: “o oficio que ela [a igreja] tem de ensinar a doutrina, confiado por Cristo, sendo, como é, depositária dos mistérios da fé [...]”, ou seja, combinada com a tida sagrada tradição e com a sagrada escritura, o sagrado magistério fomenta e manutene a consistência religiosa do catolicismo.

A partir disso, a igreja em questão perpassou várias épocas e eras da história e, além de tais fatores externos, a igreja católica também perpassou acontecimentos internos, como os Concílios ecumênicos, os quais (re)definiram e/ou atualizaram dogmas e costumes presentes na rotina religiosa.

---

[18] Tradução nossa para o trecho original: “por continuidad temporal y espacial de su transmisión. Mantener una tradición consiste, ante todo, en saturar los relevos enunciativos: la tradición está viva si se puede reconstituir, [...] una cadena temporal ininterrumpida de enunciaciones, pues esa continuidad sin grietas garantiza la presencia sostenida y potencial del origen” (Blanco, 2008, p. 47).

[19] Conceito que será posteriormente apresentado, no tópico 2.4.4, em termos semióticos.

1.1.1 Concílios e o uso de imagens na crença católica

> Existe no cristianismo uma relação entre estes dois polos, a saber, o divino transcendental e o humano terreno. [...] as imagens são imprescindíveis para a fé cristã [...] (Scomparim, 2008, p. 11).

Considerando a noção, macro, de religião e de instituição religiosa, esta seção tem como intuito expor, brevemente, como se deu, ao longo da história, a inserção de imagens nas práticas de fé católicas. Para isso, nos baseamos nos preceitos de Bellitto (2016) que conta a história detalhada dos 21 concílios da igreja católica e nos preceitos de Scomparim (2008), autor que trata sobre iconografia católica.

Primeiramente, sobre *o que é um concílio?*, Bellitto (2016, p. 17) responde que:

> Os concílios gerais são encontros convocados pelo papa (embora nem sempre tenha sido este o caso) em que se reúnem os bispos da Igreja (embora possa haver outros participantes). Os concílios não são convocados de modo regular e em uma data preestabelecida, mas sim na medida em que se fazem necessárias para que a Igreja [...] possa abordar os principais temas que se apresentam em determinado momento (tipicamente religiosos, mas algumas vezes políticos também).

Ou seja, são reuniões convocadas de tempos em tempos, conforme a necessidade de reflexão e manutenção do pensamento e conceitos da própria instituição, frente às temáticas e discussões que a sociedade de cada tempo requer. Dessa mesma maneira, desde a instituição da Igreja Católica pelo profeta Jesus Cristo, a sociedade continuou a se desenvolver em variados aspectos e em variados tipos de práticas outras, como o uso de imagens na devoção religiosa.

Lassus (1978) retrata que: “foi talvez por razões pedagógicas ou por uma profunda necessidade de retratar caracteres e acontecimentos do texto sagrado que os cristãos muito cedo se voltaram para a ilustração de livros” (Lassus, 1978, p. 81), ou seja, muito possivelmente, os primeiros registros pictóricos religiosos registrados foram representações não verbais em correspondência ao texto verbal sagrado. Diante dessa prática desenvolvida, portanto, “a doutrina do culto das imagens não foi sistematizada logo de início, mas ela surgiu da necessidade de a comunidade cristã responder a desafios históricos determinados” (Scomparim, 2008, p. 17), assim, com essa discussão emergente, desde o primeiro milênio, a igreja elencou-a em alguns de seus concílios, a fim de (re)estabelecer a doutrina, como veremos a seguir.

1.1.1.1 O concílio de Nicéia II

O primeiro concílio a se destacar é o Concílio de Nicéia II, que ocorreu no ano de 787. Esse encontro teve como uma de suas principais premissas: “se os fiéis deveriam ou não venerar os ícones que representavam Jesus, Maria e os santos. Esse debate sobre o iconoclasmo[20] consumiu o Império Romano Ocidental” (Bellitto, 2016, p. 52). A partir dessa discussão, o referido concílio definiu, num primeiro momento, que as representações religiosas teriam caráter sagrado, dando anuência à exposição e veneração das mesmas em templos e em outros espaços, incluindo tanto a representação do Cristo, na Cruz, como as de Maria e de santos em geral (Scomparim, 2008). Este concílio é tido como o de maior autoridade nesta questão.

1.1.1.2 IV Concílio de Constantinopla

Passados quase 100 anos do Concílio de Nicéia II, inicia-se, no ano de 869, o IV Concílio de Constantinopla, o último dos concílios do Primeiro Milênio (Bellito, 2016). Este encontro em questão foi realizado não só com o intuito de se discutir questões políticas da época, mas também de recapitular algumas pautas dos concílios anteriores, incluindo o uso das imagens nas práticas de oração.

1.1.1.3 Concílio de Trento

Partindo de outro contexto histórico, o Concílio de Trento foi aberto no ano de 1545, podendo ser divido em três períodos distintos: o primeiro de 1545 a 1548; o segundo em 1552; e o terceiro de 1562 a 1563. Esse concílio ocorreu na época do embate protestante, ou seja, foi um encontro promovido a fim de se remarcar o que era dogmático católico e que não fazia sentido para a doutrina. Dessa maneira, foi um encontro em que se reafirmou que a igreja católica não se baseava somente nas Sagradas Escrituras, como a corrente protestante pregava, mas também na Sagrada Tradição, a partir dos documentos conciliares, das decisões papais e dos costumes da tradição oral-cultural (Bellitto, 2016). Assim, por meio desses tópicos centrais, outros pontos foram abordados sobre a reafirmação, sem novidades, do costume católico

[20] Nas palavras de Scomparim (2008, p. 13): “O *iconoclasmo* é o nome que se dá à repressão violenta promovida pelos imperadores bizantinos ao culto de imagens, que durou mais de um século e que fez incontáveis vítimas”.

referente ao uso de imagens: “o Concílio de Trento lembrava aos cristãos que o Concílio de Niceia II, em 787, já havia ensinado sobre o uso apropriado das imagens ao discutir sobre os erros que haviam sido cometidos pelos iconoclastas” (Bellito, 2016, p. 249) e, a partir disso, ficaram, inclusive, mais atentos às reproduções visuais e à autenticidade de imagens, relíquias e milagres que, popularmente, se produziam, como forma de preservar a identidade e os significados da respectiva fé.

1.1.1.4 Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II – CV, último Concílio ocorrido até a hodiernidade, é tido como um dos maiores e mais importantes da história da Igreja Católica, ocorrido nas estações de outono de 1962 a 1965, Bellito (2006, p. 181) afirma que: “[...] cada período outonal do Concílio Vaticano II teve a sua própria composição, estilo, andamento, conflitos, resoluções e anedotas”. Além dessa distinção, “o Concílio Vaticano II foi o primeiro concílio geral em que os microfones, câmeras, telefones e luz elétrica estiveram presentes” (I*dem.,* p.177).

Este encontro passou por um detalhado contexto de convocação (*idem.*) mas que, nesta oportunidade, resumiremos. O CV II foi pensado e iniciado pelo Papa João XXIII que pretendia mobilizar a igreja do mundo todo de forma coletiva e integral. Dessa maneira, o referido Papa expandiu a participação deste concílio para os representantes religiosos católicos de todas as regiões, incluindo, também, representantes cristãos não católicos para discussões e ações conjuntas. Este papa faleceu no ano de 1963, dando lugar ao Papa Paulo VI.

Sob o mesmo viés, Paulo VI definiu continuidade ao Concílio sob os mesmos parâmetros e perspectivas – de reforma e coletividade, ampliando a participação do Concílio aos fiéis (*Idem.*). Sendo o maior e o mais diferente da história dessa Igreja, o Concílio Vaticano frutificou a produção de um documento que totaliza 315 páginas, dividido em 16 documentos[21] que “foram responsáveis por diversas mudanças de paradigma” (*idem.*, p. 182).

Perante uma perspectiva de reforma e renovação do século XX, o referido concílio abordou temáticas como *A igreja e o mundo*, *o que é igreja?*; *Leigos e a educação*

[21] Os respectivos 16 documentos frutos do CV II estão disponíveis, em 14 a 15 idiomas, no *site* do Vaticano: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm>. Acesso em: 2 jun. 2024.

religiosa; *Bispos, sacerdotes e freiras na igreja*; *Católicos, cristãos e outras tradições de fé;* e E*scrituras e liturgia* (Bellito, 2016), sobre esse último tópico, o arquivo intitulado *Sacrosanctum Concilium* – SC trata, especificamente, da questão de imagens, em: "125. Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam, no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa" (Paulo XI, 1963, s/p.).

Em resumo histórico sobre tais acontecimentos da realização da prática e da existência de ícones, como nosso objeto de análise, esquematizamos o quadro a seguir:

Quadro 1 – Concílios que trataram sobre o uso de imagens em ritos

Concílio de Nicéia II	IV Concílio de Constantinopla	Concílio de Trento	Concílio Vaticano II
787	869-870	1545-1548 1552-1552 1562-1563	1962-1965

Fonte: (elaboração própria).

Tais preceitos foram destacados com o intuito de se apresentar os preceitos teológicos e históricos do presente objeto e seu contexto religioso submetidos à análise. Ainda nesta esteira, a seguir apresentaremos os aspectos sociais e historiográficos, características gerais, do recorte *Nossa Senhora do Perpétuo Socorro* e suas práticas e espaços de *presença*.

1.1.2 O valor e a figura de Maria na tradição católica

A partir do conhecimento histórico acerca da prática teológica do uso de imagens, portanto, textos pictóricos, nas práticas de fé católicas – e marianas[22] – esta seção se empenha em apresentar preceitos históricos e conceituais sobre o valor religioso da figura feminina de Maria na tradição religiosa católica.

Nossa Senhora, na concepção católica, segundo o Catecismo da Igreja[23] é tida como: "[...] a Virgem Maria é para a Igreja o *modelo de fé* e da caridade. [...] No entanto,

[22] Referente à figura religiosa de Maria.

[23] Segundo o próprio documento: "O Catecismo tem por objetivo apresentar uma exposição orgânica e sintética dos conteúdos essenciais e fundamentais da doutrina católica tanto sobre a fé como sobre a moral, à luz do Concílio Vaticano II e do conjunto da Tradição da Igreja" (Catecismo, 2017, p. 15).

seu papel em relação à Igreja e a toda humanidade vai ainda mais longe (Catecismo, 2017, p. 273, grifo nosso). Quando falamos sobre *modelo* de fé, ressaltamos a noção segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), em sua obra *Tratado da argumentação*: nova retórica, que escrevem:

> O modelo indica a conduta a seguir, serve também de caução a uma conduta adotada. [...] O fato de seguir um modelo reconhecido, de restringir-se a ele, garante o valor da conduta; portanto, o agente que essa atitude valoriza pode, por seu turno, servir de modelo: [...] Santa Tereza será inspiradora da conduta dos cristãos, porque ela própria tinha Jesus como modelo (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005, p. 415).

Em outras palavras, os santos de maneira geral são tidos, segundo à tradição religiosa, como modelos de conduta a serem imitados, ou seja, igualmente ao exemplo pontuado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) sobre Santa Teresa, Nossa Senhora também é tida como uma figura de inspiração de conduta e modelo de fé católico, conforme também apontado pelo Catecismo (2017, p. 273), anteriormente. Para além do importante documento, as Sagradas Escrituras também evidenciam esta importância, conforme o excerto a seguir:

> Maria, mãe de Jesus, é narrada, no Novo Testamento, como a mulher do silêncio, pois toda a atenção, de fato ela conduz a seu filho, Jesus Cristo. Em vários trechos do Novo Testamento encontramos Maria como a mulher fiel ao plano de Deus e obediente ao chamado desse Senhor (Cf. Lc 1, 26-38; Mt 1, 18, Jo 2,5)" (Missionários Redentoristas, 2013, p. 11).

Em relação à presença de Maria na Tradição Católica, tal exercício se dá devido aos processos históricos e institucionais que a religião perpassou através do tempo. Dessa maneira, as devoções se popularizaram tomando distintas denominações que, grosso modo, é um movimento que ocorre em razão das "diferentes" "Nossas Senhoras" serem uma forma de inculturação e de expressão de sua proximidade materna (Grzywacz, 2018). Talvez daí venha o próprio termo "Nossa Senhora".

Sobre essa denominação comum, "nossa senhora", Léon-Dufour (2013), no *Vocabulário de Teologia Bíblica*, define que:

> A *rainha-mãe* – Um papel especial parece saber à mãe do rei, que só ela, diversamente da esposa, goza de uma honra particular junto do príncipe reinante. Dava-se-lhe o nome de 'Grande Senhora', como no caso de Betsabé (1Rs 11, 1s.). Esse costume poderia esclarecer o fato de aparecer a maternidade no contexto do messianismo real; e é interessante assinalar o papel da mãe de Jesus, que na piedade se tornou 'Nossa Senhora' (Léon-Dufour, 2013, p. 558, grifos do autor).

Ou seja, a figura religiosa em questão firma-se numa posição importante no âmbito da fé e de suas práticas religiosas, refletindo seu grande valor na cultura e

tradição do catolicismo. Nesse sentido, associando tal relevância ao surgimento de práticas em torno da referida figura religiosa, Kuryluk (1993) afirma:

> O primeiro passo importante em direção ao culto da Virgem foi tomado pelo **Concílio de Éfeso em 431**. Ele confirmou a perfeição da humanidade de Cristo e intitulou Maria a ser considerada *Theotokos* (Concebedora de Deus) (Kuryluk, 1993, p. 96, grifo do autor).

Assim, ao admitir uma "humanidade divina de Cristo", a Igreja Católica assume, a partir do ponto de vista teológico, a pessoa de Maria como concebedora dessa "humanidade divina", portanto, tal figura religiosa passa a ser considerada como *Theotokos*, ou seja, aquela que concebeu o ser divino (*Idem*.).

Por fim, nesta seção, conclui-se, em linhas gerais, que a respectiva figura de *Nossa Senhora* possui um valor dogmático na cultura e na fé católica, de forma a refletir na existência de práticas discursivas específicas através do tempo. A seguir, trataremos sobre a denominação *Theotokos*, a que Kuryluk (1993) se refere e, por conseguinte, sobre as representações visuais, ou iconográficas, a partir dessa titulação religiosa.

1.1.2.1 *Theotokos* e as representações iconográficas de Nossa Senhora

Nesta seção, damos enfoque às representações visuais, artísticas e iconográficas de *Nossa Senhora*. Para isso, associamos os preceitos de três autores, a saber, Kuryluk (1993), Leloup (2006) e Grzywarcz (2018), que se complementam nos fatos históricos da história e conceituação de *ícone*.

De início, Kuryluk (1993) escreve sobre os primeiros registros artísticos oficiais que retratavam a figura de Maria na história do catolicismo:

> [...] o primeiro retrato 'verdadeiro' da Virgem e seu filho - pretensamente pintado por São Lucas - foi descoberto por Eudócia, a esposa do Imperador Teodósio II (408-450) e incorporado, em 450, à coleção imperial de relíquias Constantinopla. **Esse ícone santo inspirou outras pinturas comuns, e a demanda por eles cresceu em proporção** à popularidade dos festivais da Virgem (Kuryluk, 1993, p. 97, grifo nosso).

Paralelamente, associado ao Concílio de Éfeso em 431 que dispôs a titulação de *Theotokos* à figura de Maria como *concebedora de Cristo* (*idem.)*, passou-se a se difundir "mil e uma maneiras de representar *Theotokos*" (Leloup, 2006, p. 92). Dentre essas maneiras de representação, o estudioso complementa que: "a tradição ortodoxa distingue **quatro matrizes iconográficas fundamentais**: a trona, a que ora, a que mostra o caminho e a Misericordiosa. Com base nesses tipos, até duzentas e trinta variantes foram repertoriadas" (Leloup, 2006, p. 92, grifo nosso). Grzywarcz (2018, p.

192), por sua vez, acrescenta mais um tipo de ícone mariano, totalizando **cinco tipos**, são eles: “1. Reinante; 2. Orante; 3. *Hodigitria* – do caminho; 4. *Eleousia* – carinhosa – ou de Vladmir; e 5. Sofredora – da paixão”. Tais categorias estão no âmbito da teologia, e não, ainda, da semiótica discursiva.

Vale ressaltar, a exemplo da denominação “de Vladimir”, que o nome dos ícones se remete ao seu lugar de origem, no caso de Vladimir, é o nome de uma cidade na Rússia, fato que é explicado por Leloup (2006): “além de sua significação teológica, a designação de um ícone da *Theotokos* faz, com frequência, referência a seu lugar de origem. As cidades russas de Vladimir, Iaroslavl, Smolensk, Tver, Tichvin, Korsun, Kazan, Novgorod, e outras emprestam seus nomes a ícones célebres” (Leloup, 2006, p. 92).

Da mesma maneira, Aguirre (1950) afirma que: “Essas imagens têm muitos nomes, quase sempre indicando o lugar de origem – de Quersoneso, [...] de Jerusalém etc. Umas vezes indicam o sentimento que seus autores queriam que a imagem inspirasse os fiéis como a Ternura *~lycophillrssa,* a do Doce amor etc.” (Aguirre, 1950, p. 204 – tradução nossa[24]), talvez seja por isso que Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é também conhecida como *Nossa Senhora da Paixão*.

A partir dos presentes fatos históricos apresentados, as representações marianas começam a fazer parte das práticas religiosas e devocionais católicas, conforme Shneider (1991):

> [...] tais representações de Nossa Senhora [...] em seus diversos mistérios, adquiriram uma veneração especial pelo que representam e pelos milagres que operam. Tomam um nome e se estabiliza sua iconografia como expressão de um significado teológico ou como meio de atividade milagrosa. Por elas se operam milagres (Shneider, 1991, p. 17).

Em outras palavras, a devoção mariana se associou às práticas visuais religiosas católicas, de modo a se reproduzir e a se estabelecer iconografias variadas como expressão de significado de fé, história e milagres. A seguir, apresentamos uma breve linha do tempo com marcos históricos sobre a prática ritual com imagens e o valor das mesmas na igreja católica.

---

[24] Tradução nossa para o trecho original: “Estas imágenes tienen muchísimos nombres, casi siempre indicando el lugar de origen v. gr. del Quersoneso […] de Jerusalén, etc. Unas veces indican el sentimiento que sus autores querían que la imagen inspirara a los fieles como de la Ternura, *~lycophillrssa* o dulce amor etc.” (Aguirre, 1950, p. 204).

1.2 A Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Já perpassadas as considerações referentes à noção de *religião*, de i*nstituição religiosa* e da figura de *Nossa Senhora* no catolicismo, passamos agora à apresentação da historiografia e dos conceitos de iconografia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

1.2.1 Breve história do Ícone de NSPS

> O **ícone bizantino** denominado “Mãe do Perpétuo Socorro” saiu da ilha de Creta a Roma, no século XV, onde hoje, na igreja Santo Afonso, é objeto de grande veneração e, enquanto imagem devocional, é famosa num âmbito geográfico muito maior (Grzywarcz, 2018, p. 297, grifo nosso).

Assim como o primeiro retrato da Virgem lembrado por Kuryluk (1993), apontado na seção anterior, a imagem objeto deste estudo pode ter sido produzida, também, por São Lucas: “há uma antiga tradição que atribui sua autoria a São Lucas” (Shneider, 1991, p. 19), contudo, a linhagem do Perpétuo Socorro especificamente, não foi encontrada ou difundida em Constantinopla, mas em Creta:

> O quadro, digno produto da **arte bizantina**, foi exposto à veneração pública numa igreja da ilha de Creta [...] O povo católico, que se sentiu atraído pelo quadro cheio de simbolismos, passou a rezar diante dele com grande confiança e não ficou desiludido. Logo se ouviu falar de graças extraordinárias alcançadas e isto evidentemente aumentou a fama do quadro (Shneider, 1991, p. 21, grifo nosso).

Portanto, em Creta, o quadro começou a adquirir popularidade conforme se evidenciavam acontecimentos tidos como milagrosos a partir da reza ao ícone. Sobre sua dimensão física, Rocha (2005, p. 19) expõe que: “O quadro original de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é pintado em madeira de lei e mede 53 x 41,5 cm”.

Depois disso, no séc. XV, o quadro foi levado a Roma por um comerciante, e começou a ser venerado no Santuário de São Mateus (Grzywarcz, 2008). Outro autor, Leloup (2006, p. 94), também afirma que: “Nós a encontramos **em Roma**, **em 1499** [séc. XV], na igreja do Apóstolo Mateus, sob o nome de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, onde ficou por 300 anos (Shneider, 1991, grifo nosso).

A partir disso, no fim do século XVIII, Roma é invadida pelos franceses e a igreja é destruída. Até que, em 1866, o Ícone Perpétuo é retomado pelo Papa Pio IX e é

confiado aos Missionários Redentoristas[25] para ser difundido no mundo todo (Shneider, 1991). Contando a mesma história, Dias (2019) contextualiza que:

> 2 — A Idade Moderna (sécs. XVI a XVIII) viu-se logo confrontada com o Protestantismo e a ridicularização das práticas devocionais ao culto de Maria. Por isso, a reação católica* atiçada, ainda mais incrementou o culto e a devoção a Nossa Senhora, criando festas como a do Rosário, a das Mercês, a do Nome de Maria, instituindo com o papa Clemente VIII (4- 1606) a prática de coroar, como sinal de realeza, as imagens de Maria e de a proclamar rainha de diversos países (França, Espanha, Portugal), propagando a reza do Rosário e do Terço e espalhando as ladainhas lauretanas. A heresia jansenista do séc. XVII, com todo o seu rigorismo, também contribuiu para a devoção a Maria. Fundaram-se ordens religiosas consagradas a Nossa Senhora sob diversas invocações e alguns santos tornaram-se paladinos dessa onda de devoção. Para além de S. João Eudes (+1680) a fomentar o Culto do Coração de Maria, S. Luis Grignion de Monfort (+1716) com os padres monfortinos espalhou a devoção de Nossa Senhora, Rainha dos Corações e escreveu o «Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge», Paris, 1843, tradução portuguesa, 1895; Sto. Afonso Maria de Ligório (+1787) com os **padres redentoristas** instigou a devoção a **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro** e escreveu «As glórias de Maria», Paris, 1750, tradução portuguesa, 1799 (Dias, 2019, p. 229, grifo nosso).

Nesses passos, a congregação difunde até na contemporaneidade a devoção pelo mundo, reproduzindo a Novena e o ícone, Figura 1, por onde passam.

Figura 1 - Ícone original de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Fonte: (Redentoristas, 1997, p. 2).

[25] Redentorista é uma congregação da Igreja Católica. Congregações são “grupos religiosos” de dentro da própria instituição religiosa que possuem sua própria identidade nas vestimentas e nos santos de devoção, dentre outros fatores.

A partir disso, a devoção “firmou-se como a devoção Mariana mais internacionalizada existente atualmente” (Shneider, 1991, p. 82). Por conseguinte, a devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se faz presente também no Brasil, por meio de variados santuários em variadas cidades do país, a exemplo da cidade de Curitiba - PR e de Campo Grande - MS.

A fim de apresentar o tipo do ícone do Perpétuo Socorro, dentre as representações de *Theotokos*, passemos, a seguir, à seção “História da arte: a iconografia do ícone do Perpétuo Socorro”.

1.2.2 Preceitos iconográficos do Perpétuo Socorro

Nesta seção, trazemos considerações sobre o aspecto artístico do ícone, ressaltamos a discussão referente ao tipo de ícone em que se insere o do PS, a partir de preceitos históricos. Tamanini (2016), ao apresentar linhagens de ícones bizantinos, dentre vários, topicaliza o ícone bizantino da Virgem de *Eleousa*, ou denominado, também, como *Ícone de Vladimir*, na íntegra a seguir:

Figura 2 - Virgem de Eleousa, ou Ícone de Vladimir

Ícone de Vladimir. Reprodução. Acervo do autor.

Fonte: (Tamanini, 2016, p. 23).

A partir da apresentação deste ícone, Tamanini (2016, p. 24) afirma que: “alguns traços particulares deste ícone deram lugar à confecção de outros, conhecidos e

venerados nas igrejas de tradição ocidental: o ícone da *Virgo Lactans*, e o ícone de **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**", respectivamente:

Figura 3 - Virgem da Amamentação e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Virgem da Amamentação. Reprodução. Acervo do autor.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Reprodução. Acervo do autor.

Fonte: (Tamanini, 2016, p. 24).

Portanto, nesse raciocínio, segundo Tamanini (2016), a origem do Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro deu-se como derivação do ícone de *Eleousa*. Por outro lado, estudos de Shneider (1991), Leloup (2006) e Grzywarcz (2018) afirmam que o ícone perpétuo é de linhagem de *Hodegetria*: "esse tipo de ícone pertence ao grupo de *Hodegetria*, isto é, aquela que mostra o caminho" (Grzywarcz, 2018, p. 198).

Diante do contraste que revela incerteza da origem e linhagem iconográfica do ícone, considera-se a imagem da Figura 1 como a mais disseminada dentre os estilos e variações do ícone até a contemporaneidade. A partir disso, passemos, a seguir, sobre considerações do ícone como fruto da arte bizantina (Shneider, 1991).

1.2.2.1 A influência da arte bizantina no ícone

> [...] essa representação, atribuída a são Lucas, é comum no Oriente e no Ocidente (Leloup, 2006, p. p. 94).
>
> Entre os temas que a tradição cristã transmitiria às gerações seguintes, alguns foram tratados originalmente em estilo helenístico e outros em estilo oriental (Lassus, 1978, p. 83).

Quando falamos em *arte bizantina*, nos referimos a um estilo de arte próprio advindo da época do Império Romano, mais especificamente ao império da região de Constantinopla, atual Istambul, na Turquia. Diante disso, Lassus (1978) caracteriza a arte bizantina da seguinte maneira: "A arte imperial de Constantinopla era sensível a estas inovações, ocupando, por sua vez, uma parte considerável no desenvolvimento da arte cristã que foi afetada, portanto quase desde o início por uma **influência oriental**, **mesclada às tradições helenísticas** que floresciam em ambas as partes do império" (Lassus, 1978, p. 83, grifo nosso), ou seja, o estilo artístico da arte bizantina sofreu tanto influência ocidental, frente à dominação romana, quanto oriental, frente à posição geográfica distinta em que se difundiu a cultura romana.

Sobre a influência ocidental, dita *tradição helenística*, Lassus (1978) descreve:

> [...] o estilo helenístico é espaçoso, leve, flexível e gracioso, cheio de figuras fluentes, movimentando-se num mundo tridimensional, conseguido com efeitos de *chiaroscuro* (claro-escuro). O desenho cria figuras vivas às quais as cores sombreadas dão profundidade e volume. As roupas são afetadas pelo vento e pelo sol, os rostos destinados a exprimir sentimento e, no cenário, os edifícios afirmam sua solidez e as árvores são tocadas pelo vento (Lassus, 1978, p. 83).

Paralelamente, sobre a influência oriental, destacamos, nas palavras do autor, que:

> O estilo oriental, por outro lado, tende a apresentar o mundo em duas dimensões. O espaço é abolido e substituído por fundos de uma única cor forte — azul-profundo ou ouro-brilhante. Quando o fundo — edifícios ou paisagens — não é suprimido, tende a ser pouco mais do que indicações de uma cena sem perspectiva ou ilusão. As figuras perdem seus corpos e tornam-se séries de contornos frontais. O tratamento dos brocados é achatado e mecânico e suas dobras uma série de linhas geométricas, substituindo o modelado por uma repetida decoração colorida ou um jogo abstrato de linhas. As características faciais são desenhadas forte e simetricamente sobre uma superfície achatada onde os grandes olhos, envoltos na contemplação do Além, brilham com um esplendor sobrenatural. Estamos num mundo hierático e magnificente, que evoca, com certos gestos adequados, cenas transportadas do mundo real para o da liturgia (*ibidem*.)

A partir disso, Aguirrer (1950) exemplifica:

> O menino Jesus, se a Virgem estiver representada com ele, geralmente é, totalmente vestido, já que a iconografia bizantina não permite a nudez em imagens sagradas, com excessão natural do Crucifixo. Se alguma vez se encontrar alguma imagem da Santíssima Virgem que tenha o menino semi desnudo, pode se assegurar, sem medo de se equivocaer, que se trata de um artista influenciado pela arte ocidental (Aguirre, 1950, p. 202 – tradução nossa[26]).

[26] Tradução nossa para o trecho original: "El niño Jesús, si la Virgen está representada con él, está de ordinario, vestido por conpleto pues la iconografía bizantina no permite el desnudo en las imágenes sagradas a excepción naturalmente del Crucifijo. Si alguna vez se encuentra alguna imagen de la Santísima Virgen que tenga al niño semi desnudo, se puede asegurar sin miedo, a no riivocarse que procede de un artista influído por el arte occidental" (Aguirre, 1950, p. 202).

O autor ainda se refere à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, especificamente, quando afirma que, em todos os ícones bizantinos marianos, há a presença de alguns atributos como o manto, as estrelas e a criança – seu filho, Jesus, dizendo que aí está o motivo de todos os ícones bizantinos parecerem muito iguais na perspectiva ocidental (*Idem*., p. 204).

Sobre o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Rocha (2005, p. 19-20, grifo nosso) descreve: “Tem um **fundo de ouro**, que rodeia toda a imagem. É considerado um ícone mariano com **rico simbolismo** de formas e cores. Nele, há quatro figuras sacras: a Virgem Maria com o menino Jesus em seu braço esquerdo; nos lados, os anjos Gabriel e Rafael, segurando instrumentos da paixão”, tais elementos, que serão melhor explorados no capítulo de análise, são, por sua vez, traços do estilo bizantino.

1.3 A Novena Perpétua

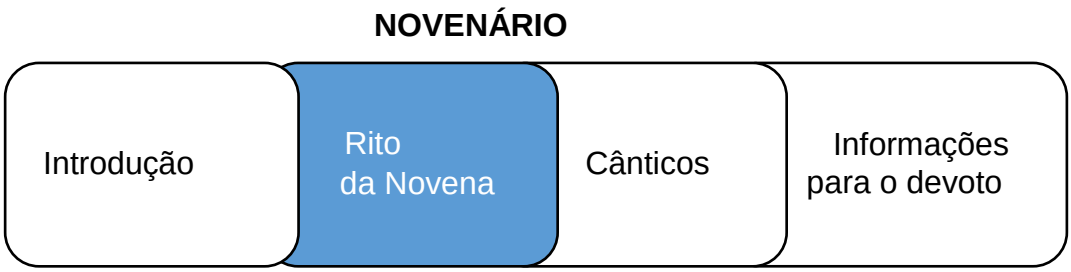
Seguindo a perspectiva do presente capítulo, esta seção pretende apresentar o objeto de análise *Novena do Perpétuo Socorro*. Antes de tudo, esclarecemos: *O que é Novena*? Maia (1966, p. 140, grifo do autor) nos responde, definindo Novena como: “(lat. Novena = nove) - o espaço de nove dias de especiais orações dedicadas a determinado santo ou mistério, a fim de obter favores celestes [...]”, da mesma forma, a *Novena do Perpétuo Socorro* ocorre em um período de nove dias em devoção à NSPS, objeto deste estudo.

Sobre o surgimento da Novena perpétua, Grzywarcz (2008) nos conta que:

> A Novena Perpétua (de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) começou em 11 de julho de 1922, na igreja de Santo Afonso, em Saint Louis, nos Estados Unidos, mas somente em 1928 foi batizada com esse nome pelo Pe. Henrique Sutton. A estrutura da Novena foi originada pelo Pe. André Browne, que se inspirou numa reza que a ‘Arquiconfraria’ desde 1926 vinha fazendo a cada terceiro domingo do mês, e que ele considerava insuficiente para satisfazer a devoção dos fiéis (Grzywarcz, 2008, p. 199-200).

É por isso que, em 2022, a Novena completou 100 anos de atividade, daí a comemoração do Jubileu, Ano Jubilar (2021-2022), em comemoração ao centenário em questão. Como guia para os fiéis, desenvolveu-se o livro de bolso, denominado “Novenário” (Maia, 1966), presente no anexo I para demonstração, contendo quatro partes: i) uma breve introdução histórica da devoção; ii) o rito da Novena; iii) cânticos temáticos; e iv) mensagens/informações aos fiéis; esquematizadas a seguir:

Esquema 1 – Partes do livro de bolso/novenário do Perpétuo Socorro



Fonte: (elaboração própria).

Dessas quatro partes, recortamos para análise somente a segunda, a parte do rito da Novena propriamente dito. A estrutura desse rito possui 19 momentos/partes, apresentados(as) a seguir:

Quadro 2 – Novena no Novenário/Livro de bolso.

Ordem dos enunciados da Novena
Cântico Inicial (p. 2)
Acolhida (p. 2)
Intenções da Novena (p. 2)
Oferecimento (p. 3)
Invocação à Mãe do Perpétuo Socorro (p. 3)
Oração (p. 5)
Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem (p. 5)
Liturgia da Palavra (p. 6)
Ofertório (p. 7)
Eucaristia (p. 7)
Invocação a São José (p. 8)
Oração pelas Vocações (p. 9)
Cartas de Agradecimento
Intenções e Bênçãos (p. 10)
Bênção dos Doentes (p. 11)
Bênção dos Artigos Religiosos (p. 12)
Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro (p. 13)
Ato de Consagração – Mãe do Perpétuo Socorro (p. 13)
Cântico Final

Fonte: (elaboração própria).

Sob essa composição, a Novena se popularizou nos mais variados continentes, sobretudo no Brasil, contexto esse que será desenvolvido no tópico a seguir. Um adendo, consoante à Tabela 1, sobre a Novena no novenário, ressaltamos que as partes em escuro não foram incluídas no *corpus*, devido ao fato de o objetivo da pesquisa não incluir cânticos e nem partes que não são genuinamente do Perpétuo Socorro, por exemplo, as partes “liturgia da palavra”, “Ofertório” e “Eucaristia” são ritos que estão presentes nas mais gerais práticas católicas, como no rito da missa.

1.3.1 A Novena Perpétua no Brasil e no Mato Grosso do Sul

No Brasil, os primeiros redentoristas a fixarem residência foram os missionários holandeses, em 06 de julho de 1893, os quais ficaram alguns meses na cidade de Mariana – MG para aprenderem português. Esses instalaram sua primeira comunidade, no dia 26 de abril de 1894, em Juiz de Fora – MG, iniciando suas primeiras atividades apostólicas e pastorais, promovendo a respectiva devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Missionários Redentoristas, 2013, p. 24).

Posteriormente, no Brasil, instalaram-se na cidade de Aparecida – SP, Campinas – GO, e assim sucessivamente: “Belo Horizonte - MG (1902), Penha – São Paulo – SP (1905), Curvelo – MG (1906), Rio de Janeiro – RJ (1907), Araraquara – SP e Pelotas – RS (1920), Campos – RJ (1923), Congonhas do Campo – MG (1924), **Aquidauana – MS** (1930), Salvador – BA e **Campo Grande – MS (1933)**, Ponta Grossa – PR e Bela Vista – MS (1934), Tietê – SP (1936) [...]” (*idem.*, p. 25, grifo nosso). Em outras palavras, a Novena tem se desenvolvido em variadas cidades, demonstrando alta popularidade e forte expressão cultural-religiosa no Brasil como um todo, abrangendo as cinco regiões do país.

Grzywarcz (2018) cita que, na Bahia, por exemplo, a prática acontece em três horários da quarta-feira, sendo 7h, 18h e 20h, pelo menos até o ano da publicação do autor. Em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, a prática acontece também às quartas-feiras, mas sendo uma celebração por hora, das 6h às 23h, totalizando mais de quinze celebrações em um mesmo dia. Assim, justifica-se o recorte desta pesquisa ser Campo Grande - MS, devido a esta ser a cidade de maior recorrência e atividade das referidas práticas no Brasil.

Nesse sentido, em um contexto histórico, a Novena no Mato Grosso do Sul começou antes da construção da igreja em que é realizada, conforme Lima (2007) aponta:

> Em Mato Grosso do Sul, a primeira Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro aconteceu em junho de 1930, em Aquidauana e foi realizada pelo Pe. Afonso, da Vice-Província de São Paulo. Já em Campo Grande, as Novenas são realizadas às quartas-feiras, ininterruptamente, **desde 1936**, quando a Igreja foi construída pelos missionários Redentoristas (padres **Francis Mohr** e Alphonse Hild), vindos de Baltimore, EUA, para propagar a devoção a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e divulgar o ícone (Lima, 2007, p. 3, grifo nosso).

Em outras palavras, em 2024, a respectiva prática completa 94 anos de atividade no referido Estado e 88 anos de atividade na capital, consolidando-se como uma prática popular, histórica e parte da construção da identidade religiosa dessa região. Passemos agora à apresentação do contexto histórico da igreja *locus* deste estudo: o Santuário Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

1.3.1.1 Historiografia do Santuário Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nesta seção, abordamos considerações históricas acerca do Santuário recorte que nos proporcionou apreendermos o *corpus* de discurso religioso católico *in loco*. Segue uma fotografia da fachada da igreja:

Figura 4 - Fachada do Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul

Fonte: (acervo pessoal).

Marques (2001), ao tratar do processo de construção da missão redentorista em Campo Grande (MS), afirma que: “em 23 de dezembro de 1938, o Município doou o terreno à Congregação Missionária do Santíssimo Redentor. A igreja foi inaugurada em 03 de agosto de 1941 com projeto do engenheiro-arquiteto Maximilian Stülhbeker” (Marques, 2001, p. 240). Assim, no final dos anos de 1930, a Congregação Redentorista se instaura na capital do MS e, com ajuda da prefeitura, constrói uma de suas casas. Segue, no anexo II, a Ata de Inauguração do Santuário Estadual de MS.

Apesar de Marques (2001) pontuar a data de inauguração da igreja, não assegura o ano em que a esta começou a ser construída. Nesse sentido, Lima *et al.* (2011, p. 25) complementam que: “embora a paróquia tenha sido criada no ano de 1939, a pedra fundamental do Templo foi lançada no ano de 1940”, ou seja, o ano em que a igreja começou a ser construída, efetivamente. A seguir, uma imagem da pedra fundamental da igreja marcando o ano de 1940:

Figura 5 - Pedra fundamental do Santuário Estadual do MS

Fonte: (acervo pessoal).

Portanto, vale ressaltar que, no dia 21 de janeiro de 2020, a pedra fundamental do templo do Perpétuo Socorro completou 80 anos, demarcando historicamente tanto os 90 anos da presença da congregação redentorista na região sul-mato-grossense quanto a devoção perseverante ao tempo da própria população local. Para facilitar a compreensão da sucessão dos fatos históricos apontados nesta seção, organizamos o seguinte quadro:

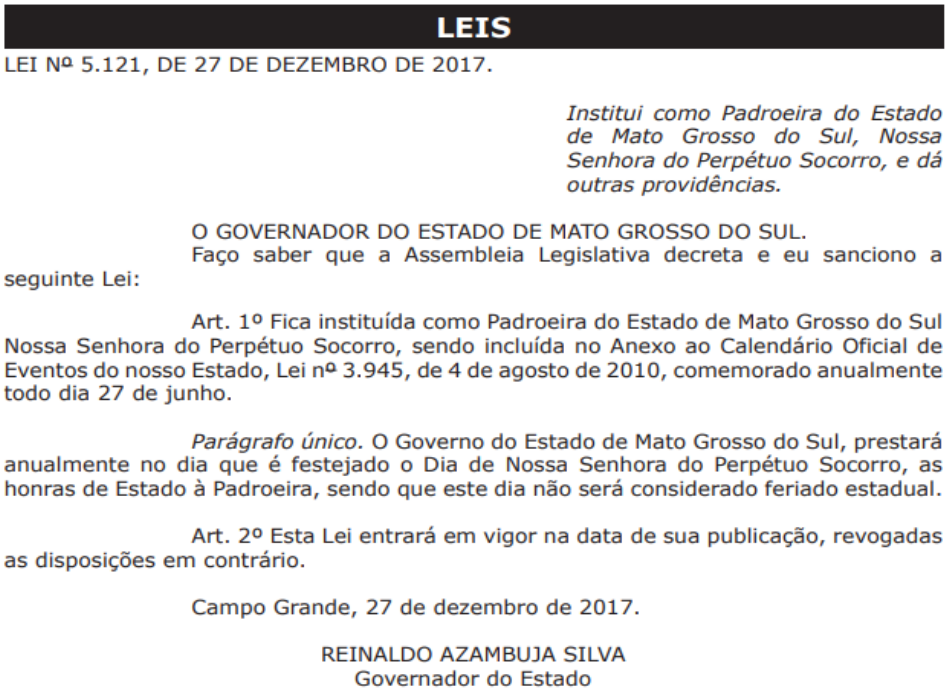
Quadro 3 – Marcos históricos do Santuário Estadual do MS

1938	1939	1940	1941	2017
Doação do terreno da prefeitura.	Criação da paróquia.	Lançamento da Pedra Fundamental da igreja.	Inauguração da igreja.	Lei “Padroeira do Estado”.

Fonte: (elaboração própria).

E, por fim, em 2017, foi sancionada a Lei Nº 5.121/2017 que institui Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como padroeira do Estado de Mato Grosso do Sul, conforme o registro a seguir:

Figura 6 – Captura de tela da Lei Nº 5.121/2017, publicada em Diário Oficial On-line.



LEIS

LEI Nº 5.121, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2017.

Institui como Padroeira do Estado de Mato Grosso do Sul, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.
Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituída como Padroeira do Estado de Mato Grosso do Sul Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sendo incluída no Anexo ao Calendário Oficial de Eventos do nosso Estado, Lei nº 3.945, de 4 de agosto de 2010, comemorado anualmente todo dia 27 de junho.

Parágrafo único. O Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, prestará anualmente no dia que é festejado o Dia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, as honras de Estado à Padroeira, sendo que este dia não será considerado feriado estadual.

Art. 2º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campo Grande, 27 de dezembro de 2017.

REINALDO AZAMBUJA SILVA
Governador do Estado

Fonte: (Mato Grosso do Sul, 2017, p. 1).

Dessa maneira, a referida figura religiosa em questão assume um papel, para além do âmbito religioso, ainda mais relevante e importante na constituição da identidade cultural e religiosa da população campo-grandense e sul-mato-grossense. A publicação oficial apresentada reflete na titulação da referida igreja como Santuário Estadual de Mato Grosso Sul.

1.3.2 O Jubileu[27] mundial de 100 anos de Novena do PS

No decorrer do apresentado percurso histórico da prática da Novena, no ano de 2022, o rito celebrou 100 anos de ocorrência, desde sua criação, e as igrejas que a realizam promoveram, de 2021 a 2022, a comemoração do ano jubilar[28] da prática da Novena de NSPS.

No Mato Grosso do Sul, desenvolveu-se o seguinte brasão comemorativo do ano jubilar, figura 7:

Figura 7 – Brasão do ano jubilar do centenário da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Fonte: (Santuário Estadual, 2022).

No respectivo ano comemorativo, a igreja em questão desenvolveu uma programação de celebrações e festividades em torno do marco temporal que, em pouco tempo de criação, já fazia parte da rotina das igrejas redentoristas do Brasil.

Por fim, apresentamos, neste capítulo, o *corpus* desta pesquisa, desde o que trata cada objeto até seus respectivos contextos e valores históricos, religiosos e culturais. No capítulo a seguir, explanamos sobre a fundamentação teórica-metodológica deste

[27] Jubileu é correspondente a *ano comemorativo*.
[28] A instituição religiosa católica comemora, por meio de “anos jubilares”, marcos temporais de suas crenças.

estudo, evidenciando a teoria, seus fundamentos básicos e quais de suas ferramentas, especificamente, utilizamos para as análises.

CAPÍTULO 2 – A TEORIA SEMIÓTICA DE BASE LINGUÍSTICA: o percurso, a epistemologia e seus conceitos

Dentre as variadas perspectivas dos estudos semióticos, nesta dissertação não tratamos do viés americano ou russo, mas do francês, da Semiótica Discursiva de Greimas. Este capítulo pretende, pois, contribuir em dois principais pontos. O primeiro é em relação a uma breve apresentação do percurso histórico da teoria que a teoria semiótica percorreu em sua constituição e consolidação, desde o *Semântica Estrutural* (1966), de Greimas. E o segundo é a exposição dos conceitos teóricos e metodológicos utilizados para as análises neste trabalho.

2.1 Da Semiologia, em Saussure, à Semiótica Discursiva, de Greimas

Nesta seção nos empenharemos em apresentar, de maneira geral, como emergiu a teoria semiótica, de Greimas, desde o *Curso de Linguística Geral - CLB*, de Saussure (2012 [1916]).

Saussure (2012 [1916]), ao publicar a obra que concretiza a Linguística enquanto ciência, estabelece diversos pontos importantes nas dimensões do fazer científico do estudo da língua em seus diversos níveis. O primeiro deles é estabelecer a *Língua*[29] como objeto de estudo desta ciência em que se propunha. Outros pontos centrais foram estabelecidos, como as dicotomias da Linguística, a exemplo do *significado* e *significante*, que refletiria no futuro para a discussão e o estabelecimento do que viriam a ser *semiologia* e, mais tarde, *semiótica*.

Passando à parte específica, do projeto semiológico de fato de Saussure, o dito "pai da Linguística", já em 1916, percebeu a necessidade de uma possível ciência dos signos, já nomeando-a com o título de *Semiologia*: "Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; [...] chamá-la-emos de Semiologia (do grego *semeîon*, 'signo')" (Saussure, 2012 [1916], p. 47, grifo do autor).

[29] A princípio, a noção de *Língua* segundo Saussure, afirma que a língua é "um **sistema de signos** que exprimem ideias" (Saussure, 2012 [1916], p. 24, grifo nosso), ou seja: "nesse sentido, ela – a língua - é comparável à escrita, [...] **aos ritos**, às formas de polidez, aos sinais militares etc." (Fiorin, 2013a, p. 100, grifo nosso), por esses também serem regidos por um sistema de signos, Saussure (2012 [1916]) afirma ainda que a língua "é apenas o principal desses sistemas" (Saussure, 2012 [1916], p. 24). Tais noções são importantes tendo em vista a variedade sincrética de nosso *corpus*.

Tal ciência se fazia necessária tendo em vista que, para o autor: “Ela nos ensinará sobre o que consistem nos signos, que leis os regem” (Saussure, 2012 [1916], p. 47). Fiorin (2013a) também explica: “se há uma série de sistemas de signos, que funcionam como a língua, será preciso criar uma ciência geral desses sistemas, que será denominada *Semiologia*” (Fiorin, 2013a, p. 101, grifo do autor).

A partir disso, então, a *Semiologia* adquire um lugar teórico estabelecido com demandas a partir do CLG e as condições favoráveis para o estabelecimento dessa ciência. É possível afirmar então que a *Semiótica* é proveniente da *Semiologia*? A resposta é: não necessariamente. Ambas vão lidar com *signo* de certa forma, mas enquanto uma se volta para o signo a outra [semiótica] se direcionará para a *significação*. Sobre este ponto, Fiorin (2013a) traz a seguinte proposição:

> O que levou à cisão entre a Semiologia e a Semiótica foi a posição que cada uma dessas teorias adotou em relação ao lugar da Linguística na Semiologia. [...] A Semiótica também opera uma mudança em relação à posição saussuriana [...] Não se trata mais dos signos, mas da significação, ou seja, das relações diferenciais subjacentes que produzem o discurso. Vai estudar as estruturas, que são sempre relacionais, semânticas e sintáxicas hierárquicas que produzem os sentidos dos universos discursivos (*Idem.*, p. 109).

Uma obra importante que traz sobre essa fusão de teorias é *A identidade e a diferença*, de Edward Lopes (1997). Sobre o tópico em discussão, o importante autor retrata que: “Nos finais dos anos 60 do nosso século [séc. XX], resolveu-se unificar a nomenclatura, já que apesar de algumas diferenças teóricas não havia incompatibilidade absoluta entre semiótica e semiologia” (Lopes, 1997, p. 32). O estudioso nos mostra ainda o fragmento de uma entrevista do próprio Greimas sobre essa discussão:

> Nós [Greimas e Barthes] não fazíamos distinção entre semiologia e semiótica. O problema terminológico surgiu mais tarde: quando os alunos de Banhes quiseram conservar "semiologia", malgrado a decisão das "altas autoridades". Para criar uma associação internacional de semiótica, seria preciso dispor de um termo que tivesse correspondente em inglês, pois de outro modo teríamos tido uma associação de semiologia em francês e de semiótica em inglês, oposição que, de algum modo, existe entre a escola européia e a americana, mas que não era visível na época. Então, Jakobson propôs esse termo, e nós éramos quatro, Lévi-Strauss, Barthes e eu, para decidir. Logo, Barthes cedeu, eu também, e isso se vê em meus textos anteriores onde o termo semiologia foi empregado muito frequentemente (Greimas, 1986, p. 43 *apud* Lopes, 1997, p. 32).

Ou seja, grosso modo, a tentativa de unificação dos termos, no final dos anos de 1960, se invalida e, ao contrário, delimita “novos” parâmetros teóricos. Em linhas gerais, conforme apontado por Fiorin (2013a), os principais pontos de distinção entre a *Semiologia*, de Barthes, e a *Semiótica*, de Greimas, é que a segunda foi fiel à Saussure, assumindo a Linguística como parte da tal *Semiologia*: “a Linguística não é senão uma

parte dessa ciência geral [dos signos]" (Saussure, 2012 [1916], p. 48), enquanto a primeira, de Barthes, não. Para ele, a Semiologia é que é uma parte da Linguística.

Outro ponto que distingue os dois vieses, é que Barthes, quando se vale dos conceitos da Linguística, não elabora um aparato teórico-metodológico próprio para compreender unidades grandes de significação do discurso e nem diferentes expressões em que se veicula o sentido de textos diversos (Fiorin, 2013a), diferente da proposta greimasiana. Assim sendo, o que conhecemos como "teoria da significação", "semiótica francesa" ou "semiótica da escola de Paris", nada mais é que a semiótica discursiva, de Greimas – perspectiva teórica regente deste estudo.

Para concluir essa seção, destacamos a seguinte citação de Greimas (1956) em menção a sua base e herança da ciência linguística de Saussure:

> A originalidade da contribuição de F. de Saussure reside, cremos nós, na transformação de uma visão de mundo que lhe foi própria – e que consiste em apreender o mundo como uma vasta rede de relações, como uma arquitetura de formas carregadas de sentido, portando em si mesmas sua própria significação – em uma teoria do conhecimento e em uma metodologia linguística (Greimas, 1956, p. 192).

Dessa maneira, Greimas afirma sobre Saussure ser transformador de visão do mundo, de maneira própria, rememorando o ponto crucial da teoria Linguística: "apreender o mundo com uma vasta rede de relações como uma arquitetura de formas carregadas de sentido" (*ibidem.*) – isso expressa, portanto, a adesão e a fidelidade de Greimas às ideias de Saussure.

2.2 A Semiótica Discursiva - uma teoria da significação

Considerando o êxodo da ciência linguística e seu pleno desenvolvimento no século XX, a semiótica é então oficialmente fundada, a partir da publicação da obra inaugural *Semântica Estrutural* (Greimas, 1966), conforme Cortina (2017) nos conta:

> Em 1966, Greimas publica o livro Sémantique structurale: recherche de méthode. A despeito do registro de que a editora houvesse sugerido o adjetivo "estrutural" no título da obra, pois, àquela época, era um termo bastante valorizado nas diferentes ciências e, especialmente, nas humanidades, é possível perceber que essa obra apresenta uma pesquisa e a criação de um método para estudar a significação, tal como fica explicitado no subtítulo. É nela que Greimas irá propor as bases da teoria (Cortina, 2017, p. 38).

Em outras palavras, no primeiro momento, a teoria não se denominara *semiótica*, mas *semântica estrutural*, levando em conta as tendências da época. Diante disso,

começaram a ser estruturadas as bases e fundamentos da teoria semiótica, seu objetivo, lugar epistemológico, seu objeto de estudo e metodologia – pontos esses que, para além da França, têm sido discutidos e ainda estão em pleno desenvolvimento teórico.

Como conceito geral sobre o que é semiótica, retomamos a citação apresentada logo na introdução deste trabalho, retirada do Dicionário de Semiótica do próprio Greimas, em parceria com Courtés, em que pontuam: “a teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, [...] como uma **teoria da significação**. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceitual, as condições de apreensão e da produção do sentido” (Greimas; Courtés, 2021 [1979], p. 455, grifo nosso).

Afirmar ser uma “teoria de significação” é dizer ser uma teoria que explica, descreve e demonstra como os textos possuem seus sentidos: quais sentidos e como os mesmos são construídos pelo próprio texto[30]. É sob esse ponto que a semiótica se distingue de outras “teorias sobre sentido”, como a semântica, por obter o texto como objeto; e como a *análise do discurso*, por considerar o texto como ele é: “o texto só existe quando concebido na dualidade que o define — objeto de significação e objeto de comunicação” (Barros, 2005, p. 12).

Para a realização de tudo o que se propõe, a teoria semiótica desenvolveu seu próprio aparato metodológico de análise, denominado Percurso Gerativo de Sentido que, como seu próprio nome já sugere, é literalmente um percurso que possui etapas e níveis de análise os quais, com seus respectivos critérios, vão abstraindo sentidos mais profundos e sentidos mais superficiais dos textos em seus discursos. Na seção a seguir, abordaremos sobre o presente aparato metodológico.

2.2.1 O Percurso Gerativo de sentido - PGS

A partir da apresentação histórica e científica prévia da teoria de que tratamos, focamos agora em seus termos metodológicos. Sob esse viés, a teoria semiótica desenvolve o percurso gerativo do sentido que, a partir de seus níveis de análise, abstrai o (s) sentido (s) dos textos em que se debruça. Sobre esse percurso, Fiorin (2008) diz que:

[30] A presença do termo “significação” no título deste trabalho: “A *significação* de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, portanto, se justifica sob essa premissa.

> O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. No modelo que estamos apresentando, os patamares do percurso são três. [...] Os três níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o discursivo (Fiorin, 2008, p. 17).

Tais níveis pontuados por Fiorin, a saber, fundamental, narrativo e discursivo, são esquematizados pelo próprio Greimas e Courtés, no quadro a seguir:

Quadro 4 – Percurso Gerativo do Sentido

<table>
<tr><td colspan="4">PERCURSO GERATIVO</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Componente
Sintático</td><td>Componente
semântico</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Estruturas
semionarrativas</td><td>Nível
profundo</td><td>SINTAXE
FUNDAMENTAL</td><td>SEMÂNTICA
FUNDAMENTAL</td></tr>
<tr><td>Nível de
superfície</td><td>SINTAXE
NARRATIVA
DE SUPERFÍCIE</td><td>SEMÂNTICA
NARRATIVA</td></tr>
<tr><td>Estruturas
discursivas</td><td colspan="2">SINTAXE
DISCURSIVA

Discursivização
actorialização
temporalização
espacialização</td><td>SEMÂNTICA
DISCURSIVA

Tematização

Figurativização</td></tr>
</table>

Fonte: (Greimas; Courtés, 2021, p. 235).

Considerando tais postulações, os três níveis PGS, por sua vez, subdividem-se em uma sintaxe e uma semântica e o percurso como um todo refere-se ao que chamamos de plano do conteúdo. Dessa maneira, na análise semiótica, na medida em que o texto perpassa esses níveis de análise, vai se abstraindo os sentidos partindo dele próprio, ressalvando uma importante questão frisada por Fiorin (2017b):

> O percurso gerativo de sentido **não é uma camisa de força** onde se devem enfiar todos os textos, mas é um modelo de análise e de previsibilidade, que, ao mesmo tempo, apreende, de maneira fina, generalizações sócio-históricas (invariantes) e especifidades de cada texto no plano do conteúdo ou da expressão (variantes)" (Fiorin, 2017b, p. 154, grifo nosso).

Vale ressaltar que a análise do plano do conteúdo, portanto, é sobre *o que o texto diz,* efetivamente, e *como o texto diz o que diz*. A plano da expressão, por outro lado, observa a maneira em que o conteúdo se manifesta, independentemente da linguagem de manifestação que o texto se expõe. Portanto, “não há conteúdo linguístico sem expressão linguística, pois um plano de conteúdo precisa ser veiculado por um plano de expressão, que pode ser de diferentes naturezas: verbal, gestual, pictórico etc.” (Fiorin, 2008, p. 44), é por isso que ícones, pinturas etc. são considerados como texto, tendo em vista possuírem tanto uma expressão, nesses casos de natureza visual, como um conteúdo.

2.2.1.1 Dos conceitos metodológicos do PGS utilizados nesta pesquisa

Apresentados, brevemente, os fundamentos gerais da teoria semiótica – sua “origem”, epistemologia, objeto, objetivo e metodologia, esta seção dispõe dos recursos metodológicos específicos que foram utilizados neste trabalho, ou seja, as etapas, os critérios e os níveis de análise semiótica que foram aplicados nos textos enunciados que objetivamos analisar.

Nesse viés, utilizamos em nossas análises os mais variados níveis e recursos para o devido desbastamento dos sentidos dos textos selecionados. Portanto, ressaltam-se, a seguir, as respectivas noções do nível fundamental; do nível narrativo; e do nível discursivo, do percurso gerativo do sentido.

2.2.1.1.1 Do Nível fundamental

Quando consideramos apresentar esses conceitos da teoria, geralmente, citamos autores como Barros (2005), com o *Teoria Semiótica do Texto*, ou então, Fiorin (2008), com *Elementos de Análise do Discurso*, que são manuais que se empenharam em descrever e demonstrar a teoria e sua aplicação em cada um de seus preceitos básicos, dessa maneira, para esta seção, descreveremos os recursos metodológicos utilizados a partir desses importantes autores.

A respeito do nível fundamental, primeiro nível didaticamente apresentado, ressaltamos que se refere ao nível mais profundo e abstrato de um discurso. Assim como

os demais níveis que serão apresentados, o fundamental é dividido em uma sintaxe[31] e em uma semântica[32], que se complementam.

Referente à semântica fundamental, todo texto abriga uma *categoria mínima fundamental* que, por sua vez, é a base da construção de um texto. Essa categoria mínima fundamental, segundo Fiorin (2008): "fundamenta-se numa diferença, numa oposição. No entanto, para que dois possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença" (Fiorin, 2008, p. 21-22)", ou seja, a categoria é constituída por uma diferença que seja passível e correspondente de comparação, por exemplo, a *vida* que se opõe e presume a *morte* para fazer sentido; a *natureza* que se opõe e presume a *cultura*; a *liberdade* à *dominação*, dentre outras oposições mínimas fundamentais que se pode encontrar num determinado texto.

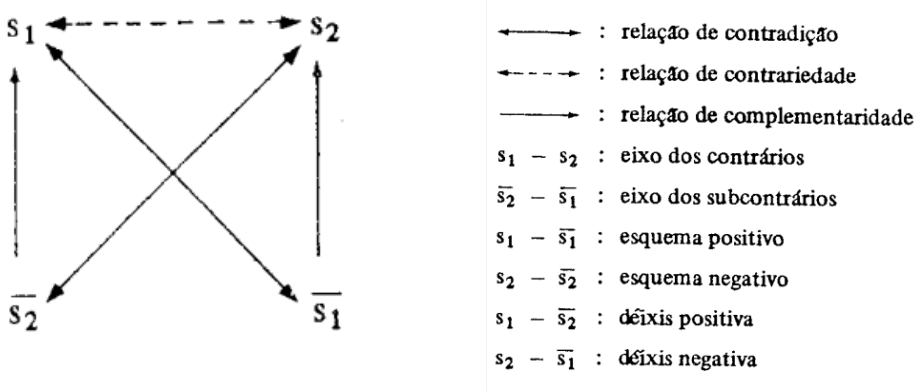
Ainda na análise da semântica fundamental, tais oposições de categoria mínima recebem uma determinação axiológica, uma qualificação de valores (Fiorin, 2008), por exemplo, a categoria *natureza* pode ter valor semântico de eufórico (positivo) ou disfórico (negativo), enquanto sua oposição, *cultura*, seu contrário.

A partir disso, na sintaxe fundamental, aplica-se a operação de afirmação ou negação desses contrários, gerando, por exemplo, com a negação dos contrários, os contraditórios – ou subcontrários, isto é, a negação da *natureza*, a *não-natureza* $\overline{S1}$, é contraditória à *natureza* (S1) e é contrária à *não-cultura* $\overline{S2}$ que, por sua vez, é contraditória à *cultura* (S2). Essas relações podem ser esquematizadas no quadrado semiótico:

[31] Fiorin (2008, p. 21) define a sintaxe dos níveis como: "A sintaxe dos diferentes níveis do percurso gerativo é de ordem relacional, ou seja, é um conjunto de regras que rege o encadeamento das formas de conteúdo na sucessão do discurso. Embora ela seja puramente relacional, tem, assim como a sintaxe da gramática, um caráter conceptual".

[32] Sobre a distinção entre as sintaxes e semânticas dos níveis, Fiorin (2008) afirma que: "A distinção entre sintaxe e semântica não decorre do fato de que uma seja significativa e outra não, mas de que a sintaxe é mais autônoma do que a semântica, na medida em que uma mesma relação sintática pode receber uma variedade imensa de investimentos semânticos" (Fiorin, 2008, p. 21).

Figura 8 – Esquema canônico do quadrado semiótico



Fonte: (Greimas; Courtés, 2021, p. 365-366).

Com essas relações, averiguaremos quais categorias mínimas fundamentais se constroem nos enunciados de NSPS, a qualificação semântica e o percurso de valores que as mesmas possuem nos textos analisados.

2.2.1.1.2 Do Nível narrativo[33]

> No nível narrativo, temos o reconhecimento de um estado e o querer estar em conjunção com algo mais ou estar em disjunção quando se tem o máximo de alguma coisa (Fiorin, 2008, p. 90).

Conforme destacado na epígrafe desta seção, o nível narrativo é o que verifica os fazeres e a transformação dos sujeitos presentes na narratividade de determinado texto, suas relações com objeto valor e seus efeitos na relação entre o destinador e o destinatário.

Assim como no nível fundamental, o nível narrativo também possui uma parte sintática e outra semântica. A sintaxe narrativa, tal como afirmado por Barros (2005): "[...] deve ser pensada como um espetáculo que simula o fazer do homem que transforma o mundo. Para entender a organização narrativa de um texto, é preciso, portanto, descrever o espetáculo, determinar seus participantes e o papel que representam na historiazinha simulada" (Barros, 2005, p. 20). Da mesma maneira, o nível narrativo também foi considerado nas análises do PS, tendo em vista que o recorte "Cartas de

[33] Trecho publicado como resultado parcial deste estudo em: AZEVEDO, R. R. O sujeito realizado da Novena Perpétua: análise semiótica das Cartas de Agradecimento. In: Anais do SIEL e Semanas de Letras – Faalc/UFMS | Campo Grande | MS | n. 4 | 2023 | p. 001 a 011.

Agradecimento", por exemplo, apresenta a narratividade como elemento carro-chefe de sua significação.

Na sintaxe narrativa, há dois tipos de enunciados elementares: o *enunciado de estado* e o *enunciado de fazer*: o primeiro é um enunciado que estabelece uma relação de junção entre um sujeito e um objeto; e o segundo é o que apresenta a transformação de um estado para outro. A combinação entre ambos define um *programa narrativo* (Barros, 2005).

A narratividade em análise apresenta ainda um percurso narrativo dos sujeitos envolvidos, percurso esse que é construído sob uma sequência canônica, conforme Fiorin (2008) afirma: "uma narrativa complexa estrutura-se numa sequência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção" (Fiorin, 2008, p. 29). Sobre esses conceitos, *competência* refere-se ao "sujeito que vai realizar a transformação central da narrativa é dotado de um saber e/ou poder-fazer" (Fiorin, 2008, p. 31); a de performance é a "fase em que se dá a transformação (mudança de um estado a outro) central da narrativa"; e a sanção é o momento em que se "ocorre a constatação de que a performance se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação" (Fiorin, 2008, p. 31).

Na semântica narrativa, valores semânticos são atribuídos aos sujeitos e aos objetos da narrativa (Barros, 2005) e relacionados com os mesmos. A partir disso, portanto, há a *modalização do ser* e a *modalização do* fazer. Em nossa pesquisa, consideramos somente a segunda para análise, sob o aspecto do *ser-fazer* na organização modal de competência dos sujeitos envolvidos. Nessa organização modal, o sujeito pode ser considerado como *virtualizado*, *atualizado* ou, então, *realizado*, Barros (2005) contribui explicando que:

> Na organização modal da competência do sujeito operador, combinam-se dois tipos de modalidades, as virtualizantes, que instauram o sujeito, e as atualizantes, que o qualificam para a ação. O dever-fazer e o querer-fazer são modalidades virtualizantes, enquanto o saber-fazer e o poder-fazer são modalidades atualizantes (Barros, 2005, p. 44).

Ou seja, o sujeito virtualizado é aquele que pode ou deve-fazer, o *atualizado*, enquanto performático, sabe ou pode-fazer e, por fim, o sujeito *realizado* é aquele que, na sanção, alcança a junção eufórica para si. Todos esses conceitos, ora mais ora menos se fazem presentes no decorrer de nossa análise.

2.2.1.1.3 Do Nível discursivo

Consoante ao Quadro 4, referente ao percurso gerativo de sentido, o nível discursivo também se subdivide em duas frentes, a da sintaxe e a da semântica discursiva. A primeira trata das projeções actanciais, temporais e espaciais da enunciação; e a segunda remete às questões temáticas e figurativas da superfície discursiva. As análises desta pesquisa se baseiam em ambas.

Primeiramente, sobre a noção de Enunciação para a Semiótica, segundo Greimas e Courtés (2021, p. 166), "é concebida como um componente autônomo da teoria da linguagem, como uma instância que possibilita a passagem entre a competência e a performance; entre as estruturas semióticas virtuais [...] e as estruturas realizadas sob a forma do discurso" (Greimas; Courtés, 2021, p. 166). Na conceituação do termo, afirmam, ainda, que a Enunciação pode ser uma "instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)", ou seja, ao falarmos em "situação do enunciado" falamos, também, em traços da própria enunciação pressuposta.

O presente objeto é considerado, neste caso, como enunciado, devido a seu status de já realizado, frente à noção, segundo Greimas e Courtés (2021, p. 168, grifo dos autores), que: "entende-se por enunciado toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito, anteriormente a qualquer análise linguística ou lógica".

Como já afirmado, no nível discursivo também se possui uma semântica para além da sintaxe, portanto, em termos semânticos discursivos, verifica-se, conforme o PGS apresentado, as figuras e temas da superfície do discurso. Fiorin (2008, p. 91) conceitualiza o primeiro conceito como: "[...] o termo que remete a algo existente no mundo natural [...] Assim, a figura é todo conteúdo de qualquer língua natural ou de qualquer sistema de representação que tem um correspondente perceptível no mundo natural", e o segundo, tema, como: "[...] um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Temas são categorias que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural [...]" (Fiorin, 2008, p. 91). Em outras palavras, na prática analítica, a superfície do discurso possui temáticas que são concretizadas pelas figuras, ou seja, estas são elementos do texto que materializam e demarcam a presença de determinado tema em determinado texto.

A partir desses conceitos, um texto pode ser figurativo ou temático, os figurativos criam um efeito de realidade, já que constituem um simulacro do que é real, representando e exemplificando o mundo, por outro lado, os temáticos são sobre o todo, sem demasia de representação, mas o conceito por ele mesmo. Enquanto o primeiro possui o tema por meio de exemplos ou situações representadas, o segundo é a conceitualização do tema.

Por fim, ainda na semântica discursiva, apresentamos o conceito de isotopia na análise deste nível. Greimas e Courtés (2021) afirmam que a isotopia possui caráter operatório que, sob uma cadeia sintagmática, designa a recorrência de categorias sêmicas que garantem ou não a homogeneidade do discurso-enunciado.

Para além do percurso, trouxemos, a seguir, preceitos gerais sobre a semiótica plástica, a semiótica tensiva e sobre os gêneros do discurso que os textos do *corpus* veiculam.

2.2.2 Semiótica Plástica

> A imagem, a arte, a pintura, a fotografia, não são apenas dados, fenômenos que certamente podem ser apreendidos como conjuntos significativos - caso contrário a semiótica não os levaria em consideração (Floch, 1985, p. 11, tradução nossa[34]).
>
> [...] desde que definam a significação como objeto de estudo e o façam de acordo com o percurso gerativo do sentido, trata-se do desenvolvimento do ponto de vista proposto por Greimas (Pietroforte, 2007, p. 11).

Para além do percurso apresentado, a semiótica, através do tempo, estabeleceu diversos desdobramentos, ao passo em que também se ampliou a gama e complexidade dos objetos semióticos. A partir dos fundamentos linguísticos com base em Saussure 2012 [1916], no CLG, e nos estudos de Hjelmslev (2013 [1961]), a semiótica desenvolveu a percepção de que o discurso pode ser manifestado tanto em textos verbais quanto em não verbais também. Se em Saussure o signo é constituído pela relação de um significado com significante (Saussure, 2012 [1916]), em Hjelmslev, a linguagem é constituída pela relação de conteúdo com uma expressão. Hjelmslev (2013 [1961]) destaca que:

---

[34] Tradução nossa para o trecho original: “L'image, l'art, la peinture, la photographie, ne sont que des données, des phénomènes certes saisissables comme des ensembles signifiants — sinon la sémiotique ne les prendrait pas en considération” (Floch, 1985, p. 11).

> A função semiótica é, em si, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é um conteúdo porque é conteúdo de uma expressão (Hjelmslev, 2013 [1961], p. 54).

Ou seja, considerando, portanto, que o texto em semiótica é, além de outros fatores, aquele que possui conteúdo e expressão, a semiótica plástica, fiel à teoria padrão, continua a objetivar apreender a relação do significado com o significante como produtor de sentido, contudo, sob significantes visuais, conforme postula Floch (1985):

> Diremos, portanto, que o objetivo da semiótica plástica é compreender as condições de produção, mas também a intencionalidade de um certo tipo de relação entre um significante (visual) e um significado, e que tal objetivo implica a recusa de substituir objetos de significado manifestado pelo jogo de formas, cores e posições, uma lexicalização imediata apenas da sua dimensão figurativa. Uma oposição de valores e texturas, a saturação de um vermelho ou de um amarelo, uma relação de posições dentro do quadro (Floch, 1985, p. 13 – tradução nossa[35]).

Portanto, a semiótica visual oferece um aparato teórico-metodológico próprio para análises da expressão de textos plásticos e seus respectivos conteúdos, que por sua vez, são ainda apreendidos pelo percurso gerativo de sentido. Em termos metodológicos, portanto, a semiótica visual estabelece três categorias de análise da expressão visual, são elas: a categoria eidética, a cromática e a topológica (Floch, 1985; Pietroforte, 2007), esquematizadas no quadro a seguir:

Quadro 5 – Categorias da semiótica plástica

Categoria eidética	observa a formação das **formas**
Categoria cromática	trata da manifestação pictórica das **cores**
Categoria topológica	determinante ao modo da **disposição** dos elementos figurativos

Fonte: (Azevedo; Silva, 2022, p. 176).

Sob esses critérios, associando-os às conclusões da análise do conteúdo, emerge o que a semiótica denomina de *semissimbolismo*. Pietroforte (2004) aponta que “toda

[35] “Nous dirons donc que le propos de la sémiotique plastique est de comprendre les conditions de production mais aussi l'intentionalité d'un certain type de relation entre un signifiant (visuel) et un signifié, et qu'un tel propos implique le refus de substituer aux objets de sens manifestés par le jeu des formes, des couleurs et des positions, une lexicalisation immédiate de leur seule dimension figurative. Une opposition de valeurs et de textures, la saturation d'un rouge ou d'un jaune, un rapport de positions à l'intérieur du cadre [...]” (Floch, 1985, p. 13).

semiótica plástica é semi-simbólica" (Pietroforte, 2004, p. 10). Por fim, outro conceito que está próximo dessa discussão é o de *sincretismo*, que às vezes pode ser confundido com o conceito de semissimbolismo, mas Greimas e Coutés o demarcam: "num sentido mais amplo, serão consideradas sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação" (Greimas; Courtés, 2021 [1979], p. 467), ou seja, temos sincretismo quando há mais de uma linguagem na manifestação de determinado discurso.

2.2.3 Semiótica Tensiva

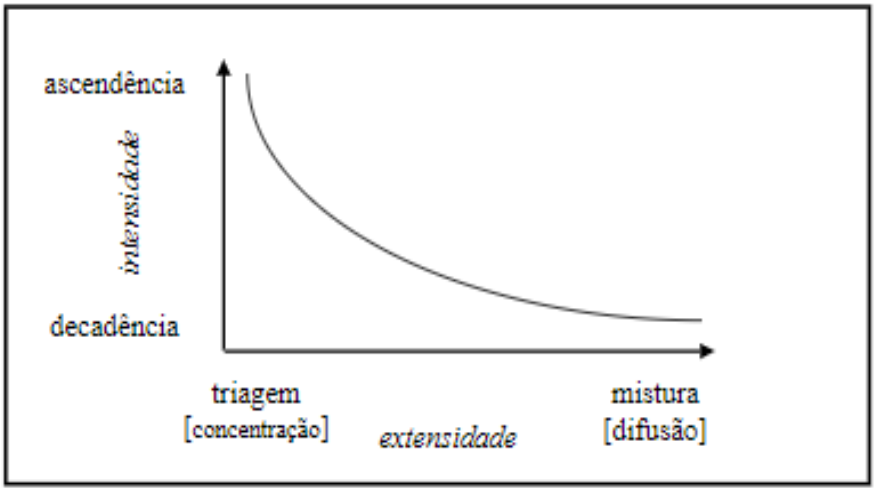
Além da semiótica visual apontada, anteriormente, outra vertente que se fez utilitária para o desenvolvimento de nossas análises, é a *semiótica tensiva*. Da mesma maneira, a princípio, são preceitos que não divergem, mas complementam a perspectiva base padrão da semiótica de Greimas, conforme afirma Fiorin (2017a):

> A noção de que semiótica tensiva complementa a semiótica clássica é atraente, uma vez que confere à teoria uma ampla gama de aplicabilidade, dado o fato de que a continuidade e a descontinuidade estariam ambas envolvidas na explicação do processo de produção de sentido. No entanto, esta hipótese ainda deve ser verificada. É a questão da enunciação que permitirá (ou não) que essas duas orientações semióticas sejam reconciliadas entre si (Fiorin, 2017a, p. 265-6 – tradução nossa[36]).

Dessa maneira, a *semiótica tensiva*, assim como a padrão e a visual, também propõe um formato canônico de análise, instituído como *esquema tensivo*. O esquema tensivo, segundo Zilberberg (2004), constitui-se na relação interseccional de duas dimensões, a da *intensidade* (do sensível) e a da *extensidade* (do inteligível), analisáveis em valências que, por sua vez, dividem-se em intervalos de referência, associando-se a uma sintaxe específica. No caso da dimensão de *intensidade*, o intervalo de referência, impactante vs., fraco, associa-se a uma sintaxe de ascendente ou decadente; já para o caso da *extensidade* tem-se o intervalo de referência concentrado vs. difuso, que, por sua vez, opera uma sintaxe de triagem ou mistura. Abaixo, segue a estrutura canônica tensiva:

[36] Tradução nossa para o trecho original: "The notion that tensive semiotics complements classical semiotics is appealing, since it endows the theory with a wide range of applicability, given the fact that continuity and discontinuity would both be involved in explaining the process of meaning production. However, this hypothesis is still to be verified. It is the issue of enunciation that will (or will not) permit these two semiotic orientations to be reconciled with one another" (Fiorin, 2017a, p. 265-6).

Quadro 6 – Estrutura canônica do gráfico tensivo



Fonte: (Zilberberg, 2004, p. 72).

Nesse cenário, algumas dimensões são consideradas e possuem um papel evidente e protagonista na produção dos sentidos, por exemplo, associadas à *intensidade*, temos a dimensão do *andamento* e da *tonicidade*, enquanto associadas à *extensidade*, a *temporalidade* e a *espacialidade* – conceitos esses que aparecem, posteriormente, neste trabalho, sobretudo no quarto capítulo.

Em primeiro lugar, Tatit (2019, p. 66) nos explica sobre o interesse da semiótica no *andamento*:

> Para a semiótica, o interesse do andamento está, em primeiro lugar, na sua capacidade de **conduzir a temporalidade** como um todo fazendo dela uma duração mais concentrada, a partir da aceleração, ou mais difusa, a partir da desaceleração. Trata-se de uma relação completa entre duas dimensões do próprio tempo: a rapidez ou a lentidão do andamento produzem respectivamente as durações breves ou longa como resultantes temporais (Tatit, 2019, p. 66, grifo nosso).

Diz-se o *andamento* (intensidade) como capaz de conduzir a temporalidade (extensidade) tendo em vista que: “a intensidade é da ordem do sensível; a extensão, da do inteligível. **A primeira rege a segunda**” (Fiorin, 2017b, p. 157, grifo nosso). Dessa maneira, a relação entre os dois eixos pode ser convergente (quanto mais... mais) ou divergente (quanto mais... menos). Assim sendo, a dimensão do *andamento* pode ser mais concentrada, quando acelerada (rapidez), ou mais difusa, quando desacelerada (lentidão), por exemplo.

Sobre a dimensão da *tonicidade*, também pertencente à *intensidade*, emerge-se o acento de sentido, ou seja, a ênfase num determinado conteúdo que controla os níveis

de presença da existência total das partes, já que “[...] toda grandeza que ingressa no campo tensivo terá, portanto, *menos* ou *mais* presença, a depender do estágio de intensidade em que se encontre” (Tatit, 2019, p. 78). Dessa maneira, por fim, num jogo contínuo de tonicidade e desacentuação, dado o andamento do discurso, promove-se a prosódia que, por sua vez, “[...] responde pela **distribuição dos acentos** que indicam as direções assumidas pelas curvas entoativas e ainda permite que seus movimentos ascendentes e descendentes sejam intercalados por novos segmentos sem qualquer alteração direcional” (Tatit, 2019, p. 79, grifo nosso).

Portanto, é a partir da tensividade, sobretudo referente às concepções fundamentais apresentadas, que desenvolvemos, no capítulo quarto, alguns preceitos tensivos frente ao *corpus* estabelecido.

2.2.4 Gêneros do discurso no *corpus*

Referente a este tópico, discutimos, primeiramente, sobre a noção de gênero do discurso, segundo Bakhtin (2016 [2003]). O estudioso postula que: “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (Bakhtin, 2016 [2003], p. 12, grifos do autor), ou seja, os chamados campos de utilização da língua possuem seus respectivos enunciados os quais podem obter estabilidade no que se refere a três elementos: conteúdo temático; estilo; e construção composicional (estrutura) – a estabilidade desses elementos, em conjunção, concebe um enunciado determinado sob uma especificidade e um padrão de ocorrência textual denominado *Gênero do discurso* (Bakhtin, 2016 [2003]).

Para ficar mais compreensível essa teorização, podemos dizer que os discursos, a partir de seus conteúdos e campos de atividade, são organizados por tipos temáticos, a exemplo do discurso político, discurso acadêmico, discurso publicitário, discurso jornalístico, turístico e, como é o caso de nosso objeto, do discurso religioso. A partir disso, esses tipos de discursos possuem, por conseguinte, ocorrências de enunciados estáveis que agrupam e denominam como gêneros de seu respectivo campo/tipo de discurso, a exemplo da notícia que é um gênero do discurso jornalístico; a resenha que é um dos gêneros do discurso acadêmico; e a *ladainha* que é um gênero do discurso religioso, por exemplo. A cada nova popularização e agrupamento de textos/enunciados com novas características de estrutura, de estilo ou de conteúdo temático, formam-se

novos gêneros, justificando o que Bakhtin afirma sobre tamanha diversidade e heterogeneidade:

> A riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema *heterogeneidade* dos gêneros do discurso (orais e escritos)" (Bakhtin, 2016 [2003], p. 12).

É a partir desse ponto abordado por Bakhtin que emerge, por exemplo, a concepção de que o discurso religioso, tal como as demais esferas discursivas, concebe os seus mais variados gêneros, com suas respectivas estabilidades, complexidades e estilos. Diante deste cenário, portanto, a teoria semiótica, por voltar-se a textos, também contribui para a discussão sobre os gêneros textuais em que os discursos são construídos.

Gomes (2009) discute a noção de gênero textual na semiótica a partir dos conceitos de práxis enunciativa e de modos de presença a partir de Fontanille e Zilberberg (2001) e Fontanille (2007). A semioticista associa esse caminho de comparação teórica, tendo em vista que:

> [...] a escolha pela manifestação de conteúdos linguísticos em certo gênero, motivada por um querer ou um dever do sujeito da enunciação, atualizada por um poder e um saber, implica a sua inserção em determinados regimes de interação intersubjetiva, especialmente nos regimes de programação– baseados nas regularidades, nos hábitos, nos comportamentos previsíveis, nos rituais, nos estereótipos, levando à quase dessemantização dos conteúdos [...] (Gomes, 2009, p. 575).

No caso de nosso *corpus*, como a Novena possui cânticos, orações, invocações, dentre outros textos, esperamos com a análise demonstrar suas respectivas estabilidades, já que suas recorrências não foram cotejadas ainda. Para além do caso dos enunciados religiosos, o gênero *carta*, por sua vez, presente como Carta de agradecimento, não é essencialmente vinculado à prática religiosa, diferente dos demais, mas já apresenta, em sua composição e estilo, delimitações conceituais próprias, conforme demonstra Carvalho (2005):

> [...] para definir gênero na perspectiva da semiótica francesa, deve-se proceder à análise das estratégias de actorialização nas projeções da instância da enunciação (a construção dos papéis característicos de cada tipo de interação), bem como a instalação das categorias de tempo e de espaço. Além disso, a definição do gênero carta e de seus subgêneros depende também do estudo da semântica discursiva, das isotopias figurativas e temáticas que percorrem os tipos de interação específicos: quem diz o quê, a quem, como, em cada modalidade de carta, em cada regime epistolar (Carvalho, 2005, p. 52).

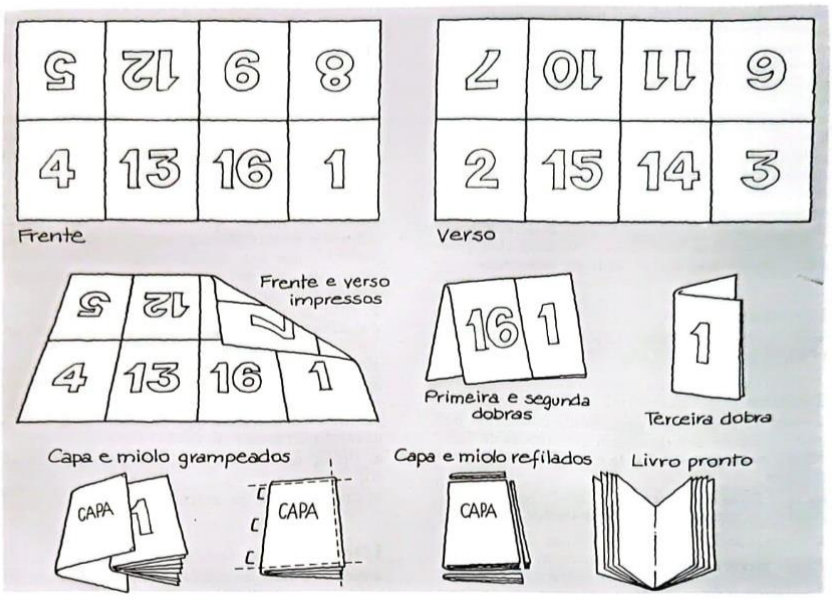
Num estudo mais recente, portanto, é afirmado, também, que “tal prática de escrita revela dois posicionamentos de um único sujeito diante da vida que narra pelas cartas: tanto tem a percepção das coerções impostas pelas práticas sociais que o envolvem [...]; quanto vale-se da liberdade de criação [...]” (Schwartzmann, 2012, p. 38). Dessa maneira, acreditamos que os efeitos já predeterminados pelo gênero são somados às especificidades do *corpus* em questão, das Cartas de Agradecimentos da Novena Perpétua.

Retomando a Novena escrita do *corpus* (anexo I), ela está veiculada de forma impressa, sob o suporte de um livro de bolso, formato esse conceituado por Rabaça e Barbosa (1987) como:

> (ed) Tipo de Livro impresso em formato reduzido, papel de baixa gramatura e segunda qualidade, acabamento em PB, que se caracteriza basicamente por ser reimpressão de um livro editado originalmente em formato normal (americano, AA, BB etc.), “o que, de saída, poupa-lhe os custos editoriais e de composição, reduz os custos dos direitos autorais e favorece a divulgação, iniciada com a primeira edição” (R. A. Amaral Vieira). Distribuído geralmente para uma rede de comercialização mais ampla, formada pelos *drugstores*, farmácias, estações de trens, rodoviárias bancas etc., esse tipo de edição atinge um público distinto da clientela normal das livrarias, com uma tiragem incomparavelmente superior às edições normais (Rabaça; Barbosa, 1987, p. 370).

Para melhor compreensão, os autores ilustram:

Figura 9 - Ilustração sobre Livro de bolso



Esquema simplificado do deitado, impressão e dobras de um caderno de 16 páginas. Na fase de acabamento do livro (aqui uma brochura) os cadernos são reunidos e grampeados à capa. Mas somente depois de refilado é que o volume está realmente pronto.

Fonte: (Rabaça; Barbosa, 1987, p. 370).

Sob esses aspectos textuais, os objetos de análise se apresentam. A seguir, apresentamos considerações gerais sobre a relação da teoria semiótica com o domínio discursivo que analisamos, o domínio do discurso religioso.

2.3 Semiótica e religião[37]

> Assim como a moderna filosofia da linguagem, ao buscar o ponto de partida adequado para um estudo filosófico da linguagem, elaborou o conceito da 'forma linguística interna', pode-se dizer que é igualmente lícito procurar e pressupor uma 'forma interna' análoga para a **religião** e o mito, para a arte e o conhecimento científico (Cassirer, 2001, p. 23, grifo nosso).

Quando falamos em texto e discurso, podemos pontuar que são, por excelência, um todo correspondente a um conteúdo e a uma expressão, produzindo sentidos, que demarcam – tanto por eles mesmos como por meio de seus respectivos veículos de propagação – tempo, espaço e pessoa, de maneira a construir variadas especificidades de acordo com sua realidade e contexto, ocasionando a construção, também, das mais variadas ocorrências de textos e discursos no mundo concreto.

Assim se faz notória a existência dos mais variados domínios de discurso – discurso jornalístico, discurso turístico, discurso político, dentre outros – os quais ocupam determinadas e variadas esferas e situações de práticas socioculturais, os discursos estão em todo lugar. É dessa maneira que recortamos enunciados de um tipo de discurso específico, ocorrente e presente na sociedade, delineado sob a fé de um grupo, discurso religioso que, como os demais tipos de discursos, possui suas propriedades e singularidades próprias de se promover e de se construir.

Segundo Fiorin (2013b, p. 24, grifo nosso), o *discurso religioso* é aquele que:

> pretende explicar a totalidade do mundo: elucida como se criou o Universo, como teve origem a vida, como surgiu a consciência, por que sofremos, qual é o sentido da vida, que é que acontece após a morte. Por isso, é um discurso não ancorado no tempo e no espaço, o que denota que é válido para todos os tempos e todos os lugares. Sua temporalidade é a eternidade, ou seja, do não tempo e, por isso, opera no **presente gnômico**, sendo válido para o presente de cada um dos crentes. O discurso religioso proclama o fim da história e, assim, oferece a cada ser humano parâmetros para compreendê-la por um sentido meta-histórico. É, por isso, um discurso do necessário. Pretende-se a verdade, a que se adere pela fé. Por isso, apresenta-se explicitamente como da **ordem do crer**. Na verdade, a certeza sobredetermina a necessidade: se p é indubitável, então deve ser (Fiorin, 2013b, p. 24, grifo nosso).

[37] Esta seção foi previamente publicada, como resultado parcial desta dissertação, no periódico *EntrePalavras*, v. 12, n. 3, 2022 (Azevedo; Silva, 2022).

Em outras palavras, o discurso religioso, em busca de esclarecer os fatos do começo ao fim, não pode ancorar-se no tempo, pois precisa ser válido para todos os tempos e para o presente de cada um dos sujeitos que creem mediante adesão[38], em se levando em consideração a modalidade epistêmica[39] do crer. O discurso religioso assume, assim, "um caráter omnitemporal, omnipessoal e omniespacial" (Cardoso, 2017, p. 24). O caráter omnitemporal apontado por Cardoso se refere à noção segundo a *temporalidade* da instância enunciativa de Fiorin (2016). Fiorin aponta que o presente omnitemporal (ou gnômico) é: "quando o momento de referência é ilimitado e [...] *sempre* implícito" (Fiorin, 2016, p. 134, grifo do autor), emitindo assim, um efeito de sentido de verdade suprema: "É o presente utilizado para enunciar verdades eternas ou que se pretendem como tais. Por isso, é a forma verbal mais utilizada pela ciência, pela religião, pela sabedoria popular [...]" (Fiorin, 2016, p. 134).

Tais definições comportamentais do presente discurso se associam às consequências da noção de *crer*, ou *fazer-crer*, que o presente discurso pode ou não desempenhar. Greimas e Courtés ao contextualizarem variados termos para a perspectiva semiótica, materializados pelo renomado *Dicionário de Semiótica* (2021), conceitualizam o verbete *crer*, postulando:

> [...] o **crer** apresenta-se como um ato cognitivo, sobredeterminado pela categoria modal da certeza. Essa categoria é suscetível de receber, na literatura lógica e semiótica atual, uma dupla interpretação: é considerada ora como uma categoria alética [...] ora como uma categoria epistêmica autônoma com seu termo *certeza* (Greimas; Courtés, 2021, p. 107, grifo dos autores).

Coincidentemente, o conceito semiótico do *crer* é, de certa maneira, muito próximo da noção de discurso religioso, conforme apontado, anteriormente, por Fiorin (2016), ao afirmar o discurso religioso como certeza. A partir dessas considerações, vale ressaltar que, enquanto Fiorin (2013) e Cardoso (2017) reproduzem algumas considerações sobre o discurso religioso para além das questões figurativas do discurso, é Silva (2012) quem protagoniza os pressupostos referentes à enunciação no discurso religioso, quando categoriza o discurso em questão em três totalidades tipológicas: a do Discurso

[38] Em termos semióticos, a adesão nesse contexto se refere ao consentimento do enunciatário com a proposta contratual do fazer-crer da fé.

[39] Modalidades epistêmicas segundo o Dicionário de Semiótica (2021): "[...] dizem respeito à competência do enunciatário [...] que, em seguida ao seu fazer interpretativo, 'toma a cargo', assume (ou sanciona) as posições cognitivas formuladas pelo enunciador (ou submetidas pelo Sujeito)" (GREIMAS; COURTÉS, 2021, p. 172).

Fundador; a do Discurso de Fidelização Religiosa e; Discurso de Divulgação Religiosa (Silva, 2012), conceitos que serão melhores apresentados no tópico 2.3.2.

Portanto, a partir das noções gerais apresentadas sobre as características do discurso religioso, no próximo tópico, apresentamos o percurso dos estudos semióticos com textos de discurso religioso e as propriedades teóricas dessa tipologia discursiva ainda ampla de ser explorada.

2.3.1 O cenário dos estudos semióticos de Discurso Religioso

Traçando um panorama amplo e cronológico dos estudos semióticos, mais especificamente, que tomam o discurso religioso, em larga escala, como objeto de estudo, deparamo-nos, de antemão, com a coincidência de que tal temática fez parte de uma das obras inaugurais da perspectiva semiótica, o livro publicado pelo próprio Algirdas Julien Greimas, *Du Sens* (Greimas, 1970), em que um de seus capítulos se intitula “Les proverbes et les dictons” (Os provérbios e os ditos populares). Vale destacar, ainda, segundo Thériault (2006) e Panier (2008), que alguns eventos ocorridos na mesma época da publicação de Greimas, como o *Grand Seminaire de Versailles* (1968), são tidos como um dos marcos inaugurais dos estudos em semiótica bíblica.

Quando tratamos de semiótica e discurso religioso, *a priori*, consideramos um percurso analítico iniciado nos anos de 1970, quando foi publicada a *Du sens* (Greimas, 1970), que, por sua vez, apresenta, oficialmente, uma das primeiras análises semióticas de algum objeto de domínio religioso. Tal publicação instaura a primeira obra originalmente de semiótica sobre discurso religioso. Cardoso (2017) comenta que, no grupo de estudos formado por Greimas: “encontravam-se pesquisadores do discurso religioso como Louis Panier, Jean Delorme, Jean-Claude Giroud, Jean Calloud e outros. Esses pesquisadores formaram o Centre pour l’analyse du discours religieux (Cadir)” (Cardoso, 2017, p. 22, grifos do autor).

Na Europa, primeiramente, os que se destacam sobre semiótica e religião, são os estudos franceses e italianos, aqui destacamos alguns: Hammad (1984, 2005), Dondero (2005, 2013) Dusi e Marone (2008), Leone (2010, 2022), Ponzo e Galofaro (2021), Ponzo et al. (2021), Ponzo (2019), Petrini (2021) e Galofaro (2023). Esses trabalhos conferem livros, artigos e comunicações apresentadas em seminários de semiótica e tratam sobre

os mais diversos assuntos: espaço sagrado, iconografia, práticas, formas de vida religiosa, dentre outras questões próximas a nossa proposta de pesquisa.

Por fim, referente aos estudos brasileiros de semiótica discursiva sobre discurso religioso, destacamos, primeiramente, teses e dissertações: Pietroforte (1997), Jadon (2009), Postal (2007, 2010), Silva (2007, 2012), Demarchi (2015), Cardoso (2017), Soares (2020), Machado (2022), Rios (2023) e Santos (2023). Segundamente, a seguinte publicação de livro na área: *No Princípio era o poder*, de Mariza B. T. Mendes (2009). E, por fim, destacamos os artigos publicados na área: nos últimos cinco anos – Higuet (2021), Santos (2022), Azevedo e Silva (2022, 2023) e Silva (2024); e, publicados há mais tempo – Nogueira (2011), Baquião (2011), Lima (2013), Wosniak (2014), Cardoso (2015), Bueno (2017) e Silva (2018).

2.3.2 Categorias de Discurso Religioso (fundador, fidelizador e divulgador)

A partir de todo o caminho percorrido destes estudos, a tese de doutorado de Silva (2012) parte do princípio e contribui no intuito de perceber a necessidade de se categorizar os discursos religiosos existentes na realidade. Tal inquietação da autora é evidente em passagens como: “[...] fez-se necessário, dentro do campo discursivo religioso, que procedêssemos à delimitação de três totalidades diferenciadas, as quais designamos: a) discurso fundador; b) discurso de fidelização religiosa; c) discurso de divulgação religiosa” (Silva, 2012, p. 18). Conforme afirmado pela autora, concebe-se a seguinte tipologia:

Figura 10 - Os três níveis de prática no que concerne ao discurso religioso: fundação, fidelização e divulgação.

Fonte: (Silva, 2012, p. 202).

Conforme apresentado no esquema, a tipologia de Silva (2012) topicaliza três tipos de discurso religioso – com enfoque no discurso religioso católico – sendo eles: o discurso fundador, referente a textos bíblicos; discurso fidelizador, àqueles que já praticam a "experiência da Palavra"; e o discurso de divulgação religiosa, aos pertencentes aos textos formativos da referida crença.

Acreditamos, a partir disso, que as práticas católicas voltadas à Nossa Senhora, em sua maioria, são discursos de fidelização, tendo em vista que são voltadas, evidentemente, àqueles que aderem a essas práticas, sobretudo, porque tornam-se um caso ainda mais específico por não se tratar de práticas cristãs como um todo, mas, especificamente, do meio católico, os crentes na respectiva figura bíblica. A seguir, exporemos considerações teóricas sobre iconografia religiosa e semiótica.

2.3.3 História da Arte religiosa e a Semiótica[40]

> [...] porque o que nos é dito e transmitido pela linguagem da palavra nos é dito e transmitido pela imagem em cores (Collantes, 2003, p. 698).

Como apontado brevemente, a semiótica dispôs-se, também, à análise de textos visuais, tendo em vista que:

> [...] o texto, objeto da semiótica, pode ser tanto um texto linguístico, indiferentemente oral ou escrito, quanto **um texto visual**, olfativo ou **gestual,** ou, ainda, um texto em que se sincretizam diferentes expressões (Barros, 2019, p. 188, grifo nosso).

Por isso, no fragmento de Collantes (2003) epigrafado, projetamos um dos pontos de partida do presente estudo: o que uma imagem, do âmbito religioso, pode nos dizer e transmitir num espaço sagrado? E, além disso, de quais mecanismos visuais e discursivos essa imagem se utiliza para dizer certa informação sem, necessariamente, depender do texto verbal? Haja vista que um dos objetos em questão é o Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, torna-se fundamental tratarmos, além do viés semiótico e de teorias do espaço, as questões teóricas de iconografia.

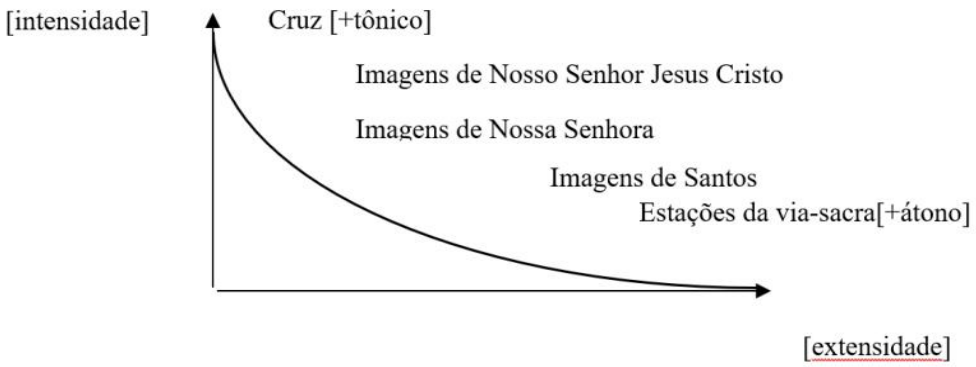
Sobre a conceituação de iconografia, Erwin Panofsky, em *Significado nas Artes Visuais* (2014), afirma que *Iconografia* é uma vertente da história da arte que trata dos temas em contraposição à forma de obras artísticas. De acordo com a etimologia da

[40] Parte desta seção foi publicada em: AZEVEDO, Renan Ramires de; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Multissemiose e discurso religioso: análise semiótica do texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida. Entrepalavras, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 166-186, 2022.

palavra, *grafia* está ligada à descrição (Panofsky, 2014, p. 53). Portanto, iconografia é uma análise descritiva que classifica temas e assuntos de acordo com o tempo e o lugar em que foram manifestados visualmente, no nosso caso, manifestados por meio de ícones. No mais, no contexto religioso, vale frisar que iconografia "é um elemento peculiar para a decoração do espaço litúrgico cristão" (Scomparim, 2008, p. 11).

Segundo Scomparim (2008), a iconografia da Igreja Católica é dividida, de forma hierárquica, em quatro grupos, respectivamente: i) Imagens da Cruz; ii) Imagens de Nosso Senhor Jesus Cristo; iii) Imagens de Maria; iv) e, Imagens de Santos. Conforme o objetivo deste projeto, parte de nosso *corpus* é pertencente, prioritariamente, ao terceiro grupo, o de Imagem de Maria. Sobre tal tipologia apontada por Scomparim (2008), a partir de seu viés teológico, é semiotizada por Silva (2020):

Figura 11 - Tipologia de gradação de ícones religiosos



Fonte: (Silva, 2020, p. 129).

Vale ressaltar que o estudo de Silva (2020) analisa, por meio da semiótica, a primeira categoria - a das Imagens da Cruz. Em continuação analítica, portanto, diferentemente, nosso objeto se enquadra na categoria Imagens de Nossa Senhora, conforme a tipologia proposta.

Associado a esse caminho teórico da arte sobre iconografia, é importante pontuarmos os postulados de Wolfflin (1984) que, em *Conceitos Fundamentais da História da Arte*, traz relevantes contribuições à análise da arte, examinando "com critérios tensivos a evolução da pintura ocidental" (Tatit, 2019, p. 13), a partir dos traços lineares e pictóricos da arte. Assim, os postulados do historiador da arte, Wolfflin, sintonizam-se à teoria semiótica, já que considera uma obra como um todo de sentido e sua interpretação através da forma:

> Sem dúvida, não é fácil desvendar essa evolução **interna do modo de ver**, pois as possibilidades de representação de uma época nunca se revelam em estado de pureza abstrata, aparecendo sempre, o que é natural, unidas a um certo conteúdo expressivo, e o observador é geralmente levado a procurar **na expressão** a explicação para a obra de arte **como um todo** (Wolfflin, 1984, p, 13, grifo nosso).

Embora tal estudioso trate da história da arte, vale ressaltar que a história não é um fator colaborativo à compreensão da análise semiótica, mas uma oportunidade em se discorrer e conhecer o objeto, sobretudo, quando se trata de um *corpus* profundamente associado à rotina e à cultura de um lugar e de um grupo.

No que concerne à análise de ícones em geral, Panofsky afirma que:

> [...] a iconografia é de auxílio incalculável para o estabelecimento de datas, origens e [...] autenticidade; e fornece as bases necessárias para quaisquer interpretações ulteriores. Entretanto, ela não tenta elaborar a interpretação sozinha. Coleta e classifica a evidência, mas não se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese e significação dessa evidência (Panofsky, 2014, p. 53).

Em outras palavras, a iconografia como estudo é limitada e não carrega a responsabilidade ou a obrigação de desenvolver uma competência interpretativa, pois, como está no campo descritivo das formas, não tenta elaborar a interpretação sozinha podendo buscar teorias outras que, além de contribuírem na investigação dos sentidos intrínsecos, explicitam as mensagens de uma dada obra de arte. Sendo assim, a semiótica assume, nesse ponto, o papel analítico e interpretativo na busca pelo sentido do ícone religioso em questão, por meio dos pressupostos aqui apresentados da semiótica plástica (Floch, 1985).

2.3.4 Espaço sagrado em termos semióticos

Blanco (2008) aborda, de início, o momento ápice de intensidade de sentido *sagrado* da missa católica: o momento da *consagração*[41]. Nesse caminho, Blanco rememora a última ceia de Jesus Cristo, a fim de apontar que tal momento não só se reproduziu ao andar dos séculos, como também fez com que o lugar em que ocorreu a passagem bíblica se tornasse espaço sagrado, o primeiro templo cristão:

> No momento em que Jesus escolhe um determinado lugar para celebrar a Cena Pascal, **impõe ao espaço eleito esse 'acento de sentido' particular**; pelo mesmo, dito espaço se fecha sobre si mesmo e fica isolado do resto do mundo,

[41] Segundo a fé católica, o *acontecimento* da consagração é o momento do ritual da missa em que se reproduz a cena da *última ceia*, momento este que figura a *transformação* do pão e vinho em Corpo e Sangue do próprio sacrifício de Jesus, segundo as Sagradas Tradição e Escritura. Momento reconhecido como *milagre da consagração*.

> é convertido em templo. Esse suposto Cenáculo é mostrado hoje ao mundo como o primeiro templo cristão (Blanco, 2008, p. 44, grifo nosso, tradução nossa)[42].

Portanto, Blanco nos mostra que o lugar onde Jesus realizou a última ceia se reconhece como sagrado, a partir do momento em que o *milagre* acontece, adquirindo-se um "acento de sentido" particular. Graças à *tradição católica*[43], o relato da Última Ceia apontado é reproduzido até os dias hodiernos em todas as igrejas católicas em que acontece o rito da missa (Blanco, 2008), de modo que tais espaços assumem o mesmo caráter de templo, ou seja, o de espaço sagrado[44]. Da mesma forma, portanto, o Santuário onde estão alocadas as imagens e onde se realiza a Novena é configurado, também, como espaço sagrado.

Retomando a discussão tensiva, o *acontecimento* da *consagração* dessa *Santa Ceia* faz com que o espaço obtenha limites tensivos, dessa maneira, o templo demarca o espaço interno em contraposição ao externo. No primeiro, ocorre a consagração, momento que faz o espaço sagrado se isolar do resto do mundo (Blanco, 2008), enquanto o externo, o contrário, ou seja, estabelece-se "uma espacialização fechada, associada como espaço sagrado; e outro tipo perceptivo da apreensão de uma espacialidade aberta, associada como espaço profano" (Blanco, 2008). Coincide-se, assim, com o que Cassirer (2004) aponta sobre a palavra *templo*, que: "remonta à raíz tem ('cortar'); portanto, não significa senão o 'recortado', 'delimitado'. Nesse sentido, essa expressão designa inicialmente a circunscrição sagrada [...]" (Cassirer, 2004, p. 178), e com a relação do interno e do externo, entendida por Bachelard (2008): "que repercute numa dialética do aberto e do fechado" (Bachelard, 2008, p. 22).

Com tais delimitações, o templo toma sua área interna como sagrada e a externa como profana e, em termos tensivos, conforme Blanco (2008): "o acento posto no sagrado é um acento de *intensidade*, que o diferencia da região não sagrada, a qual não leva tal acento e se caracteriza pela *extensidade*" (Blanco, 2008, p. 48, grifos do autor,

---

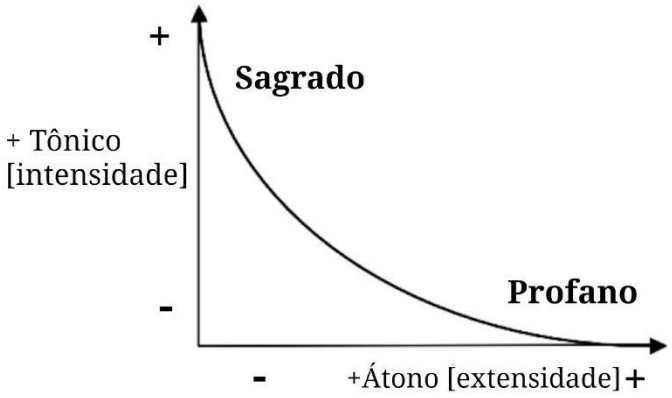
[42] Tradução nossa para o trecho original: "En el momento en que Jesús escoge una determinada habitación para celebrar la Cena Pascual, impone al espacio elegido ese "acento de sentido" particular; por lo mismo, dicho espacio se cierra sobre sí mismo y queda aislado del resto del mundo, es convertido en *templum*. Ese supuesto Cenáculo es mostrado hoy al mundo como el primer templo cristiano" (Blanco, 2008, p. 44, grifos do autor).

[43] Noção desenvolvida no capítulo I.

[44] Confirmam-se, assim, os preceitos da teologia, para além da semiótica, que a igreja não é apenas "um mero salão que protege a assembleia cristã das intempéries" (Scomparim, 2008, p. 10), mas, além disso, o "edifício sagrado representa, antes de tudo, o Cristo como a divindade manifesta na Terra" (Burckhardt, 2004, p. 83).

tradução nossa[45]), portanto, a disjunção espacial acontece devido ao fato de o espaço sagrado carregar um acento, dito de intensidade, enquanto o espaço profano, de extensidade. Blanco (2008, p. 49, tradução nossa) esquematiza tal relação no gráfico a seguir:

Figura 12 - Oposição entre sagrado e profano



Fonte: (Blanco, 2008, p. 49, tradução nossa).

Todavia, Blanco (2008, p. 49, tradução nossa[46]) afirma que “dentro do templo, o espaço sagrado não tem a mesma *tonicidade*”, portanto, dentro do espaço acentuado, possui-se uma gradação de tonicidade, isto é, umas partes com mais e outras partes com menos grau de intensidade. Quando tratamos sobre as “partes” do espaço sagrado, referimo-nos ao sacrário[47], presbitério[48], naves[49] e átrio[50] (Blanco, 2008).

Sobre a relação das “partes” e seu respectivo grau de intensidade, Blanco (2008, p. 49, tradução nossa) esquematiza:

[45] Tradução nossa para o trecho original: “El *acento* puesto en lo sagrado es un acento de *intensidad*, que lo diferencia de la región no sagrada, la cual no lleva tal acento y se caracteriza por la *extensidad*” (Blanco, 2008, p. 48, grifos do autor).

[46] Tradução nossa para o trecho original: “Sin embargo, dentro del templo, el espacio sagrado no tiene la misma *tonicidad*” (Blanco, 2008, p. 48, grifo do autor)

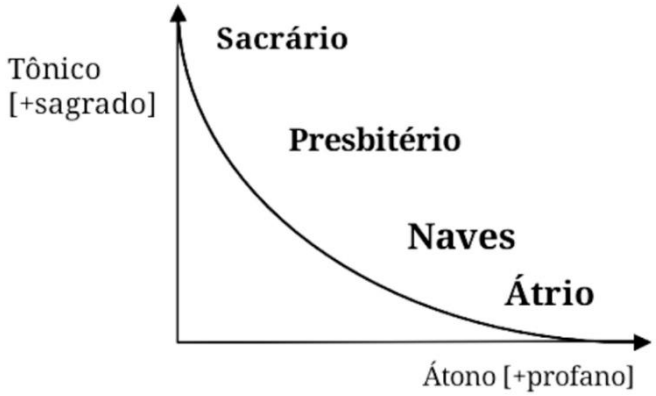
[47] Espaço onde se guardam as hóstias já consagradas.

[48] Geralmente acima de escadas, é o espaço no templo onde se localizam o altar e os celebrantes.

[49] Espaço no templo onde ficam os fiéis.

[50] Saídas do templo.

Figura 13 - Gradação do espaço tensivo do templo.



Fonte: (Blanco, 2008, p. 49, tradução nossa).

Seguindo uma descrição crescente da gradação do espaço tensivo do templo, o que aparece, de antemão, é o átrio. O átrio é o pátio interno de entrada e saída de fiéis. Sua tonicidade é quase nula. É a parte em que o sagrado e o profano se misturam. Já as naves se caracterizam por ser o espaço mais amplo do templo, é nele que se materializa, efetivamente, a participação dos fiéis diante do Sagrado. O presbitério é pertencente ao celebrante e é onde o altar se constitui. E, por fim, o sacrário, lugar onde se guardam as partículas consagradas, espaço sacratíssimo por excelência (Blanco, 2008). Nesse sentido, portanto, é importante ressaltar que a definição do grau de tonicidade pelo espaço é configurada a partir da presença do sagrado.

Neste capítulo, pudemos entender todo o alicerce teórico-metodológico que baseia este trabalho, seu percurso historiográfico, suas vertentes (padrão, visual e tensiva) e suas relações com os gêneros textuais e domínio discursivo (religioso) que esta teoria se entrelaça com os respectivos objetos desta pesquisa. A seguir, apresentamos então a semiótica aplicada em análise na abstração da significação das práticas devocionais de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE SEMIÓTICA DAS PRÁTICAS DO PERPÉTUO SOCORRO

Após apresentação do processo e do valor histórico dos referidos objetos submetidos e, por conseguinte, a exposição da perspectiva e percurso teórico-epistemológico em que estamos apoiados, passemos, então, ao capítulo da análise propriamente dito.

Retomando a estrutura apresentada, desde a introdução, este capítulo subdivide-se em três grandes partes: a) a Novena Perpétua, que inclui como objeto - o texto ritualístico da Novena no novenário e a transmissão on-line/gravação desta prática (realizada pela primeira vez no período da pandemia); b) representação iconográfica de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – que inclui o ícone propriamente dito, popularizado no mundo todo, e a relação de uma de suas réplicas com o espaço sagrado em que está inserida; c) e a Ladainha e Consagração da Padroeira – N. Sra. do Perpétuo Socorro – caso de Mato Grosso do Sul.

3.1 Análise da Novena do Perpétuo Socorro

A Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, como uma prática cultural religiosa, oferece subsídios discursivos nos diversos âmbitos: no texto escrito do rito no novenário/livro de bolso, como prática significante em si, prática no discurso on-line, dentre outras maneiras de se existir como linguagem. A partir disso, selecionamos, para análise, três principais frentes: a primeira, desenvolvendo-se a partir do texto escrito do novenário orientador do rito em questão; a segunda, trazemos algumas considerações da Novena enquanto prática significante; e a terceira analisamos a Novena em sua versão digitalizada no meio on-line, no período da pandemia da Covid-19.

3.1.1 A Novena no novenário/livro de bolso[51]

O novenário/livro de bolso da Novena (anexo I), conforme apresentado no tópico 2.3.5, é o veículo comunicativo no qual está presente o texto verbal do rito da Novena. Dessa maneira, a Novena apresentada (anexo I) é o primeiro dos objetos-recortes de análise da Novena do Perpétuo Socorro e isso se deve por ele possuir, como dito, todo

[51] Ressaltamos que todas as conclusões de análise desta seção são referentes à Novena escrita no novenário, de forma isolada, e não à prática, ainda que o primeiro seja o simulacro do segundo.

rito da prática em texto verbal - incluindo as invocações, orações e bênçãos. Para além do rito, o novenário possui, ainda, cânticos para a realização da prática, bem como um breve contexto histórico do ícone e do rito em questão, partes essas que não foram incluídas na análise. Outras partes que não foram inseridas, na análise desta seção, são os momentos da “liturgia da palavra” e “eucaristia”

A partir disso, contudo, em vez de seguirmos, cronologicamente, a ordem do *Novenário*, optamos em fragmentar a análise por gêneros textuais, sendo: uma primeira parte da análise do *Oferecimento*; seguido pela análise das *Invocações;* das *Orações*; *e Bênçãos*, respectivamente, e por último, da *Consagração*. Essa decisão analítica se deu conforme o postulado de Hjelmslev (2013 [1961]):

> O **texto deve ser dividido com seleção** e com reciprocidade como bases de análise e o linguista deve, em cada análise distinta, procurar obter partes que tenham a maior extensão possível. É fácil ver que um texto de uma extensão muito grande ou mesmo ilimitada apresenta possibilidades de divisão em partes de grande extensão, definidas por seleção, solidariedade ou combinação mútuas (Hjelmslev, 2013 [1961], p. 105, grifo nosso).

Da mesma forma, tendo em vista a extensão da Novena e suas partes, optamos por fragmentá-lo em grupos de análises sob o critério de gêneros textuais, apresentados, anteriormente, no tópico 2.2.4.

3.1.1.1 O Oferecimento da Novena

A partir do *Novenário* da Novena do Perpétuo Socorro de Campo Grande, o texto da prática se inicia com a seção de *Oferecimento*. A seguir, a transcrição deste enunciado presente no novenário:

Quadro 7 – Oferecimento

Oferecimento
Todos: Ó Mãe do Perpétuo Socorro/ ó meus amáveis protetores São José/ e Santo Afonso Maria/ eu vos ofereço esta Novena/ por intenção dos doentes/ dos aflitos e atribulados/ dos pobres pecadores/ pelas necessidades da igreja/ e por suas vocações sacerdotais religiosas e leigas/ por minha família/ e por minhas intenções particulares./ Dignai-vos atender-me bondosamente. Amém!

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 03).

Nesse primeiro momento da Novena, apresenta-se um movimento em que o sujeito se assujeita à prática e àquelas perspectivas contratuais de fé. Não obstante, tal seção apresenta um sujeito virtualizado, que possui intenções particulares, dentre outras questões, no intuito de entrar em conjunção com o objeto valor. Nesse caso, o *oferecimento* se enquadra nas mesmas características de uma *oração*, possui-se uma invocação inicial à figura de Nossa Senhora e a dos Santos São José e Santo Afonso Maria, por meio de um vocativo e há uma fórmula final e certo grau de formalidade, apesar das marcas de subjetividade.

Em termos actanciais, é concebido um enunciador actante coletivo, a partir da invocação da expressão "todos:", no início, como um indicativo coletivo da oração. A partir disso, estabelece-se, posteriormente, uma voz enunciadora em primeira pessoa do singular - marcada, por exemplo, em "**minha** família", "**eu** vos ofereç**o**" e "atender-**me**", dentre outras marcações -, produzindo um efeito de sentido simultâneo de unidade coletiva e individualidade da relação fiel/fiéis-Divino, num simulacro de subjetividade, aproximando todos os envolvidos da cena enunciativa.

Trata-se de uma prática coletiva por ser designada como uma oração para todos lerem/rezarem; e individual pela individualidade/subjetividade marcada e instaurando a primeira pessoa – portanto, projetando um simulacro de adesão desse fiel sob debreagem enunciativa[52] de segundo grau -, em relação aos referidos enunciadores: "[...] **Mãe do Perpétuo Socorro**, [...] **São José**/ e **Santo Afonso Maria**" (Missionários Redentoristas, s/a, p. 03, grifo nosso).

Diante disso, o texto do *Oferecimento*, em noções actanciais, caracteriza-se como uma oração que se direciona não somente à Santa Maria, mas também associa-se a outros, São José e Santo Afonso Maria. Tais vocativos que marcam os referidos destinatários, assim como em uma carta, num dizer retórico, apresentam um direcionamento, ou chamamento do oferecimento que se apresenta. Os enunciatários não correspondem, no entanto, a um actante coletivo, mas a entidades determinadas, destinadoras estabelecidas da Fé, denominadas como aquelas que possuem competência para um fazer ao serem invocados: "Eu vos ofereço [...] **Dignai-vos atender**-me bondosamente" (*ibidem.*, grifo nosso).

No que se refere às questões temporais do *Oferecimento*, o tempo é marcado no presente, do agora, marcado em: "eu vos ofereç**o**". Dessa maneira, passa-se um efeito

[52] já que "a debreagem actancial enunciativa é a operação pela qual se constroem discursos em primeira e em segunda pessoa" (Fiorin, 2022, p. 22).

de sentido de subjetividade. Contudo, o *Oferecimento* projeta o anseio e a espera de futuro, sobre um retorno de ser “atendido”: “Dignai-vos atender-me bondosamente”. Ao mesmo tempo, a espacialidade que se projeta é a do *aqui*. Portanto, tanto a temporalidade como a espacialidade demarcam um simulacro da voz destinadora do fiel, enquanto actante que projeta seu anseio na prática.

Passemos à análise dos enunciados de *Oração*.

3.1.1.2 Análise de Orações da Novena

No novenário, há a presença de três enunciados de *Oração*. Passemos à análise da primeira oração:

Quadro 8 – Primeira oração presente no novenário.

Oração
Cel.: Oremos: Ó Deus onipotente e misericordioso, que nos destes a graça de venerar a imagem de vossa bem-aventurada Mãe, sob o título de Perpétuo Socorro: concedei-nos que em todas as dificuldades da nossa peregrinação nesta vida sejamos de tal modo assistidos pela proteção da mesma e Imaculada e sempre Virgem Maria, que mereçamos conseguir os prêmios da vida eterna. Vós que viveis e renais por todos os séculos dos séculos. Amém!

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 05).

Nesta seção, a projeção enunciativa é do Celebrante como enunciador, marcado por “Cel.:”, e Deus como enunciatário: “Ó Deus fiel e misericordioso [...]”. Portanto, o sacerdote direciona-se ao enunciatário, Deus: “Ó Deus fiel e misericordioso” e, por conseguinte, assume a posição de enunciador intermediário, pois, em “concedei-**nos**”, revela estar figurativizando, frente a Deus, um actante coletivo, todos (simulacro do celebrante+fiéis). Outra oração presente no novenário é a Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem:

Quadro 9 - Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem, presente no Novenário

Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem

Todos: Santíssima Virgem Imaculada,/ Maria, minha Mãe, a vós que sois a Mãe do meu Senhor, / a Rainha do Mundo, / a advogada, a esperança, o refúgio dos pecadores/ recorro hoje eu, que sou o mais miserável de todos./ Aos vossos pés me prostro, ó Grande Rainha,/ e vos dou graças por todos os benefícios/ que até agora me tendes feito, especialmente por me haverdes livrado do inferno/ por mim tantas vezes merecido./ Eu vos amo, senhora amabilíssima/ e pelo amor que vos tenho,/ prometo servir-vos sempre/ e fazer quanto possa para que de todos sejais servida./ Em vós depois de Jesus, ponho todas as minhas esperanças./ Toda minha salvação./ Aceitai-me por vosso servo,/ e acolhei-me debaixo do vosso manto,/ ó Mãe de misericórdia! E já que sois tão poderosa para com Deus,/ livrai-me de todas as tentações/ ou impetrai-me forças para vencê-las até a morte./ A vós suplico o verdadeiro amor a Jesus Cristo,/ de vós espero alcançar uma boa morte,/ Minha Mãe, pelo amor que tendes a Deus,/ vos rogo que me ajudeis sempre,/ mormente no último instante de minha vida./ Não me desampareis enquanto não me virdes salvo do céu,/ a bendizer-vos e a cantar as vossas misericórdias/ por toda a eternidade./ Assim espero, assim seja.

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 5-6, grifo do autor).

Esta oração não é dirigida diretamente à figura *Mãe (do Perpétuo Socorro)*, como o título previamente tematiza, tampouco é ao referido Santo Afonso, mas transcreve uma oração de Santo Afonso à divindade de Maria, como evidenciado no título. Nesse sentido, há um efeito de intermediação do santo, fazendo com que a oração seja valorada, já que é concebida por um sujeito validado, da santidade de “Santo Afonso à Santíssima Virgem”.

Em termos semânticos discursivos da presente oração, o actante Santa Maria é figurativizada o tempo todo por figuras como “Santíssima Virgem Imaculada, / Maria, minha Mãe”, “ó grande rainha”. Contudo, em termos temáticos, a presente oração segue a mesma tendência discursiva da Novena como um todo: maternidade, sacralidade, devoção, desejo, dentre outros.

A primeira pessoa desta oração, por sua vez, não figurativiza a voz coletiva dos fiéis, mas se trata, especificamente, da voz do Santo - Santo Afonso. Nesse sentido,

portanto, ao integrar-se ao novenário da Novena, tal oração passa a não ser mais referente à particularidade do Santo Afonso, mas é incorporada pelo simulacro dos fiéis como um todo que se apropriam deste *modo de dizer*, ou melhor, *modo de fazer-ser*.

A priori, a considerável presença das figuras de São José e Santo Afonso na Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro se deve, também, a elementos constituintes da identidade redentorista[53] que, em suas práticas e espaços discursivos, até nos espaços físicos, possuem referências figurativas dos respectivos santos, seja por meio de textos escultóricos, seja por meio de orações com temáticas e direcionamentos de fé a eles.

Segue, na íntegra, a próxima *Oração* presente no novenário:

Quadro 10 - Oração pelas Vocações presente no novenário.

Oração pelas Vocações

Senhor da messe e pastor do rebanho,/ faz ressoar em nossos ouvidos/ teu forte e suave convite:/ **"Vem e segue-me"!**/ derrama sobre nós o teu espírito,/ que ele nos dê sabedoria para ver o caminho/ e generosidade para seguir tua voz.

Senhor/ que a messe não se perca por falta de operários./ Desperta nossas comunidades para a missão./ Ensina nossa vida a ser serviço./ Fortalece os que querem dedicar-se ao reino,/ na vida religiosa e consagrada.

Senhor, que o rebanho não pereça por falta de pastores./ Sustenta a fidelidade de nossos Bispos, Padres e Ministros./ Dá perseverança a nossos seminaristas;/ desperta o coração de nossos jovens/ para o ministério pastoral em tua igreja.

Senhor da messe e pastor do rebanho,/ chama-nos para o serviço de teu povo./ Maria, mãe da igreja,/ modelo dos servidores do evangelho,/ ajuda-nos a responder sim. Amém!
Cel.: Santo Afonso Maria, grande servo de Maria.
Todos: Rogai por nós.

Cel.: Santo Afonso Maria, zeloso apóstolo de Maria.
Todos: Suscitai vocações comprometidas com a Igreja.

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 9, grifo do autor).

Esta oração não se denomina direcionada à Nossa Senhora, nem a algum santo específico, mas se intitula voltada a uma temática. O tema desta oração é evidenciado

[53] Congregação (grupo de religiosos que replica práticas católicas específicas, de forma institucionalizada pela Igreja Católica) que difunde a devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

pelo título e, não somente no título, mas a oração como um todo carrega variadas figuras as quais concretizam a temática *vocação*, figurativizada em “para o ministério pastoral”, “comunidades para a Missão”, dentre outras. No mais, pela fuga quase absoluta da temática “Socorro de Maria”, orações como essa podem significar serem traços específicos, portanto identitários da congregação redentorista, e quebram, de certa maneira, a repetição temática ao longo da Novena.

Entretanto, conforme os demais enunciados de *oração* apresentados, essa também apresenta: uma invocação inicial, por meio dos vocativos “Senhor da messe” e “Senhor”; a presença de um sujeito virtualizado a um *querer*; direcionamento a uma entidade religiosa; temática religiosa; dentre outras questões estáveis desse gênero nessa prática.

Passemos à análise das Cartas de Agradecimento, textos prescritos por fiéis e que são lidos na prática, marcando o momento de sua leitura no novenário.

3.1.1.3 Análise das Invocações

Há, ainda, no novenário, a presença de dois enunciados de *Invocação*. Passemos à leitura e análise das *Invocações a Mãe do Perpétuo Socorro*:

Quadro 11 - Invocações à Mãe do Perpétuo Socorro.

Invocações à Mãe do Perpétuo Socorro
Todos: Eis aqui ó Mãe do Perpétuo Socorro/ aos vossos pés/ um miserável pecador/ que a vós recorre e em vós confia./ Ó Mãe de misericórdia, tende piedade de mim!/ Ouço que todos vos chamam o refúgio e a esperança dos pecadores./ Logo então, sede vós o meu refúgio e a minha esperança./ Por amor de Jesus Cristo, socorrei-me./ Dai a mão a um mísero caído,/ que a vós se entrega e recomenda./ Eu bendigo e rendo graças a Deus, por se ter dignado conceder-me esta confiança em vós/ que eu considero um penhor de minha salvação eterna./ Ah! É mais do que certo que no passado/ quando tive a desgraça de cair/ a vós não recorri./ Contudo, ó minha benigníssima mãe,/ não me recuseis o vosso socorro;/ pois sei que com ele serei vencedor./ Sim, sei que vireis em meu socorro/ se a vós me recomendar;/ mas temo as ocasiões de pecar,/ receio deixar então de invocar o vosso auxílio,/ e deste modo perder-me./ É esta graça que peço/ e vos conjuro que ma concedais;/ fazei, ó Maria/ que eu a vós recorra/ em todos os assaltos que me der o inferno,/ e que eu possa dizer-vos continuamente;/ Maria, ajudai-me! Mãe do Perpétuo Socorro,/ não permitais que eu perca o meu Deus!

Cel.: Ave Maria cheia de Graça... (3x)
Cel.: Saúde dos enfermos
T: Rogai por nós!
Cel.: Consoladora dos aflitos
T: Rogai por nós!
Cel.: Refúgio dos pecadores
T: Rogai por nós!
Cel.: Rainha dos apóstolos
T: Enviai-nos muitas e santas vocações!
Cel.: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus
T: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo!

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p.3-4, grifo do autor).

Assim como no *Oferecimento*, na presente *Invocação* também se estabelece um enunciador actante coletivo, *todos*, com marcas de primeira pessoa ao decorrer do enunciado na construção do simulacro *fiel*, figurativizado em momentos como: “Ó Mãe de misericórdia, tende piedade de **mim**”, “Eis aqui ó Mãe [...] um miserável pecador”, aquele “que a vós recorre e em vós confia”, “misero caído”, dentre outras figurativizações.

Por outro lado, a destinatária, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, também é figurativizada de variadas e valoradas formas como “Maria”, “Mãe do Perpétuo Socorro, “Mãe de misericórdia”, “minha benigníssima Mãe”, dentre outras figuras – estabelecendo relações temáticas de *entidade religiosa* e *maternidade*, numa narrativa de quem socorre um filho, por exemplo.

Outra *Invocação* presente na Novena é a seguinte:

Quadro 12 - Invocação a São José presente no novenário.

Invocação a São José

Todos: Lembrai-vos, ó puríssimo esposo da Virgem Maria/ ó meu amável protetor, São José/ que nunca se ouviu dizer/ ficasse sem consolo/ quem invoca vossa proteção/ e solicita vosso apoio./ Cheio desta confiança, apresento-me diante de vós/ e animado de fervor/ me recomendo a vós/ Ah! Não desprezeis minhas súplicas/ Ó Pai nutrício do Redentor/ mas dignai-vos acolhê-las piedosamente. Amém!
Cel.: São José, Amparo das famílias
Todos: Rogai por nós!
Cel.: São José, Esperança dos enfermos
Todos: Rogai por nós!

Cel.: São José, Padroeiro dos agonizantes
Todos: Rogai por nós!

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 08).

Assim como a *Invocação à Mãe do Perpétuo Socorro*: "[...] não me recuseis o Vosso socorro [...]" (p. 3), a *Invocação a São José* também possui um tom imperativo de querer do actante *eu*: "Não desprezeis minha súplica". Contudo, a diferença entre as duas *Invocações*, como evidente, é seu enunciatário principal e sua figuratividade de São José.

Outro ponto importante a ser verificado, na análise, é a narratividade presente nas referidas invocações, sobretudo na primeira apresentada. Nessa, especificamente, apresenta-se um ator miserável, em situação disfórica, num estado de sujeito atualizado e que permanece neste mesmo estado até o momento da enunciação, no ato de invocação. Esse mesmo tom é reforçado e virtualizado em momentos como, por exemplo, na *Invocação a São José*: "[...] São José / que nunca se ouviu dizer / ficasse sem consolo/ quem invoca vossa proteção", também destinador-invocador pedinte.

Ademais, vale ressaltar que, ao final de ambas as *Invocações*, há a presença da estrutura textual de outro gênero textual, *Ladainha:*

> **Cel.: Saúde dos enfermos**
> **T:** Rogai por nós!
> **Cel.: Consoladora dos aflitos**
> **T:** Rogai por nós!
> **Cel.: Refúgio dos pecadores**
> **T:** Rogai por nós!
> **Cel.: Rainha dos apóstolos**
> **T:** Enviai-nos muitas e santas vocações!
> **Cel.: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus**
> **T:** Para que sejamos dignos das promessas de Cristo!
> (Missionários Redentoristas, s/a, p. 4, grifos do autor).
>
> **Cel.: São José, Amparo das famílias**
> **Todos:** Rogai por nós!
> **Cel.: São José, Esperança dos enfermos**
> **Todos:** Rogai por nós!
> **Cel.: São José, Padroeiro dos agonizantes**
> **Todos:** Rogai por nós!
> (Missionários Redentoristas, s/a, p. 08, grifos do autor).

A *Ladainha*, por sua vez, assim como todo gênero textual, possui traços estruturais e papel social estáveis, além de, a partir disso, refletir-se na construção do sentido de um texto por meio de seu estilo, principalmente quando referente à disposição do conteúdo na expressão do texto – pela maneira breve, com repetições etc. – e dessa maneira que essas *Ladainhas* também se dispõem na Novena.

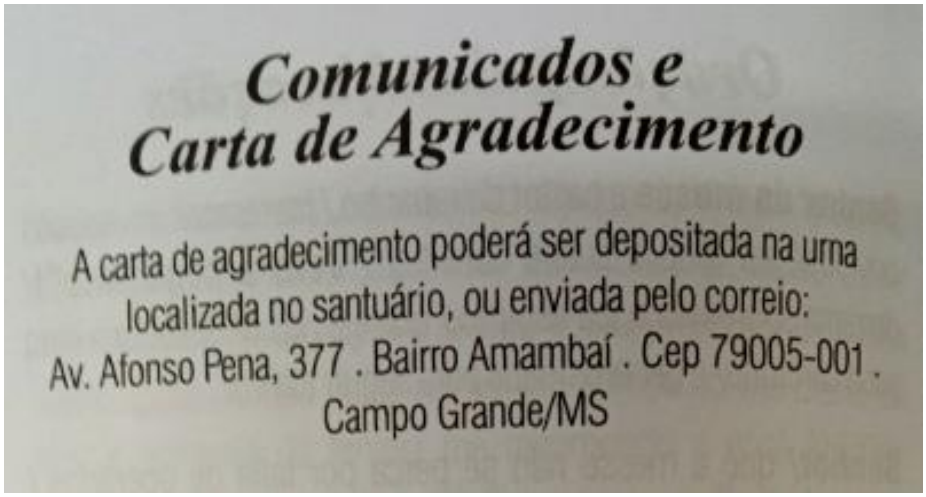
Pensando a presente *Invocação* com o adicional de uma *ladainha*, ainda que enxuta, somam-se mais elementos acentuadores da tonicidade desta seção. Tais "acentuadores" podem ser evidenciados, por exemplo, pelas variadas figuras sobre a Santa Maria destacadas pela *ladainha*, como "Consoladora dos aflitos", "Refúgio dos pecadores", "Rainha dos apóstolos" e "Santa Mãe de Deus", em cada um dos vocativos. Portanto, tais jaculatórias[54] somam-se num efeito potencializador do ato de invocar, fato esse que está presente em ambas as *Invocações*.

Há de se ressaltar, também, que é nas presentes Ladainhas que se evidencia a voz de um *celebrante*, figurativizado por "**Cel.**:" e a voz *coletiva* em resposta da ejaculatória marcada em "**T:**", que indica a *todos*, figurativizando um simulacro da voz e presença dos fiéis: "rogai por **nós**" e "para que sej**amos** dignos das promessas de Cristo". Antes da ladainha, na invocação propriamente dita, não há tais marcadores actanciais, contudo, já havia a projeção do *eu* acompanhado das figurativizações de fiel-filho da prática que já evidenciava esse lugar.

3.1.1.4 Análise Cartas de Agradecimento[55]

Iniciando esta seção, vale ressaltar que o enunciado Cartas de agradecimento é posto da seguinte maneira no novenário:

Figura 14 – Parte Carta de Agradecimento da Novena no novenário.



Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 10).

[54] Definida como "oração curta" ou "pequena prece repetida" (Maia, 1966, p.112), a ladainha é um conjunto de jaculatórias.

[55] Esta seção foi previamente publicada, como resultado parcial desta dissertação: AZEVEDO, Renan Ramires de. O sujeito realizado da prática religiosa Novena perpétua: análise semiótica das cartas de agradecimento. In: **Anais do Seminário Internacional dos Estudos de Linguagens**, Campo Grande, 2023.

Dessa maneira, diferentemente dos demais enunciados da Novena no novenário, este não se apresenta já estabelecido, mas estabelece uma menção de intertextualidade que presume uma carta existente, não dada, mas garantida no novenário como simulacro da prática, ou seja, esperada e prevista na Novena. O texto ao qual o novenário se direciona, em Cartas de agradecimento*,* refere-se a cartas escritas pelos fiéis que, posteriormente, são lidas na prática no templo. A partir disso, selecionamos duas Cartas de Agradecimento para demonstração de como se apresentam, no que se diz às suas estruturas textuais e discursivas. Para análise, portanto, a partir de pesquisa e seleção arbitrária, elegemos uma Carta depositada no *site* oficial do Santuário e outra retirada do livro de Gonçalves (2016) – que reúne cinquenta Cartas de Agradecimento nessa obra.

3.1.1.4.1 Narratividade e Discursividade das Cartas de Agradecimento

Para esse subtópico analítico, em primeiro lugar, retomamos aos preceitos de Carvalho (2005) e Schwartzmann (2012) sobre o gênero carta. Conforme apontado no tópico 2.2.4, a significação de *carta* depende de sua narratividade e de sua discursividade, sobre a relação enunciador – enunciatário e sobre as isotopias figurativas e temática sobre "quem diz o quê, a quem, como, em cada modalidade de carta, em cada regime epistolar" (Carvalho, 2005, p. 95).

Nesta análise demos maior enfoque à narratividade, fortemente presente nos textos objetos deste estudo. Passemos ao primeiro recorte:

Quadro 13 – Carta I

Em 2001, sofri um grave acidente de moto, corria o risco de ter que amputar minha perna. Durante três anos sofri com uma infecção gravíssima. Trocava o dia pela noite, fazia de tudo para melhorar minha perna. Tomava remédios fortes, ia frequentemente aos hospitais, passei por diversas operações para ver se acabava com essa terrível infecção. Foi quando resolvi vir aqui no santuário de nossa Mãe querida, fiz uma Novena. Durante nove semanas rezei com muita fé e perseverança. Trouxe minha vó que é muito católica, pedimos várias vezes chorando para a Mãe interceder por nós. Depois de nove semanas a infecção parou. Retornei ao médico, chegando lá, fiz um ultrassom, ao ver o resultado o médico olhou para mim e disse: "você está curado". Não pude me conter de alegria, pois depois de três anos eu estou curado. Hoje tenho 35 anos, estou aqui neste santuário com toda a minha família, com minha filha de apenas nove dias para agradecer a minha Mãezinha por sua intercessão junto ao Pai, dando-me assim a oportunidade de ter uma vida saudável. Obrigado, minha querida Mãe, assina esta carta um devoto eternamente agradecido.

Fonte: (Gonçalves, 2016, p. 63).

“Em 2001, sofri um acidente de moto” - O *acidente* é a presunção de um *acontecimento* (Zilberberg, 2011), neste caso disfórico, em que se promove uma relação de disjunção do sujeito com o objeto-valor *saúde*, evidenciado, inicialmente, pelo enxerto “**corria o risco** de ter que amputar minha perna”. Nesse mesmo andamento, é citado: “**Durante três anos** sofri com uma **infecção gravíssima**" (*ibidem.,* grifo nosso), o sujeito passa a ser um sujeito potencializado numa relação de disjunção com sua saúde plena de antes, vivendo num presente disfórico durativo - “durante três anos!” (Gonçalves, 2016, p. 63). O disfórico é evidenciado, por exemplo, pela escolha e presença do verbo *sofrer* que carrega semas negativos os quais são associados, neste contexto discursivo, às figuras como *infecção* que, por sua vez, é acompanhada do superlativo - grav*íssima* - atribuindo um efeito de sentido intensificador da disforia.

A partir disso, num movimento em busca do objeto-valor saúde, vale ressaltar que a presente narratividade evidencia que, inicialmente, o sujeito se vê atualizado e competente - poder/saber-fazer - na realização de meios para a sanção de junção com seu objeto-valor: “Tomava remédios fortes, ia frequentemente aos hospitais, passei por diversas operações” (*ibidem.*); contudo, sua performance, por mais que realizada, não alcança a requerida sanção requerida.

Diante de tais *performances* disfóricas, o sujeito passa a querer-fazer a Novena: “foi quando **resolvi vir** aqui no santuário de nossa Mãe querida” e, mais que isso, apresenta-se num movimento em busca da junção, enquanto sujeito virtual, em seu poder e saber-fazer a prática religiosa da Novena. Assim, o sujeito possui *competência* em performá-la: “[...] fiz uma Novena. Durante nove semanas rezei com muita fé e perseverança. [...] pedimos várias vezes [...] para a Mãe interceder por nós” (*ibidem.*). Com a realização da *performance* da realização da atividade de fé do sujeito, desta vez, efetua-se uma *sanção* eufórica: “Depois de nove semanas a infecção parou. Retornei ao médico, chegando lá, fiz um ultrassom, ao ver o resultado o médico olhou para mim e disse: ‘você está curado'" (*ibidem.*). Diferente dos outros fazeres do sujeito, nesta carta é atribuído um valor de *milagre* e *devoção*, num “inesperado esperado” (Greimas, 2002), promovendo o sujeito a um status de **realizado**.

De maneira geral, fluidez parecida com a da Carta I ocorre nas Cartas de Agradecimento em geral, como podemos observar no fragmento a seguir (Carta II):

Quadro 14 – Carta II

Venho por meio desta carta, agradecer mais uma graça recebida por intercessão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Em outubro/2021 meu marido saiu para trabalhar e ao retornar sofreu um acidente de moto, cujo diagnóstico foi traumatismo craniano grave que causou uma lesão no cérebro. Estava em coma induzido e não tínhamos certezas de como seria dali pra frente. No início não tive forças, chorava, estava muito perdida diante de tantas incertezas. Comecei a ir à Novena e orar muito, pedir para a Mãezinha, para que meu marido abrisse os olhos. Numa ocasião em que estava rezando, senti algo muito especial, um vento forte havia passado por mim. Naquele dia recebi a notícia de que ele havia reagido e aberto os olhos. Não me contive de alegria e logo no dia seguinte fui agradecer. Ele foi melhorando e conseguiram tirá-lo do tubo. Apesar de eu estar com apenas 20 anos tive forças para cuidar de meu marido em tempo integral. Hoje ele está recuperado, com pequenas sequelas. De uma devota eternamente agradecida.

Fonte: (Santuário Estadual, 2022).[56]

Diferentemente da Carta I, neste caso, trata-se de uma Carta mais recente, publicada em 2022, em domínio público, em que a voz do enunciador em primeira pessoa retrata a transformação de um outro sujeito, seu marido presumido - “meu marido saiu para trabalhar [...] (l. 3), concordando com o que, Fiorin (2008) afirma: “o sujeito que opera a transformação e o que entra em conjunção ou em disjunção com um objeto podem ser distintos ou idênticos” (Fiorin, 2008, p. 31).

Por esse viés, esta carta, assim como a primeira, apresenta uma narrativa inicial que evidencia um *acontecimento* disfórico, acidente de trânsito, mais especificamente, estabelecendo uma situação inicial de disjunção do sujeito com seu objeto valor *saúde*, portanto, situação de um sujeito atualizado. A partir disso, a voz da primeira pessoa aponta: “comecei a ir à Novena e orar muito, pedir para a Mãezinha, para que meu marido abrisse os olhos”, ou seja, o sujeito apresenta *competência* de poder/saber-fazer a *performance* de participação do rito específico. A *performance* do sujeito - esposa – promove, portanto, uma transformação no sujeito *marido*: “Naquele dia recebi a notícia de que ele havia reagido e aberto os olhos. [...] Ele foi melhorando e conseguiram tirá-lo do tubo” A sanção pragmática eufórica designa, novamente, a promoção de um sujeito realizado, em outras palavras, em conjunção com seu objeto-valor *saúde*.

[56] Disponível em: <https://perpetuosocorroms.com.br/cartas-de-agradecimento-02-11-2022.html>. Acesso em 10 nov. 2022.

Assim, de maneira geral, as Cartas de Agradecimento possuem uma narrativa mínima de liquidação de privação, ou seja, “um estado inicial disjunto e um final conjunto” (Fiorin, 2008, p. 29).

Sob considerações semióticas outras, em ambas as cartas deste recorte se concretizam seus discursos sob uma tematização de trânsito, figurativizado por acidente *de moto* etc.; associado ao tema de *cura*, figurativizado, na primeira carta pela fala do médico “você está curado” - e na segunda, por *aberto os olhos*, por exemplo. Dessa maneira, a categoria mínima fundamental que se instaura na profundidade destes discursos é de *vida* vs. *morte*.

Por fim, é valido ressaltar que, diante de todos os preceitos analíticos postos no decorrer deste texto, a própria nomenclatura Cartas de agradecimento evidencia um texto – *Carta* – de quem agradece – *Agradecimento* – como confirmação da sanção de um sujeito realizado.

Os resultados constatados demonstram que a narratividade recorrente nas Cartas de Agradecimento materializa que os sujeitos atualizados perpassam um percurso narrativo o qual – anteriormente disfórico, em disjunção ao objeto-valor da graça desejada – passa a ter conjunção ao objeto-valor, assumindo um perfil de sujeitos realizados.

3.1.1.5 Análise das Bênçãos

No novenário, há a presença de três enunciados de *Bênção*. A seguir, no Quadro 15, há um enunciado que abre a sequência das bênçãos presentes no novenário:

Quadro 15 - Intenções e Bênçãos presentes no novenário

Intenções e Bênçãos
Cel.: Devotos! Olhemos confiantes para Nossa Senhora. Coloquemos nas mãos bondosas de Maria, tudo o que estamos pensando, sentindo e rezando neste momento...
→ Rezemos pelos falecidos...
→ Rezemos pela paz em nossas famílias...

→ E peçamos a Mãe do Perpétuo Socorro aquela graça que mais precisamos... → Cheios de fé, de esperança e de confiança, peçamos também uma bênção especial para todos os doentes... Aqueles que estão aqui, os que estão nas casas ou nos hospitais de nossa cidade...

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 10).

A benção, segundo Bucciol (2018), é:

> O *Ritual de Bênçãos* orienta a respeito do sentido das bênçãos e proporciona expressões para realizá-las. Encontramos **bênçãos de pessoas** (por exemplo: das famílias, de enfermos, para antes e depois do parto, de noivos, etc.); **bênção de lugares** (da nova residência, novo hospital, escritório, fábrica. Plantações, campos, etc.); **e coisas** (instrumentos de trabalho, bebidas e alimentos, terços de Nossa Senhora, escapulários, etc.) (Bucciol, 2018, p. 67-68, grifos nossos).

Dessa maneira, apresentamos a análise das bênçãos “dos Doentes”, “dos Artigos Religiosos” e, posteriormente, a “Benção com ícone da Mãe do Perpétuo Socorro”, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 16 – Bênçãos presentes no novenário

Bênção dos doentes	**Bênção dos Artigos Religiosos**
Cel.: Nosso auxílio está no nome do senhor. **Todos:** Que fez o céu e a terra. **Cel.: Senhor, ouvi a minha oração** **Todos:** Chegue a vós o meu clamor. **Cel.: O Senhor esteja convosco** ***Oremos*** **Cel.:** Olhai senhor para os vossos filhos e filhas/ que estão sofrendo alguma doença/ corporal, mental, ou espiritual./ Confortai-os./ Fazei com que tirem proveito de seus sofrimentos/ reconhecendo que é a vossa misericórdia que os salva. Nós pedimos por Cristo Nosso Senhor. Amém! (em seguida, o celebrante estende a mão direita sobre todos, e procede com a benção, dizendo) **Cel.:** Nosso Senhor Jesus Cristo esteja perto de vós para vos **defender**; esteja em vosso coração para vos **conservar**; que ele seja vosso guia para vos **conduzir**; que vos acompanhe para vos **guardar**;	**Cel.: Oremos:** Nós vos bendizemos senhor, pai santo, porque por vossa palavra e poder tudo foi feito e, como dons vossos, recebemos tudo que é necessário à vida. Lançai a vossa bênção sobre nossos objetos de piedade e artigos religiosos; as águas, documentos, fotografias e demais objetos que expressam nossa vida neste mundo. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém!** (procede-se com a aspersão da Água Benta).

que sobre vós derrame sempre sua bênção – em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém!**	

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 11, 12, grifos dos autores).

Direcionados à figura da Santíssima Trindade, figurativizada de variadas maneiras como “Cristo Nosso Senhor”, “Senhor, pai santo” e “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, concebe-se o seguinte esquema actancial do gênero bênção a Deus:

Esquema 2 – Esquema actancial de bênçãos a Deus

Enunciador → Enunciatário	
“Cel.” (+todos)	Santíssima Trindade (Pai [Deus], Filho [Cristo] e Espírito Santo)

Fonte: (elaboração própria).

Em ambas as bênçãos dispostas no quadro 16, o enunciador está demarcado por “Cel.:”, com caráter coletivo marcado em “Noss**o** Senhor [...]”, “**Nós** vos bendiz**emos** [...], refletindo em um efeito de sentido de unidade e subjetividade, ao passo que se direciona ao destinatário Deus, a quem se solicita as respectivas bênçãos, de forma imperativa, presente em “olhai **senhor**” ou em “Nós vos bendizemos **senhor**”.

Uma ocorrência diferente que acontece nesses textos é a presença dos excertos: “(em seguida, o celebrante **estende a mão direita** sobre todos e procede com a bênção dizendo)” e “(procede-se com a **aspersão da Água Benta**)”, que se assemelham com o elemento didascálias do texto dramático, quando indicam as ações que os respectivos atores-personagens devem realizar. No entanto, sob as premissas do gênero do discurso religioso no contexto da Novena, tais excertos indicam o sincretismo da linguagem verbal com a linguagem gestual[57] na prática religiosa, projetando um direcionamento direto do objeto divino com o sujeito fiel, humano, sob o espaço.

[57] Nesse ponto, há de se ressaltar o que Greimas postula: “[...] a gestualidade mítica constitui a forma forte do engajamento do ser humano na produção do sentido; ela coloca em jogo não somente seu corpo inteiro, mas, graças a mobilidade do corpo, permite também estabelecer relações diretas entre o homem e o espaço circundante” (Greimas, 1981, p. 163).

Sobre o significado dos referidos significantes gestuais, Bucciol (2018) pontua que a Imposição das mãos é um gesto bastante frequente nas celebrações católicas, advindo da tradição e da sagrada escritura:

> [...] esse gesto, que Jesus passou aos seus apóstolos e às mãos deles, é convite para tomarmos consciência da dignidade das mãos não só dos ministros ordenados, mas de todos [...] Na tradição bíblica, com as mãos puras e muito amor, os pais, enquanto **abençoavam** seus filhos, impunham as mãos em sinal de bênção divina (Bucciol, 2018, p. 121, grifo nosso).

Da mesma forma, por meio da tradição católica, o gesto se replica nas práticas desta fé, preservando o mesmo significado. E sobre a água benta, o mesmo autor ressalva que: "entre os sinais que a igreja usa para **abençoar** os fiéis, encontra-se a água (Bucciol, 2018, p. 23, grifo nosso). Diante dessas duas premissas, observa-se que ambos os gestos se relacionam ao ato de "abençoar", o que é consoante ao gênero neste tópico em análise, bênção.

Diferentemente, dessas duas bênçãos apresentadas que solicitam a bênção a Deus ou Santíssima Trindade, há no novenário, ainda, a presença de outra bênção: *Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro* – na íntegra a seguir:

Quadro 17 – Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro

Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro
Cel.: Ó Maria, Mãe do Perpétuo Socorro, abençoai o povo desta cidade e todos os vossos devotos. → Protegei as crianças, adolescentes, jovens, casais, idosos... → Restitui a saúde aos enfermos. → Confortai os aflitos. → Ajudai-nos a resolver os problemas pessoais e familiares. → Sede nossa Mãe do Perpétuo Socorro e dai-nos a vossa bênção. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém!**

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 13).

Esta bênção também é proferida pelo celebrante, "Cel.:" que projeta um *nós*, incluindo um simulacro de fiéis, presente em "ajudai-**nos**" e "sede **nossa** Mãe [...]" (*ibidem.,* grifo nosso), mas, aparentemente direcionado e concluído à figura "**Mãe** do Perpétuo Socorro" (*ibidem.,* grifo nosso), demarcado pelo vocativo. Contudo, o enunciado

finda-se da mesma maneira dos demais, invocando “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”, esse movimento projeta os mesmos sujeitos envolvidos das demais bênçãos, mas sendo esta com a intermediação da “Mãe do perpétuo socorro”, estabelecendo-se o seguinte esquema:

Esquema 3 – Esquema actancial de bênçãos a Deus com a intermediação mariana

Enunciador → Enunciatário → Arquienunciatário[58]		
“Cel.” (+fiéis)	N.S.Perpétuo Socorro (intermediária)	Santíssima Trindade (Pai [Deus], Filho [Cristo] e Espírito Santo)

Fonte: (elaboração própria).

É importante ressaltar que “arquidestinatário” é um conceito não desenvolvido na teoria semiótica, mas que, por conta da voz enunciadora, do celebrante, do texto projetar um direcionamento a um enunciatário (NSPS), que alcança, por conseguinte, um enunciatário maior (Deus), daí refletimos na constituição do esquema 3.

Outro elemento de comparação desta bênção com a outras é a estabilidade de nos três enunciados que associa a expressão verbal a gestual, escrita/prevista pelo novenário e para além dele, no simulacro da prática no espaço físico, o celebrante eleva o ícone neste momento, aproximando os actantes da cena enunciativa.

Além de tais considerações analíticas, é possível, ainda, averiguar recorrências e estabilidades textuais entre os três enunciados analisados. O primeiro é que a *bênção* apresenta um programa narrativo em que o sujeito anseia e recebe um objeto específico: a própria bênção. No primeiro enunciado isso é demonstrado em: “[...] derrame sempre sua bênção”; no segundo: “[...] Lançai a vossa bênção sobre nossos objetos [...]” e no terceiro: “[...] abençoai o povo [...]” e em “[...] dai-nos a vossa bênção”, ou seja, para além de outros objetos-valores presentes, como saúde, proteção, dentre outros (presentes nos enunciados de oração e invocação), revela-se a própria “bênção” como objeto-valor central, traço que distingue as bênçãos dos enunciados *oração* e *invocação*, por exemplo, que são generalistas. Outro traço distinto é a terminação estável das bênçãos. Ambos

[58] O termo “arquienunciador” é utilizado na Análise do Discurso para se referir a uma figura que, de certa forma, representa a voz principal ou a instância superior de enunciação em um texto. Esse conceito é discutido por Dominique Maingueneau (2008). No caso deste objeto de análise, projeta outra situação de destinação, observando esses enunciados de forma isolada à prática, a voz que enuncia é a do celebrante, que, por sua vez, projeta um *nós* (+fiéis) e se direciona a Deus, mas que antes, passa pelo intermédio d

obrigatoriamente se encerram: “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!”, conforme apresentado anteriormente no esquema 3.

3.1.1.6 Ato de Consagração - Mãe do Perpétuo Socorro (Somente na última Novena de cada série)

Nesta seção, será analisado um último gênero constatado como gênero do discurso religioso presente na Novena, que é o gênero *Consagração*, presente por meio do texto “Ato de Consagração - Mãe do Perpétuo Socorro”, quadro 18, a seguir:

Quadro 18 – *Ato de consagração* presente no novenário.

Ato de Consagração
Mãe do Perpétuo Socorro
(*somente na última Novena de cada série)*

Todos: Eu vos saúdo ó Maria,/ Mãe do Perpétuo Socorro./ Eu vos saúdo,/ rainha do céu e da terra,/ a cujo império/ está sujeito tudo o que existe abaixo de Deus./ Eu vos saúdo,/ refúgio dos pecadores,/ cuja misericórdia jamais faltou./ Atendei a vontade que tenho/ de possuir o amor eterno,/ a graça de Deus,/ a salvação eterna.

Dai-me a graça de ser discípulo de Jesus,/ na santidade dos costumes,/ no cumprimento dos deveres,/ no zelo da salvação das almas./ Transformai a minha vida em um santuário de virtudes,/ onde Jesus seja o centro./ Recebei, ó Maria,/ meus votos e desejos/ e ofertai-os a Jesus./ Quero que ele receba,/ por vossas mãos,/ os meus obséquios,/ e por vosso coração,/ o meu coração.

Consagro-me, pois inteiramente a vós,/ e ponho-me inteiramente em vossas mãos./ Em vossas mãos, eu renovo as promessas do meu batismo;/ renuncio ao demônio,/ suas obras,/ suas pompas./ Em vossas mãos, eu me comprometo a levar a minha cruz,/ obrigando-me a imitar-vos./ Em vossas mãos, eu deposito/ o propósito de ser fiel a Jesus,/ mais fiel do que tenho sido até agora.

Ó Maria,/ eu vos escolho por minha mãe e mestra./ Eu vos consagro tudo o que eu tenho/ e tudo o que sou./ Eu vos dou o meu corpo,/ a minha alma,/ os meus bens,/ o meu passado,/ o meu presente,/ o meu futuro,/ as minhas alegrias,/ as minhas dores,/ a minha vida,/ a minha morte,/ a minha eternidade./ Disponde de mim como vos aprouver./ Recebei este meu ato de amor:/ quero ser vosso para ser de Jesus.

Santa Mãe do Perpétuo Socorro/ Abençoai-me!/ **Amém!**

Fonte: (Missionários Redentoristas, s/a, p. 13-14, grifo do autor).

Primeiramente, a respeito dos elementos discursivos, esse enunciado é construído sob a actorialização em projeção do actante coletivo, “todos:” que,

posteriormente, projeta-se no singular, numa debreagem enunciativa, causando efeito de sentido de subjetividade e de proximidade entre os participantes da cena enunciativa. A enunciatária explícita, nesse caso, é exclusivamente a “Santa Mãe do Perpétuo Socorro”, diferentemente dos demais enunciados analisados.

O enunciado *Ato de Consagração - Mãe do Perpétuo Socorro* mantém os mesmos temas e figuras dos demais enunciados, assegurando a homogeneidade da isotopia do resto da Novena. A seguir, pontuamos algumas considerações referentes à Novena no novenário como um todo, tendo em vista as análises das partes aqui postas.

3.1.1.7 O todo de sentido da Novena no novenário

A partir das análises dos enunciados de forma individual, esta seção apresenta considerações da Novena como um todo de sentido. Em primeiro lugar, apresentamos um quadro que dispõe a arquitetônica da Novena com a sequência dos enunciados que a compõem da mesma forma em que se sucedem no livro de bolso:

Quadro 19 – Textos da Novena analisados no Novenário/Livro de bolso[59].

Ordem dos enunciados da Novena
Cântico Inicial (p. 2)
Acolhida (p. 2)
Intenções da Novena (p. 2)
Oferecimento (p. 3)
Invocação a Mãe do Perpétuo Socorro (p. 3)
Oração (p. 5)
Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem (p. 5)
Liturgia da Palavra (p. 6)
Ofertório (p. 7)
Eucaristia (p. 7)
Invocação a São José (p. 8)
Oração pelas Vocações (p. 9)
Cartas de Agradecimento
Intenções e Bênçãos (p. 10)
Bênção dos Doentes (p. 11)
Bênção dos Artigos Religiosos (p. 12)
Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro (p. 13)
Ato de Consagração – Mãe do Perpétuo Socorro (p. 13)
Cântico Final

Fonte: (elaboração própria).

Ao perpassar variados enunciados, na seguinte ordem apresentada no quadro 19, a Novena perpassa também variados esquemas actanciais, conforme apresentados nas análises isoladas de cada gênero textual. Essa característica mostra que a Novena, enquanto um gênero maior, desenvolvida por meio de gêneros menores, promove uma construção textual complexa, híbrida e variável, conforme as informações esquematizadas a seguir:

[59] Ressaltamos que as partes em escuro não foram incluídas no *corpus*, pelo fato de o recorte não incluir cânticos e nem partes que não são genuinamente do Perpétuo Socorro, por exemplo, as partes "liturgia da palavra", "Ofertório" e "Eucaristia" são ritos que estão presentes nas mais variadas práticas católicas, como na própria missa.

Quadro 20 – Distinção entre os gêneros na Novena.

	Gênero de discurso religioso	Temática religiosa	Enunciador	Enunciatário	Finalidade do enunciado	Sujeito
Oração	+	+	Actante coletivo Nós(Celebrante + fiéis)	À Deus; à Nossa Senhora; e aos Santos	Solicitação de objetos valores variados (saúde, proteção, perdão etc.)	Virtualizado
Invocação	+	+	Actante coletivo Nós(Celebrante + fiéis)	À Nossa Senhora; e a São José	Requerimento das presenças religiosas	Virtualizado
Cartas de Agradecimento	+/-	+/-	*Eu* – simulacro do fiel	À Nossa Senhora	Agradecimento	Realizado
Bênção	+	+	Actante coletivo Nós(Celebrante + fiéis)	À Deus.	Recebimento da bênção	Atualizado
Consagração	+	+	*Eu* – simulacro do fiel	À Nossa Senhora.	Recebimento da consagração	Atualizado

Fonte: (elaboração própria inspirado em Pietroforte e Lopes, 2019, p. 119).

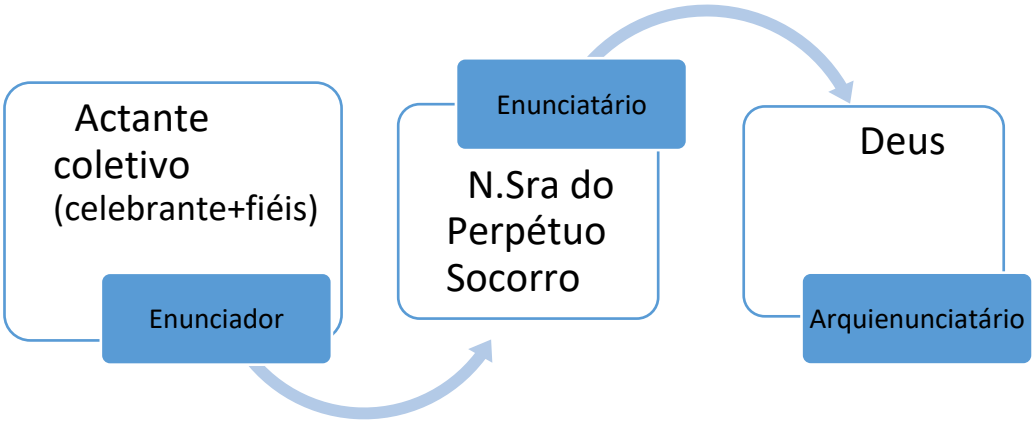
Para além disso, por meio das análises das partes, conseguimos chegar a algumas conclusões que refletem na concepção discursiva da Novena como um todo, como veremos a partir de agora.

Um primeiro fator importante que se destaca na Novena como um todo são as variadas formas de figurativizar Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ao longo de cada enunciado. Seguem aqui alguns exemplos: “Ó Mãe do Perpétuo Socorro”, “Perpétuo Socorro”, “Santíssima Virgem Imaculada”, “Maria, minha Mãe”, “Mãe do meu Senhor”, “Rainha do Mundo”, “rainha do céu e da terra”, “Grande Rainha”, “Mãe de misericórdia”, “refúgio dos pecadores”, “minha benigníssima Mãe”, dentre outras figurativizações, que projetam efeitos de sentido de subjetividade e sacralidade.

Predominantemente, como pudemos ver, a Novena escrita se constrói em cima da subjetividade demarcada no “nós”[60] e tem-se a construção de um programa narrativo marcado pela presença de um actante coletivo, “nós” ou “todos”, que inclui o simulacro do celebrante e dos fiéis como um só na função de enunciadores, como se pode observar no esquema abaixo:

[60] Fiorin (2016, p. 52) afirma que: “A primeira pessoa é a pessoa subjetiva, que se constitui a partir da segunda, pessoa não subjetiva”. Essa afirmação de Fiorin é baseada em Benveniste (1976).

Esquema 4 – Actorialização da Novena no novenário.



Fonte: (elaboração própria).

No decorrer de quase toda a Novena no livro de bolso, a voz denunciadora é do celebrante + fiéis que solicitam, pedem, clamam e oferecem às figuras religiosas, ora à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, exclusivamente, ora a Deus e, na maioria das vezes, a Deus com a intermediação de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro (esquema 4). Portanto, nessa situação, as orações são, em sua maioria, direcionadas à figura mariana de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que intermedia relação do enunciador com outro enunciatário, supremo, tido como arquienunciatário, a figura divina de Deus, representada quase sempre nas marcas da Santíssima Trindade (Deus, Pai e Espírito Santo).

Importantíssimo destacar, por fim, que tais considerações são, exclusivamente, referentes à Novena enquanto texto escrito no novenário/livro de bolso, portanto, não se referem à prática em si; na prática em si, por exemplo, o enunciador é outro, como veremos na seção a seguir.

3.1.2 A Novena no discurso on-line e a pandemia[61]

Com o acontecimento da pandemia, a Novena sofreu uma manutenção na sua maneira de ser realizada, passando a acontecer de maneira on-line, via canais de comunicação, fazendo seguir as orientações papais desde Bento XVI:

> O desafio, que as redes sociais têm de enfrentar, é o de serem verdadeiramente abrangentes: então beneficiarão da plena participação dos fiéis que desejam

[61] Esta seção foi previamente publicada, como resultado parcial desta dissertação: no periódico CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada, v. 16, n. 1, 2023.

> partilhar a Mensagem de Jesus e os valores da dignidade humana que a sua doutrina promove. [...] O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade quotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens. As redes sociais são o fruto da interação humana, mas, por sua vez, dão formas novas às dinâmicas da comunicação que cria relações: por isso uma solícita compreensão por este ambiente é o pré-requisito para uma presença significativa dentro do mesmo (Bento XVI, 2013, p. 2).

Portanto, dentre os variados meios de disseminação da transmissão (televisão, rádio e internet - redes sociais etc.), como uma atualização da prática, recortamos para esta análise, especificamente, a transmissão da Novena pelo canal oficial do Santuário do Perpétuo Socorro do YouTube. Essa escolha se deve pelo caráter documental que a plataforma em questão possui. Nela ficam armazenados e é possível verificar todos os vídeos e transmissões divulgados pela plataforma, diferentemente da transmissão televisiva e via Instagram.

Como apontamos, anteriormente, destacamos as contribuições de Alves (2021), especificamente, as noções de missa/prática midiatizada. Sobre isso, o autor afirma que:

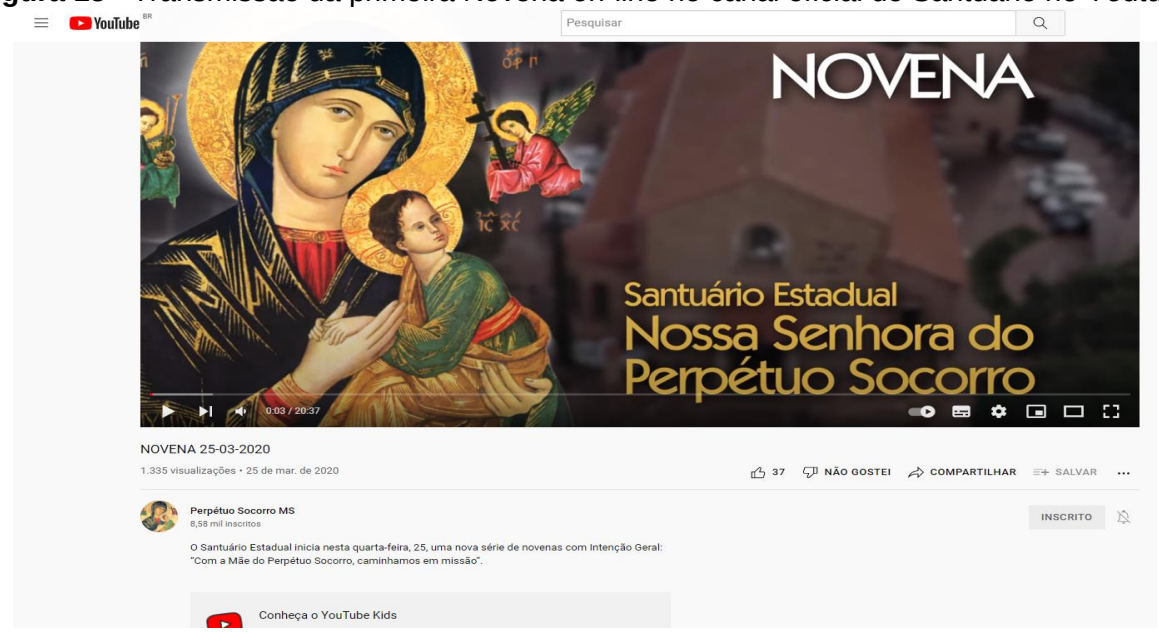
> Em primeiro lugar, o que se tem na missa midiatizada? Uma tela, diante da qual o fiel passa a ser, necessariamente, espectador. Há no mínimo dois níveis de enunciação — o primeiro refere-se ao da missa em si, celebrada pelo padre no espaço da igreja. O segundo é o da mídia que veicula tal missa. Entendemos, desde logo, que o efeito de presença será tanto mais efetivo para o fiel espectador quanto mais o enunciador de um desses níveis levar em consideração o enunciatário instalado do outro lado da câmera (Alves, 2021, p. 156).

De fato, antes mesmo da pandemia, algumas práticas já eram transmitidas, sobretudo por meio da televisão. Fica evidente, também, por meio de Alves (2021), que existem práticas que acontecem de modo presencial e, por conseguinte, são transmitidas e há práticas construídas para o ato de transmissão propriamente dito. No primeiro caso, a primeira instância da enunciação é a prática propriamente dita, sua enunciação presencial. Na segunda instância, é a mídia que a veicula no meio on-line.

No segundo caso, em que situamos nossa proposta, trata-se de um objeto genuinamente on-line. Nossa análise, sob esse viés, é, especificamente, sobre esta instância: a enunciação on-line, portanto, não serão considerados na análise os aspectos físicos que se obtêm na prática presencial. Cabe ressaltar, ainda, o fato de que não será analisada a arquitetônica da prática da Novena em si, suas divisões ritualísticas etc., nos detemos, especificamente nos seus aspectos enunciativos on-line, principalmente por sua manutenção e recorrência, desde o início da pandemia, em 2020. Diante dos pressupostos elencados, passamos à análise propriamente dita.

Quando se fala em análise semiótica discursiva, de antemão já remetemos ao percurso gerativo de sentido, conforme Greimas (1966), em seus três níveis: fundamental, narrativo e discursivo. O nível que destacamos para a análise, como apontado anteriormente, é o nível discursivo, tendo em vista que tal nível contempla nosso objetivo que o foi de observar como a enunciação acontece na primeira transmissão da Novena Perpétua pelo Youtube (figura 14):

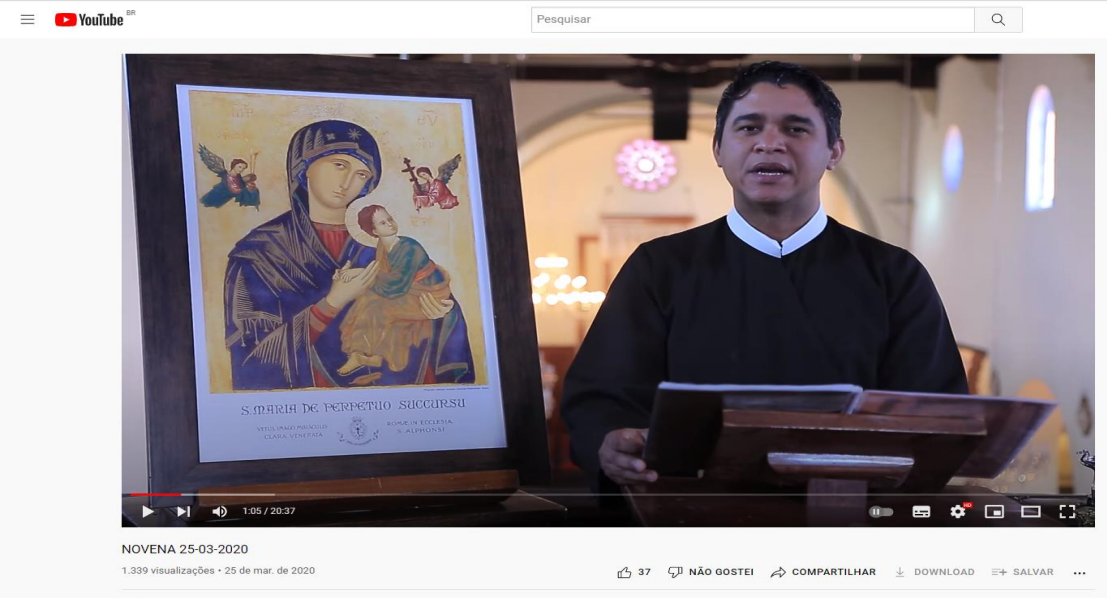
Figura 15 - Transmissão da primeira Novena on-line no canal oficial do Santuário no Youtube



Disponível em: <https://youtu.be/xBrKCrBVy64>. Acesso em 02 jun. 2022.

Partindo das noções actanciais, primeiramente, a presente Novena foi presidida pelo enunciador presente na figura do sacerdote, conforme recortado a seguir:

Figura 16 - Sacerdote celebrante da Novena on-line.



Disponível em: <https://youtu.be/xBrKCrBVy64>. Acesso em 02 jun. 2022.

No desenrolar da transmissão, ao elencarmos o esquema actancial do rito da Novena, o sacerdote invoca a presença de Deus, estabelecendo um caráter de debreagem enunciativa, uma vez que, alternado às posições, Deus assume a posição de arquidestinador, enquanto o sacerdote de destinador, e os fiéis de destinatários, conforme o esquema a seguir:

Esquema 5 - Esquema actancial do rito da Novena on-line.

Arquidestinador → destinador → destinatário
Deus sacerdote fiéis

Fonte: (Azevedo; Silva, 2023).

Uma questão a ser pontuada no âmbito actancial é a ausência evidente do enunciatário, a ausência dos corpos emite também efeitos de sentidos da própria transmissão, uma vez que o enunciatário não está presente, visualmente, nesse enunciado (figura 15). Sobre o Corpo e a presença dele na prática, Tatit afirma (1995):

> Corpo, em Merleau-Ponty, é um conceito utilizado para superar a distância teórica entre sujeito e objeto, uma tônica na história do pensamento ocidental, e, consequentemente, diluir as dicotomias que reproduzem a oposição entre subjetivismo e objetivismo [...] O corpo contém, ao mesmo tempo, o sujeito da

> observação e o objeto observado [...] acumulando, assim, tanto as funções geralmente atribuídas à consciência, à reflexibilidade, como aquelas atribuídas à instância do objeto, à visibilidade (Tatit, 1995, p. 163, grifo nosso).

Em continuidade, ainda sobre a categoria de pessoa, cabe aqui retomar o perfil e conceito de actante coletivo, segundo Bertrand e Darrault-Harris (2021), que afirmam:

> A efervescência discursiva do Covid é, então, primeiramente de ordem narrativa. Em sua transposição linguageira, é apreendido como actante. Entre as figuras actanciais disponíveis, o Covid aparece como o protótipo do antissujeito. Encarnação perfeita e absoluta do mal, não há nada de bom que se aproveite. Um único e exclusivo programa narrativo o motiva: a propagação. E um único contraprograma está disponível para o sujeito ameaçado: a luta, com sua arma letal, a vacina. Assumindo essa radicalidade conflituosa elementar, o governo francês desenvolveu um site destinado a circunscrever o espaço dessa luta e a instaurar o actante coletivo, único capaz de neutralizar o inimigo: “Tous Anti-Covid” [Todos Anti-Covid] (Bertrand; Derrault-Harris, 2021, p. 326).

Igualmente, é instaurado o actante coletivo nos discursos da Novena, uma vez que há momentos em que o sacerdote proclama “concedei-nos que em todas as dificuldades de nossa peregrinação nesta vida, sejamos de tal modo assistidos [...]” (5 min., 9 s. - 5 min., 20s., grifo nosso). Ainda sobre o uso do verbo sejamos, em primeira pessoa do plural, pontuado acima, Fiorin (2022) afirma que: “nós: não é a multiplicação de objetos idênticos, mas é a junção de um eu e de um não eu” (Fiorin, 2022, p. 21, grifo nosso), instaurando assim, a flexão actancial de debreagem enunciativa. Vale ressaltar, ainda, que tal instância actancial, em primeira pessoa do plural, é evidenciado, também, nos enunciados já predeterminados nas próprias orações da arquitetônica da prática Novena.

Em relação à temporalidade, evidenciam-se diversos pontos importantes. O primeiro deles é o fato de a Novena ter ocorrido durante a pandemia. A pandemia, para a semiótica, é tida como um evento [disfórico] discursivo e, dessa maneira, manifesta-se pelos discursos que nela acontecem, conforme afirmam Bertrand e Darrault-Harris (2021): “Como qualquer evento importante e de longa duração que afeta as comunidades humanas, a pandemia de coronavírus não pode deixar de ecoar sobre a própria língua e afetá-la direta ou indiretamente” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 323). Por conseguinte, igualmente ao citado acima, a presente Novena on-line que analisamos também traz em seu escopo enunciações da pandemia, presentes na fala do celebrante como, por exemplo, em momentos como: “que a mãe do Perpétuo Socorro nos fortaleça em nossa missão, principalmente, nesse tempo difícil que estamos passando” (10min., 55s., grifo nosso) causando efeito de sentido de unidade actancial — do destinador e destinatário — e temporal — por ambos estarem sob o mesmo tempo da pandemia. A

partir do presente enxerto, podemos perceber, também, o emprego da locução verbal “estamos passando”, marcando um presente durativo, reforçado pelo gerúndio, gerando um sentido intensificador desse presente, neste caso disfórico, num efeito que não passa.

Além disso, essa transmissão foi a primeira transmissão on-line da Novena de Campo Grande a acontecer na plataforma Youtube, de certa maneira, devido a sua primeira ocorrência, essa transmissão carrega em sua composição elementos de um acontecimento (Zilberberg, 2011). Assim, temos um acontecimento [primeira transmissão no canal do Youtube] dentro de outro acontecimento [pandemia]. O momento da enunciação, portanto, é sempre o agora (Fiorin, 2016). O momento de referência, por sua vez, é o dia 23 de março de 2020, evidenciado desde o título do vídeo do Youtube: “Novena 23-03-2020”, e o momento do acontecimento é o da pandemia.

Referente à categoria de espaço, essa Novena acontece no espaço sagrado do templo. Mesmo partindo do viés desse espaço digitalizado, consideramos o espaço visual como tátil, conforme Cassirer (2004) afirma: “o espaço visual bem como o espaço tátil coincidem em que, em oposição ao espaço métrico da geometria euclidiana, são ‘anisotrópicos’ e ‘não-homogêneos’” (Cassirer, 2004, p. 153).

Diante disso, ainda que o enunciatário seja esperado, ele não está mais presente, de maneira física, no contexto discursivo da presente Novena — no templo. O formato ‘transmissão’ já deduz outra situação desse enunciatário que, devido à pandemia, era actante que estava em sua casa em isolamento, vale ser frisado que, ainda sim, em cada casa, em cada lar, se figurativiza a concretude do aqui do espaço da cena enunciativa.

Dessa maneira, a ausência do corpo na prática presencial evidencia mais prejuízos de sentidos espaciais da prática comum, já que conforme Molinero (2019):

> O espaço entendido como o lugar do encontro do humano com o divino é um fato antropológico, uma realidade que pertence à própria estrutura do ser humano, que precisa de um espaço onde possa encontrar-se com o sagrado, com aquilo que o transcende e complete. O espaço é um lugar de encontro com o sagrado, e ainda mais: tem o caráter de sinal, pois é uma realidade (material) que remete a outra (o sagrado) (Molinero, 2019, p. 7, grifos nossos).

Destarte, do ponto de vista do enunciatário, isolado, o não-ocupar o espaço sagrado templo, sob essas marcas enunciativas, faz com que não se apreenda seu costume habitual de ir à igreja etc., há uma quebra de continuidade, disfórica, seja em questões temporais, seja em actanciais-espaciais.

Todavia, por mais que tal vínculo entre corpo e espaço tenha sido prejudicado, como já afirmara Bertrand e Darrault-Harris (2021) — que todos os níveis e estruturas

foram/são desestabilizados pela pandemia — a presente transmissão se determina a evidenciar o espaço do templo, como mostrado a seguir na figura 17:

Figura 17 - Transmissão com o todo espacial sagrado em seu entorno

Disponível em: <https://youtu.be/xBrKCrBVy64>. Acesso em 02 jun. 2022.

Dessa maneira, observamos a posição topológica central ocupada pela figura do celebrante cuja disposição no espaço sagrado se evidencia, sobremaneira, pela sua disposição entre as luzes das velas e da claridade da lateralidade das janelas. Acrescenta-se a isso, ainda, a figurativização da transubstanciação, das figuras do Corpo e sangue de Cristo, pela hóstia consagrada que, ao afirmarem a coletividade da consagração, evidenciam toda a comunidade reunida na transmissão, embora não presencialmente, figurativizando o corpo do actante coletivo dos fiéis.

Assim sendo, por mais que sejam muitos os prejuízos enunciativos verificados e evidenciados nesse formato imposto pela pandemia, percebemos que a própria maneira de se transmitir faz com que seja uma tentativa de recuperar/proporcionar ao enunciatário um efeito de sentido de quase presença com a prática de fidelização — por exemplo, a gravação poderia acontecer noutro espaço qualquer.

A pandemia, pela sua proporção e por todos os seus efeitos disfóricos, concedeu-nos a ressignificação do cotidiano, alteração, transformação nas estruturas habituais das formas de vidas (Bertrand; Darrault-Harris, 2021), refletindo até às práticas religiosas, nosso objeto de análise. Dessa maneira, conseguimos demonstrar, por meio das noções de enunciação da semiótica discursiva, como a categoria de pessoa, espaço e tempo

foram afetadas pela pandemia no que se refere à prática eufórica da Novena do Perpétuo Socorro. Produzindo, portanto, outros sentidos, a transmissão dessa prática evidencia um oferecimento a distância da mesma ao enunciatário isolado, desde ao que se refere à presença do sacerdote e do ícone no vídeo, até ao que tange à visualização, numa quase-presença no santuário em que se costumava frequentar.

3.2 Análise do Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Nesta seção, nosso intuito é apresentar análise semiótica de textos visuais católicos de Nossa Senhora, mais especificamente de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Para isso, analisaremos a imagem do ícone original (Redentoristas, 1997) e a representação do mesmo ícone no espaço sagrado do templo, obtendo-se como recorte, para exemplificação dessa significação, o ícone localizado no Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul.

Nesse referido templo, apresentam-se variadas réplicas do Ícone do Perpétuo Socorro original, localizadas e expostas em variados pontos distintos do Santuário. Dessa maneira, apresentaremos análise de um ícone localizado na nave da igreja e de outro localizado no presbitério. Passemos às análises.

3.2.1 Maria e Imagem: análise do Ícone oficial do Perpétuo Socorro

> Ao olharmos uma fotografia, **entramos imediatamente em contato com a sua figuratividade**, que funciona como uma espécie de iconização, cuja finalidade é produzir uma ilusão referencial de reprodução análoga. Mas antes mesmo de identificarmos as figuras em si, somos como que tomados por sua presença (Lima, 2010, p. 13, grifo nosso).

Conforme apontado nesta epígrafe de Lima (2010), o ícone objeto de análise de nossa proposição é, desde a superfície, carregado de simbolismos e elementos que marcam sua presença e estilo. Numa perspectiva teologal mesmo, Grzywarcz (2018) afirma que “o ícone do Perpétuo Socorro pode ter três níveis de compreensão: o olhar (perceber e admirar o lado artístico: ‘está bonito’); o conhecer (a história e o significado) e o praticar (as inspirações que esse ícone nos oferece para a vida espiritual e devocional)” (Grzywarcz, 2018, p. 198). Para além disso, nos empenharemos, nesta seção, em analisar o referido ícone original (figura 18) com as ferramentas analíticas da vertente da semiótica discursiva, a semiótica plástica.

Figura 18 - Ícone original de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Fonte: (Redentoristas, 1997, p. 2).

Eventualmente, observando o referido ícone, deparamo-nos, à primeira instância, com a cena de uma mulher com uma criança em seu colo e duas figuras de anjos na parte superior da imagem. Na isotopia do discurso religioso católico, no entanto, esta

imagem é denominada Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e, nela, a mulher é a referida santa e a criança, Jesus. Além das duas figuras centrais, possui-se, ainda, a figura de dois anjos que seguram alguns instrumentos em suas mãos. Tais denominações serão confirmadas na própria análise, tendo em vista que o próprio texto evidencia isso.

Além desses elementos, há de se pontuar a presença dos seguintes elementos verbais no quadro:

Figura 19 – Elementos verbais no ícone

Fonte: (elaboração própria a partir de Redentoristas, 1997, p. 2).

Dos cinco significantes presentes no quadro, conforme Shneider (1991), a partir da tradução, são, respectivamente, a abreviação grega de “Mãe de Deus”, “Arcanjo São Miguel”, “Arcanjo São Gabriel” e “Jesus Cristo”, estando alocados próximos às suas respectivas figuras, quase como verdadeiras legendas, somando, portanto, na construção da figuratividade que será, posteriormente, apresentada. A seguir, organizamos uma demonstração ilustrativa de tais relações:

Figura 20 – Correspondência dos textos verbais em grego às figuras visuais

Fonte: (elaboração própria a partir de Redentoristas, 1997, p. 2).

Outra conclusão importante que se pode ter a partir da presença das figuras mencionadas é a confirmação de que tais anjos presentes, na parte superior do quadro, são, na verdade, figuras religiosas determinadas e não arbitrárias, como mencionado anteriormente, sendo, o da esquerda, o “Arcanjo São Miguel”, e o da direita, “Arcanjo São Gabriel”:

Figura 21 – Anjos presentes no ícone

Fonte: (elaboração própria a partir de Redentoristas, 1997, p. 2).

A partir disso, como se pode ver acima, tais figuras são, respectivamente, São Miguel*, que:* “apresenta a lança, a vara com a esponja e o cálice da amargura” e “São Gabriel com a Cruz e os cravos [...]” (Shneider, 1991, p. 46), estabelecendo uma intertextualidade aos elementos bíblicos que retratam a paixão do profeta católico Jesus Cristo.

A partir desses pontos mencionados advindos do próprio texto visual, considerando a análise do conteúdo correlacionada à expressão para construir sentido, apreendemos, em primeiro lugar, a análise semântica discursiva, considerando o ícone um texto figurativo que concretiza os seguintes temas:

- **Santidade:** figurativizado desde o círculo dourado em sua cabeça e na cabeça da criança – traço comum nas representações sincréticas católicas – como pela presença e representação da santidade de Jesus e dos anjos na parte superior do ícone.
- **Maternidade:** figurativizado pela presença da criança que, por sua vez, está *no colo* da figura materna da mulher, NSPS, segurando-a com as duas mãos.
- **Paixão:** figurativizado pela presença dos elementos da paixão – a saber, Cruz, lança, vara com a esponja, dentre outros – carregados pelas figuras dos respectivos anjos na parte superior do quadro.

A partir da apreensão dos temas, rememoramos o preceito de Floch (1985) que fundamenta: “também podemos dizer que o conteúdo temático está aqui diretamente manifesto. Mas uma análise não pode contentar-se com o estudo da manifestação, isto é, da formação dos signos” (Floch, 1985, p. 64 – tradução nossa[62]). Dessa maneira, passemos às considerações, também, sobre a expressão e sobre a enunciação e categoria fundamental mínima do quadro, respectivamente.

Na análise da expressão do ícone, portanto, apreendemos as seguintes categorias:

[62] “Aussi peut-on dire qu'un contenu thématique est ici directement manifesté. Mais une analyse ne saurait se contenter de l'étude de la manifestation, c'est-à-dire de la formation des signe” (Floch, 1985, p. 64).

Quadro 21 – Categorias da expressão do ícone do Perpétuo Socorro

Topológica	Centro vs. Entorno
Cromática	Claro vs. Escuro
Eidética	Verticalidade vs. Horizontalidade

Fonte: (elaboração própria).

Primeiramente, referente ao cromatismo, o fundo dourado que demarca o estilo da arte religiosa bizantina é luminoso, relacionando-se ao divino e, em contrapartida, as vestes de Maria possuem coloração azul, numa tônica escura, em contraste ao fundo resplandecente dourado do fundo do quadro, o que podemos relacionar, contrariamente ao fundo divino, à sua humanidade.

Em termos topológicos, a figura de Maria com a figura de Jesus criança estão centralizadas: a de Jesus a frente com a figura mariana, em destaque e tamanho superiores que as dos anjos, projetando, topologicamente, uma hierarquia de valor.

Por último, no que concerne à categoria eidética, o quadro possui traços, linhas e movimento conforme o estilo bizantino de construção da arte. Nesse sentido, o quadro apresenta as figuras em perfil vertical, o olhar da figura mariana é para o espectador que projeta um enunciado em primeira pessoa, numa narratividade em que a figura mariana, primeira pessoa, segura a criança, apresentando-a para o seu enunciatário, *tú*.

Nesse ponto, vale ressaltar que: “O ícone não conta a história de um personagem, ele se dirige a uma pessoa viva, numa práxis-enunciativa, a fim de se concretizar um papel actancial do observador enunciatário que se torna não apenas testemunha, mas participante” (Floch; Collin, 2009, p. 69), assim, assume-se que o ícone, na sintaxe discursiva, possui um enunciatário – seu observador, no templo, fiel: “através de sua sintaxe enunciativa, o ícone se move em direção a quem o olha para levá-lo em seu movimento e fazê-lo vivenciar o que vê” (Floch; Collin, 2009, p. 72).

Sobre esse observador, os autores apontam:

> Para além de todo o simbolismo, agarra-se literalmente aos componentes plásticos mais imediatos do ícone e consegue assim uma fusão, através da própria participação do enunciatário, entre enunciado e enunciação, uma fusão entre significante e significado: o ícone não representa a Divindade. Indica e garante a participação do homem na vida divina. Assim, o Sujeito enunciatário se torna um com o objeto de sua busca, cuja conclusão ele participa (Floch; Collin, 2009, p. 72-73).

Floch e Collin analisam também um ícone bizantino, a imagem *La Trinité*, de Andrei Roublev, e de forma parecida com seus postulados, o ícone de Nossa Senhora

do Perpétuo Socorro também se direciona a um enunciatário de forma a fazê-lo participante de próprio ícone. Maria projeta-se no *eu*; o observador (fiel) no *tu*, considerando as demais figuras como *eles*.

A espacialização, intrinsecamente ligada à categoria de pessoa, é o que permite o direcionamento do ícone direto com o observador, como veremos a seguir. Para demonstração analítica, consideramos o ícone sob o espaço de um templo[63] católico – que possui acento sagrado de sentido (Blanco, 2008) em relação à categoria Interno *vs.* Externo (Bachelard, 2007):

Figura 22 – Ícones do Perpétuo Socorro no espaço sagrado do templo

Fonte: (acervo pessoal).

Somados aos efeitos semissimbólicos do ícone isolado propriamente dito, conforme análise já apresentada, acreditamos que a espacialidade física, neste caso, é determinante na construção de sentido do próprio ícone, isso se dá, primeiramente, porque a presença do ícone no templo acentua o caráter de sagrado do próprio ícone, a depender de sua posição na igreja, vejamos a comparação entre o caso apresentado na figura 22 e o na figura 23. A questão espacial do templo, em associação a sua posição

[63] Recortamos para este estudo e demonstração analítica, a presença do ícone do Santuário Estadual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, localizado em Campo Grande – MS.

física na primeira, aponta uma posição de proximidade ao público-fiel. Diferente da situação que acontece com o ícone do Perpétuo Socorro a seguir:

Figura 23 – Ícone do PS no presbitério do templo 1

Fonte: (acervo pessoal).

De maneira geral, este ícone vai possuir o mesmo conteúdo que os outros apresentados – o original e os localizados na nave – contudo, o que o torna peculiar é sua maneira de *dizer o que diz*. Diferentemente das figuras anteriores, este ícone se apresenta noutra posição, está posicionado no presbitério, próximo do sacrário – ponto com maior acento de sagrado no templo católico (Blanco, 2008), além de estar elevado topologicamente. Em outras palavras, enquanto aqueles estão próximos do humano, dos fiéis – a ponto de poder ser tocado por eles – este está próximo do que é sagrado.

Na realidade, este ícone não somente está próximo do sacrário como está posicionado acima dele e da escultura da Cruz, construindo, assim, uma relação de supra valoração do ícone, além de se fazer mais visível aos fiéis que aqueles outros elementos presentes na composição do altar. Além disso, este é também distinto dos demais em sua composição pictórica, como se pode visualizar melhor a seguir:

Figura 24 – Ícone do PS no presbitério do templo 2

Fonte: (acervo próprio).

Este ícone é reduzido e é monocromático, diferente dos outros apresentados. Vale ressaltar que, embora ordene cromaticamente com o todo do presbitério, concorre atenção com os lustres, no que concerne ao percurso do olhar de quem está no templo.

Em termos temporais do ícone, para além das características de seu estilo bizantino, sua cena enunciativa é atemporal, por ser de domínio religioso, tendo em vista que, conforme delineado por Fiorin (2013b, p. 24, grifo nosso), o discurso religioso é ancorado: “no tempo e no espaço, o que denota que é válido para todos os tempos e todos os lugares. Sua temporalidade é a eternidade, ou seja, do não tempo e, por isso, opera no **presente gnômico**, sendo válido para o presente de cada um dos crentes”.

Sobre a profundidade discursiva do ícone oficial, portanto, apresenta-se a seguinte categoria mínima fundamental:

Quadro 22 – Categoria mínima fundamental do ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Vida vs. Morte
→ Morte presente pelas figuras dos elementos que os anjos seguram, da crucificação de Cristo. → Vida presente na figura de Jesus enquanto criança viva.

Fonte: (elaboração própria).

E, por fim, tais categorias fundamentais mínimas concebem valores tímicos, ou seja, de eufórico e/ou disfórico. Neste caso, *Morte* assume caráter disfórico e *Vida* um caráter eufórico sob um percurso que se finda da seguinte maneira:

Quadro 23 – Percurso fundamental do ícone do Perpétuo Socorro.

Disfórico		Eufórico
No entorno		No centro
Morte →	Não morte →	Vida
Elementos da Cruz		Jesus vivo

Fonte: (elaboração própria).

Isso se deve também à relação intertextual. O quadro, ao fazer menção aos elementos da narrativa da paixão do profeta Jesus, ao mesmo tempo, representa um percurso narrativo de superação da morte de Jesus (Demarchi, 2015), ou seja, o ícone ao trazer, também, a figura de Jesus viva, ainda que criança, projeta estas relações de sentido.

3.3 A Padroeira de um lugar: Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no rito da Missa da Padroeira de MS

Como um dos últimos recortes de análise desta pesquisa, temos os enunciados da Ladainha (quadro 25) e da consagração (quadro 26) de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como padroeira de um lugar, neste caso, do estado de Mato Grosso do Sul. Ambos os enunciados não advêm de um novenário ou livro de bolso, mas foram recortados do folheto da missa da padroeira ocorrida nos dias 27 de julho de todo ano. Comparamos o folheto das missas da padroeira dos anos de 2022 a 2024, conferindo a reprodução plena de ambos os enunciados.

Quadro 24 – Ladainha da Padroeira – NSPS em MS

LADAINHA	**Ícone milagroso**, rogai por nós. **Janela do céu**, rogai por nós. **Estrela da salvação**, rogai por nós. **Nossa Senhora da Guia**, rogai por nós.
Celebrante: Roguemos, irmãos e irmãs, a Deus que, considerando a piedade de seu Filho, o nosso Perpétuo Socorro, ouça compassivo os nossos pedidos, apoiados pela intercessão da Virgem Maria. **Senhor, tende piedade de nós.** Senhor, tende piedade de nós. **Cristo, tende piedade de nós.** Cristo, tende piedade de nós. **Senhor, tende piedade de nós.** Senhor, tende piedade de nós. **Santa Maria, Mãe de Deus,** rogai por nós. **Mãe de misericórdia**, rogai por nós. **Imaculada Conceição**, rogai por nós. **Saúde dos enfermos**, rogai por nós. **Refúgio dos pecadores**, rogai por nós. **Socorro dos migrantes,** rogai por nós. **Consoladora dos aflitos**, rogai por nós. **Auxílio dos cristãos**, rogai por nós. **Rainha dos apóstolos**, rogai por nós. **Imaculada Conceição**, rogai por nós. **Coração livre, aberto e desapegado**, rogai por nós. **Jovem questionadora**, rogai por nós. **Amada de José**, rogai por nós. **Pedagoga da fé em Caná**, rogai por nós. **Firme junto à cruz**, rogai por nós. **Virgem do silêncio**, rogai por nós. **Modelo de vida**, rogai por nós. **Olhar misericordioso**, rogai por nós	**Mãe dos discípulos do Redentor**, rogai por nós. **Mãe dos filhos de Santo Afonso**, rogai por nós. **Mãe dos sul-mato-grossenses**, rogai por nós. **Mãe do Perpétuo Socorro**, rogai por nós. **Bênção dos redentoristas**, rogai por nós. **Rainha de Mato Grosso do Sul**, rogai por nós. **Cristo, ouvi-nos**. Cristo, ouvi-nos. **Cristo, atendei-nos**. Cristo, atendei-nos. **Celebrante:** Ó Deus, que completais, por misterioso desígnio, a paixão do vosso Filho em seus membros, atormentados por inúmeras angústias da vida. Concedei, vos pedimos, que assim como quisestes que a Mãe do Perpétuo Socorro estivesse junto a vosso Filho, morrendo na cruz, assim também nós à imitação da Virgem Maria, assistamos sempre, com a nossa caridade e conforto, os irmãos que sofrem. Por Cristo, nosso Senhor. R/. Amém.

Fonte: (Santuário, 2023, p. 4).

Quadro 25 – Consagração à padroeira de MS

CONSAGRAÇÃO À PADROEIRA DE MATO GROSSO DO SUL
Ó Mãe do Perpétuo Socorro, que no vosso Ícone milagroso, especialmente venerado pelos devotos de Mato Grosso do Sul, espalhais tantas graças àqueles que recorrem ao vosso Filho, o Santíssimo Redentor. Concedei-me que, ao venerar-vos, receba a misericórdia divina e a fonte de bênção que jorra de vosso olhar. Mostrai-me a copiosa redenção que brota do Coração de Cristo, para que eu me comprometa com o Evangelho de Jesus e o Reino de Deus. Ajudai-me e defendei-me das aflições que assaltam minha vida, tornando-me forte na fé, alegre na esperança, fervoroso na caridade, inflamado no zelo e sempre dado à oração. Volvei o vosso olhar, ó Rainha de Mato Grosso do Sul, sobre os nossos bispos, os nossos governantes e todos quantos que recorrem à vossa proteção, para que, assim, façam tudo que vosso Filho lhes mandar. E no fim de minha vida possa, junto de vós e salvo no céu, ser levado ao encontro do Perpétuo Socorro, o vosso Filho, no caminho para o Pai eterno. Assim seja.

Fonte: (Santuário, 2022, p. 10).

O que vamos destacar nesta seção é a figurativização particular que são desenvolvidas frente aos demais enunciados da devoção religiosa à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro apresentadas até aqui.

Como já comentado anteriormente, o gênero Ladainha é composto por um conjunto de jaculatórias e proferido de forma rápida de preces e respostas. No caso da ladainha da padroeira, apresentada no quadro 25, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é, também, figurativizada por: “**Mãe dos sul-mato-grossenses**, rogai por nós [...] **Rainha de Mato Grosso do Sul**, rogai por nós” (Santuário, 2023, p. 4, grifo nosso); e na consagração, no quadro 26, o mesmo ocorre: “especialmente venerado pelos **devotos de Mato Grosso do Sul**” e em “Volvei o vosso olhar, ó **Rainha de Mato Grosso do Sul**, sobre os nossos bispos [...]” (Santuário, 2022, p. 10, grifo nosso).

A presença de tais figurativizações constrói uma relação de identidade, proximidade e vinculação com a sociedade local, projetando traços concentrados,

específicos, em meio a vasta devoção internacionalmente difundida. São os traços do local vs. global. Assim, diferentemente das demais práticas globais apresentadas, esta seção foi pensada na demonstração desta especificidade local.

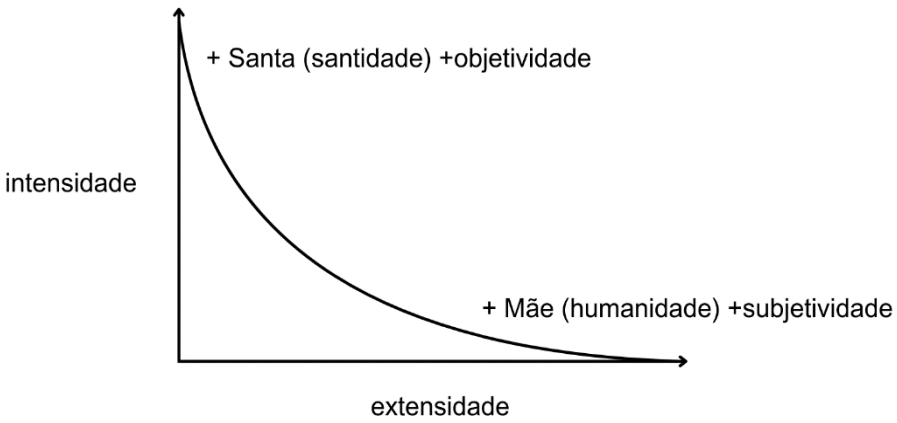
Por fim, frisa-se que ambos os enunciados, além de se significarem como o demonstrado neste comentário analítico, enquanto presentes no rito da missa (da padroeira), atualizam o próprio sentido da missa proposto por Blanco (2008), tendo em serem ocorrências não fixas e fora do previsto da missa comum.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES TENSIVAS SOBRE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO

A partir da análise das práticas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, fez-se necessário, dentro deste campo discursivo (religioso), que concebêssemos algumas considerações gerais sobre o comportamento tensivo desses enunciados religiosos voltados ao Perpétuo Socorro, neste capítulo, pontuaremos algumas delas.

Em primeiro lugar, sobre a própria figura de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, apreendemos um efeito próximo ao do previsto por Fiorin (2008): “O mito constrói-se com a junção de termos opostos. No universo mítico cristão, a partir da oposição semântica de base /divindade/ *versus* /humanidade/, teremos seres complexos, como Cristo (divindade e humanidade), ou neutros, como anjos (nem divindade nem humanidade)” (Fiorin, 2008, p. 23). Ou seja, no domínio religioso analisado, em que se estabelece a mesma oposição semântica de base – /divindade/ *versus* /humanidade/ -, reflete-se na constituição da figura de Maria, igualmente complexa, por estar sempre associada às temáticas de santidade e humanidade. No caso da figura de Nossa Senhora, tanto a *humanidade* quanto a divindade estão intrinsicamente ligadas à sua *maternidade*. Esse jogo de relações, nas práticas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é demarcado, o tempo todo, por meio de linguagem mais objetiva (direcionada à Maria enquanto Santa) e linguagem mais subjetiva (direcionada à Maria enquanto Mãe):

Figura 25 – Gráfico tensivo sobre Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



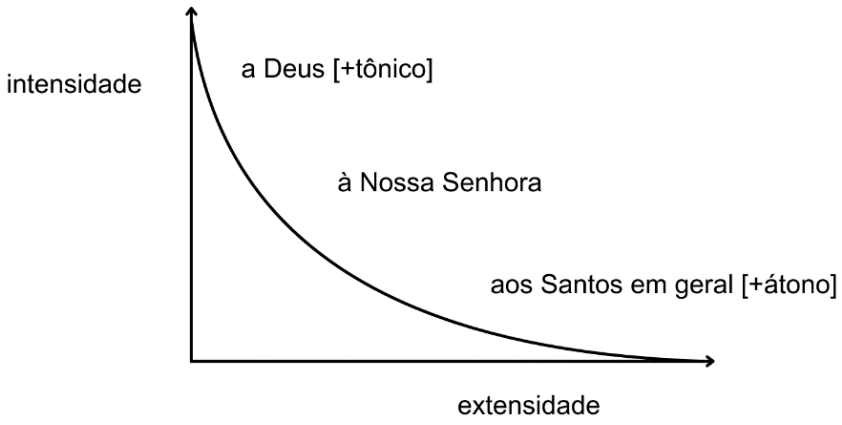
Fonte: (elaboração própria).

Conforme apresentado pelo gráfico (figura 25), evidenciamos o fenômeno tensivo que relaciona duas frentes de sentido: santidade (+objetivo) e humanidade – maternidade

(+subjetivo). Isso deve englobar quase todas as manifestações marianas – desde as manifestações de fiéis à Santa, até sua figuratividade no discurso bíblico, sincrético e formas de vida. No entanto, até o momento, tal globalização conceitual é uma hipótese, referindo-se, por enquanto, somente ao Perpétuo Socorro, a partir das análises dos enunciados apresentadas, cabendo a estudos futuros tal oportunidade de investigação e ampliação teórica sobre esse objeto.

Outra questão que se pôde desenvolver a partir das análises é o perceptível funcionamento actancial dos enunciados que, em sua maioria, possuem a figura mariana como intermediária da relação entre enunciador, actante coletivo (fiel + celebrante presumidos), e o enunciatário, Deus, como é o caso da primeira *oração*: **"**Ó Deus onipotente e misericordioso, **que nos destes a graça de venerar a imagem de vossa bem-aventurada Mãe, sob o título de Perpétuo Socorro**: concedei-nos [...]" (Missionários Redentoristas, s/a, p. 05, grifo nosso). A partir de enunciados como esse, demarcamos, na Novena, uma hierarquização actancial, conforme esquematizado:

Figura 26 - Gradações de sentido das orações católicas considerando o enunciatário.



Fonte: (elaboração própria).

Tal hierarquização se deve a partir do enunciatário. A Deus, o direcionamento é mais concentrado, Deus uno, e mais tônico no âmbito da intensidade, diferente de quando direcionado aos santos em geral, que é mais difuso, mais átono. Alguns enunciados da Novena se direcionam à Nossa Senhora e aos santos ao mesmo tempo, como é o caso do *Oferecimento*, no entanto, no próprio enunciado, a ordem sintagmática é à figura mariana, primeiro, depois aos santos, como marcado em: "Ó Mãe do Perpétuo

Socorro/ ó meus amáveis protetores São José/ e Santo Afonso Maria" (Missionários Redentoristas, s/a, p. 03), seguindo, inclusive, a referida hierarquização.

Para além das concepções tensivas sobre os seres religiosos envolvidos nas práticas devocionais católicas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, apresentamos, a seguir, considerações tensivas sobre os enunciados, propriamente ditos da Novena, enquanto discurso ritual como ação programada e enquanto, em si mesma, um conjunto de ascendências e descendências do andamento do rito, a partir de seus distintos gêneros textuais no decorrer da prática.

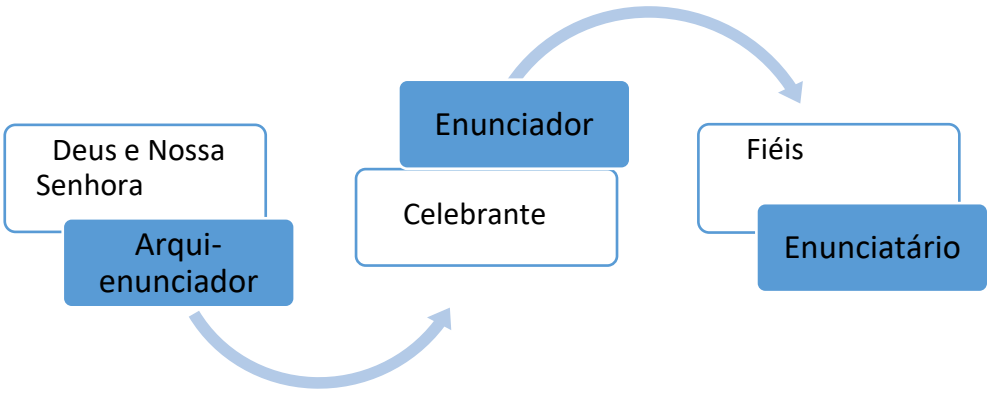
4.1 Novena enquanto prática tensiva

Até aqui, apresentamos a análise da Novena enquanto texto do rito escrito no livro de bolso, novenário, tido como elemento material de níveis inferiores. Para além do rito escrito, esta seção é uma breve menção à Novena enquanto prática, tendo em vista que:

> As práticas recebem uma "forma" (constituintes) de sua confrontação com as outras práticas e, por isso, de um lado, integram os elementos materiais dos níveis inferiores (signos, textos, objetos) para torná-los elementos distintivos e pertinentes e lhes dar "sentido", e de outro lado, recebem um "sentido" de sua própria participação nos níveis superiores (estratégias e formas de vida) (Fontanille, 2008, p. 23).

Assim como a transição de um texto dramático a seu espetáculo, o primeiro já sendo um simulacro do segundo, trazemos algumas premissas a seguir que comparam e demonstram a transição do texto escrito do rito a sua prática ritual, tal como as de Blanco (2008) quando analisa o rito católico da missa enquanto prática significante. Em primeiro lugar, destacamos a distinção actancial entre a versão escrita da Novena no novenário com a sua prática propriamente dita:

Esquema 6 – Actorialização da prática da Novena no templo.



Fonte: (elaboração própria).

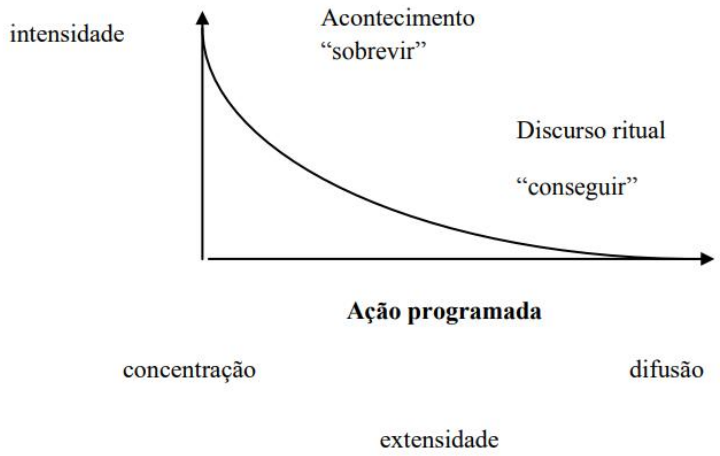
O celebrante media o rito, as partes e o andamento. No momento das bênçãos, por exemplo, enuncia verbos como “abençoai”, “olhai”, dentre outros, assumindo essa voz enunciador, enquanto intermediário da bênção que se concede ao fiel, enunciatário, em um programa de base de *querer fazer*. Quem “concede” as bênçãos, por exemplo, é um enunciador maior, tido como arquienunciador nesta cena enunciativa.

Nesse funcionamento, a semântica discursiva da Novena estabelece uma isotopia homogênea do discurso, em seu âmbito religioso e em torno dos participantes da cena enunciativa, retomando que isotopia de um texto é a: “permanência de uma base classemática hierarquizada, que permite, graças à abertura dos paradigmas que são as categorias classemáticas, as variações de unidades de manifestação, variações que, em vez de destruir a isotopia, ao contrário, a confirmam” (Greimas, 1973, p. 128).

Considerando a Novena enquanto prática, sua espacialidade segue conforme os pressupostos de Blanco (2008), já que assim como a missa, a prática da Novena acontece no templo, logo no espaço fechado, sacralizado.

Os ritos religiosos para os fiéis, ou semioticamente denominados como práticas de fidelização religiosa conforme Silva (2011), realizam-se como uma ação programada de espacialidade extensiva, da ordem da difusão, tal como esquematizado pela autora e recortado na íntegra a seguir:

Figura 27 – Discurso ritual como ação programada



Fonte: (Silva, 2011, p. 204).

O que isso quer dizer? Quer dizer que, o modo pelo qual os ritos se instalam no campo de presença – sendo "efetuado a pedido, segundo o desejo de um sujeito" (Zilberberg, 2007, p. 17-18) – obtém-se na modalidade do *conseguir*[64]. Diferentemente da modalidade do *sobrevir*, da ordem do acontecimento, em que a grandeza é instalada "sem nenhuma espera, denegado *ex abrupto* as antecipações da razão" (*ibidem.*).

Da mesma maneira, a Novena, em termos de eficácia do discurso, enquanto uma prática redentorista, mariana e católica, para além de ser esperada e fazer parte de uma rotina de tão certo de sua ocorrência, apresenta-se em nove sessões de rito que se repetem, continuadamente, e o reflexo disso, da constante repetição ritualística, é na sua eficácia na construção da própria identidade redentorista, que, por conseguinte, também faz parte da identidade Mariana e da identidade do próprio catolicismo.

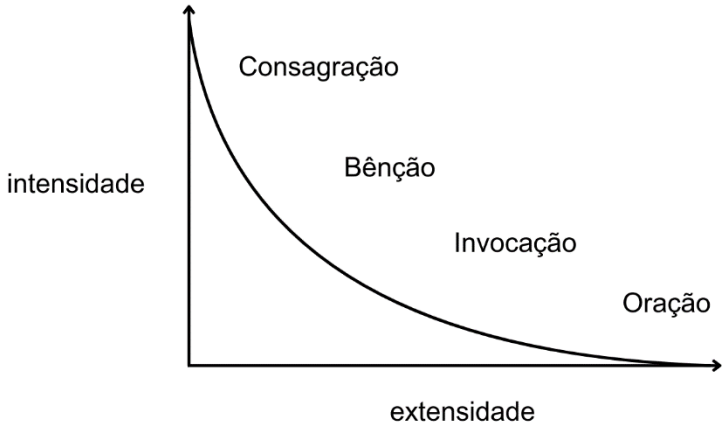
Assim, ao retomarmos que a reprodução do rito ocorre em nove vezes de forma prevista no novenário, seguindo sempre a mesma ordem de *orações*, *invocações* e *bênçãos*, há gêneros que são mais ocorrentes que outros, por exemplo, na referida prática temos 6 (seis) orações, 2 (duas) invocações e 3 (três) bênçãos, de forma recorrente, assim como prevê Gomes (2009):

> No domínio religioso, por exemplo, as orações que compõem a liturgia das missas repetem-se em fórmulas fixas que podem levar a uma perda de significação e a uma dispersão dos sujeitos. As pequenas variações no rito litúrgico permitem fazer pequenos deslocamentos de modo a provocar algum reinvestimento semântico e a recuperar a atenção (Gomes, 2009, p. 581).

A *consagração*, por sua vez, acontece uma única vez, somente na última sessão da Novena, no nono dia. Portanto, sua ocorrência, mesmo sendo esperada, não se repete na mesma extensidade dos demais gêneros, possuindo maior acento em relação aos outros e tendo maior impacto na recepção do sujeito-fiel:

[64] Blanco (2008) constata, inclusive, que no caso da Missa, o rito é, também, constituído por um conjunto de orações e que tal prática possui a extensidade como eixo predominantemente em seu andamento.

Figura 28 – Combinação e hierarquização dos critérios - enunciatário e gênero textual – das práticas-textos marianos presentes na Novena



Fonte: (elaboração própria).

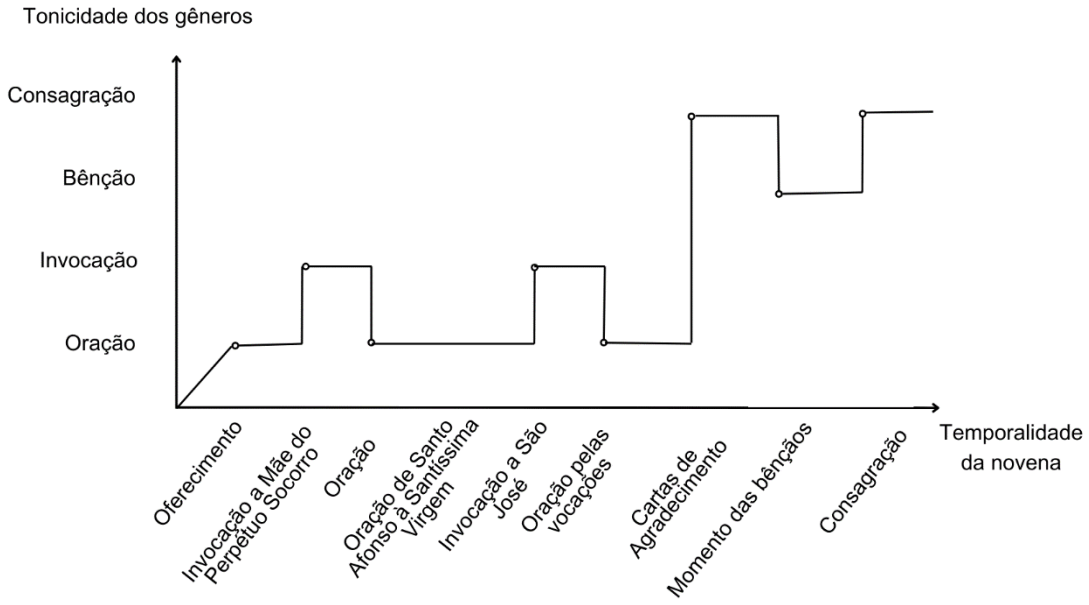
Neste âmbito de comparação, portanto, a consagração possui a maior tonicidade e isso se deve, não somente por seu significante presente na Novena, mas pelo próprio significado de *consagração*. Na consagração, o direcionamento é mais concentrado, e mais tônico no âmbito da intensidade, diferente das orações que são mais amplas, portanto, mais difusas e mais átonas. O acento, nesse caso, é manifestado no conteúdo como “apreensão”, na esfera do sujeito[65].

No decorrer da prática em questão, as bênçãos ficam por último e antecedem a *consagração* na nona sessão. Além disso, a bênção – para além da expressão verbal – seu significado instaura à própria bênção um caráter de objeto-valor que se oferece – por meio do gesto de imposição das mãos - num processo de realização e conjunção com sujeitos até então atualizados da prática, enquanto nas *invocações* e *orações*, o sujeito está num estágio de chamamento e espera, num movimento de busca e não de recebimento de algo divino, como é o caso da bênção e da consagração.

Dessa maneira, o andamento da Novena, sob sua temporalidade, perpassa os gêneros em questão e suas respectivas tonicidades:

[65] Blanco (2008) afirma que o momento da consagração da missa é também o momento de maior intensidade da referida prática como um todo, e isso se deve desde ao conteúdo da mesma até sua expressão que acumula intensidade justamente pela lentidão e pausas dos gestos e do andamento do momento.

Figura 29 – Graus de intensidade no decorrer da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Fonte: (elaboração própria).

Assim, a Novena, sempre que ocorrida, desenvolve momentos com mais e momentos com menos tonicidade, tendo em vista que: “a tonicidade se concentra na singularidade do acento, mais precisamente na batida acentual, e depois, se dispersa na pluralidade do *in-cento”* (Zilberberg, 2011, p. 109).

Dessa maneira, sabendo que a Novena perpassa os mais variados gêneros, apreende-se momentos de transições de um a outro, possibilitando ápices e declínios de acentos de sentido, tal como o caso apresentado por Tatit (2019) ao explicarmos sobre a prosodialização do discurso: “A prosódia responde pela distribuição dos acentos que indicam as direções assumidas pelas curvas entoativas e ainda permite que seus movimentos ascendentes e descendentes sejam intercalado por novos segmentos sem qualquer alteração direcional” (Tatit, 2019, p. 79).

Por fim, a respeito das Cartas de Agradecimento nesse contexto discursivo, em primeiro lugar, é um gênero não pertencente ao domínio religioso como já anteriormente apontado, ou seja, não é ritualístico, é previsto na prática, mas não se repete em fórmula fixa como os demais enunciados, instaurando uma presença mais acentuada pela sua

novidade narrativa já esperada, um esperado inesperado mais tônico (Greimas, 2002), mas não alcançando o estágio de um acontecimento (Mancini, 2020[66]) efetivamente.

[66] Nesse referido trabalho, Coutinho e Mancini (2020, p. 33) propõem que “nem toda concessão configura um acontecimento”.

CONCLUSÃO

> No princípio era o mito. Depois surge a ficção. Mais tarde ainda aparece a ciência. [...] Hoje, depois de os mitos terem sido declarados mortos, estão bastante vivos. Nos subterrâneos, nutrem a ficção, a utopia e a ciência (Fiorin, 2016, p. 09).

Este trabalho teve como ponto de partida o interesse em saber como se desenvolve o processo de significação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a partir de sua forte expressão enquanto fenômeno religioso histórico-cultural, no Brasil, e para além dele. Assim, utilizamos os preceitos da Semiótica Discursiva que, com seu aparato teórico-metodológico, ofereceu-nos subsídios científicos para análise do referido *corpus*: a) da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – por meio do rito registrado no Novenário/Livro de Bolso, a prática em si e sua manutenção on-line frente à pandemia da Covid-19, pela gravação do rito no YouTube; b) do Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e sua disposição no espaço sagrado; c) e de recortes de enunciados de Perpétuo Socorro como padroeira de um lugar, neste caso, sendo analisadas a *ladainha* e a *consagração* da padroeira de Mato Grosso do Sul, rezadas na missa do dia da padroeira no mesmo *locus* em questão.

Outro fator motivador para este estudo foi a evidente escassez de pesquisas brasileiras que exploram o fenômeno religioso, enquanto texto e discurso, e seus respectivos processos de significação em suas manifestações, tendo em vista que a maioria dessas pesquisas são ou do âmbito da Sociologia ou da História, portanto, nosso trabalho se insere na tradição de estudos acerca do universo da Semiótica e do universo da religião/ religiosidade.

Na realização deste trabalho nos baseamos em variados autores do âmbito da teoria semiótica, como Greimas (1966), Floch (1985), Blanco (2008), Zilberberg (2011) e Silva (2012) que, por meio de seus estudos, propuseram, respectivamente, o plano gerativo do sentido, categorias da análise plástica da expressão visual, a análise do rito da missa católica como prática significante, semiótica tensiva e a tipologia do discurso religioso – conceitos esses que serviram de pilares para a construção deste trabalho.

Referente ao percurso deste trabalho, iniciado, informalmente, em 12 de dezembro de 2019, a pesquisa tomou rumos não imaginados desde a construção de seu pré-projeto, por exemplo, a constituição do *corpus* que perpassou alterações as quais excluíram alguns objetos como os Tapetes de *Corpus Christi*, Missas da Padroeira (2022,

2023 e 2024) e o material de divulgação do Ano Jubilar; e, por outro lado, foram incluídas para análise a *Ladainha* e o *Ato de consagração* da Padroeira de Mato Grosso do Sul. Tais alterações ocorreram devido ao objetivo da pesquisa ser analisar textos da devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro essencialmente – os Tapetes, a Missa e comemoração do na Jubilar são recorrentes práticas católicas da igreja em questão como um todo, não sendo especificamente de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

A partir dos resultados apreendidos, pudemos compreender que a significação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro envolve variadas práticas e representações significantes que se desdobram em significados em torno da referida figura religiosa católica. Com as análises, por exemplo, apreendemos a organização textual dos enunciados da devoção de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, quais são seus temas e figuras e como estes se relacionam, seu funcionamento enunciativo, a expressão plástica do importante ícone religioso, sua relação com o espaço do templo, noções tensivas da prática Novena, dentre outros pontos de contribuição.

Dessa maneira, dentre as principais contribuições deste trabalho temos o entendimento de que o ícone religioso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro constrói uma relação direta com seu observador, projetando um contato próximo do *eu*, Maria, e *tu*, observador. Assim, o ícone projeta, ainda, suas temáticas de maternidade, santidade e paixão (de Cristo), figurativizadas pelos variados elementos visuais do quadro, a saber, a presença do filho (Jesus Cristo), a coloração dourada e a presença dos elementos da paixão de Cristo carregadas pelas figuras angelicais na parte superior do quadro.

A partir do ícone, desenvolvem-se práticas devocionais que o permeiam. Nesse preâmbulo, esta dissertação concluiu que a prática da novena, desde sua versão escrita no Livro de Bolso até sua versão digital transmitida no Youtube ou sua ocorrência no templo físico, carrega um jogo enunciativo entre os sujeitos Deus, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, celebrante e fiéis. No Livro de Bolso, grosso modo, é o fiel quem diz a Deus; na prática em si, é Deus que concede as bênçãos ao fiel; e assim sucessivamente, a depender do momento em específico, tendo em vista a novena ser uma prática complexa e heterogênea em sua composição.

Nesse ponto, ainda, destacamos que, com este estudo, tornou-se possível afirmar que a novena é uma prática tensiva em que, em seu próprio andamento, promove-se ascendências e descendências de *tonicidade*, considerando que a novena é constituída por diversos gêneros textuais (orações, invocações, bênçãos e consagrações), que, por

sua vez, possuem comportamentos distintos entre si, provocando, também, efeitos de sentido distintos entre si, com suas respectivas *intensidades*. Tais tensões, portanto, provocam uma prosodialização, isto é, momentos de maior e menor intensidade no decorrer de um mesmo objeto, podendo ser verificado, na novena, no gráfico apresentado na figura 29.

Em relação a estudos futuros, com esse trabalho, possibilita-se variados caminhos de continuidade, aqui pontuamos alguns: i) comparar como seria a versão da novena originalmente, em inglês, advinda dos Estados Unidos, com a versão regente no Brasil, pós-tradução – se há distinções culturais no texto e em que medida se constroem os mesmos sentidos ou não entre as versões no decorrer do tempo e do espaço; ii) investigar, a partir destas análises, como se conceituaria, afinal, o discurso religioso de fidelização; iii) projetar a conceptualização da possível noção de um discurso mariano; dentre outras possibilidades.

Por fim, com a divulgação da presente pesquisa, esperamos apresentar novos objetos semióticos no domínio discursivo religioso e proporcionar novos limites e significados na concepção do sagrado em suas mais variadas formas de manifestação para a academia e para a sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Francisco J. Iconografía mariana en el arte bizantino, **Revista de Letras**, XI (3), 199-210, 1950. Disponível em: https://digibuo.uniovi.es/dspace/.

AZEVEDO, Renan Ramires de. O sujeito realizado da prática religiosa Novena perpétua: análise semiótica das cartas de agradecimento. In: **Anais do Seminário Internacional dos Estudos de Linguagens**, Campo Grande, 2023.

AZEVEDO, Renan Ramires de; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Multissemiose e discurso religioso: análise semiótica do texto escultórico de Nossa Senhora Aparecida. **Entrepalavras**, [S.l.], v. 12, n. 3, p. 166-186, 2022.

AZEVEDO, Renan Ramires de; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Pandemia e prática religiosa no discurso on-line: a situação do enunciado. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 109-127, jul. 2023.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Seguei Botcharov. – São Paulo: Editora 34, 2016.

BAQUIÃO, R. C. Entre corpo e percepção: a composição discursiva da figura de Jesus Cristo. **Ciência & Cognição**, vol. 16.2, 2011. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/416>. Acesso em: 05 jan. 2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos do discurso. In: FIORIN, J. L (org.). **Introdução à Linguística II:** princípios de análise. 5. ed. – São Paulo: Contexto, 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4ª ed. São Paulo, Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a "Exterioridade" discursiva. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009.

BATISTOTE, Maria Luceli Faria. **Semiótica francesa:** busca de sentido em narrativas míticas. 1. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 concílios da igreja:** de Niceia ao Vaticano II. 2. Ed. Edições Loyola: São Paulo, 2016.

BENTO XVI, Papa. **Redes Sociais:** portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. 2013. Disponível em: goo.gl/VxwDXB. Acesso em: 27 maio 2022.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I.** Tradução Maria da Glória Novak São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

BERTRAND, Denis; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas. **Estudos Semióticos**, v. 17, n. 2, p. 321-339, 2021.

BLANCO, Desiderio. El rito de la Misa como práctica significante. **Tópicos del Seminário**, n. 20, Puebla/ México, p. 43-70, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=59402003>. Acesso em: 21 dez. 2019.

BOFF, Clodovis. **Mariologia social:** O significado da Virgem para a Sociedade [livro eletrônico] – São Paulo: Paulus, 2006.

BOHÓRQUEZ, M. I. C. **Propuesta de lectura de las vidrieras del Santuario de Nuestra Señora del Perpetuo Socorro de San Cristóbal**. Mérida: Ed. Táchira, 2008.

BUCCIOL, Dom Armando. **Sinais e símbolos, gestos e palavras na liturgia**. Brasília: edições CNBB, 2018.

BUENO, F. S. Semiótica e linguagem ritual católica: um estudo comparativo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico***,* v. 11, n. 19, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/34419>. Acesso em: 25 jan. 2020.

BURCKHARDT, Titus. **A arte sagrada no oriente e no ocidente:** princípios e métodos. Trad. Eliana Catarina Alves, Sergio Rizek - São Paulo: Attar, 2004.

CARDOSO, Dario de Araújo. A emergência do sentido nas narrativas bíblicas: uma proposta de pesquisa semiótica na Bíblia. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras** (on-line), v. 15, p. 1-19, 2015.

CARDOSO, Dario de Araujo. **Corpo e presença na Bíblia Sagrada**. 2017. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi: 10.11606/T.8.2018.tde-21022018-104542. Acesso em: 2020-07-08.

CARVALHO, Paulo César de. **Fragmentos epistolares de um discurso amoroso:** elementos para uma análise semiótica do estatuto do gênero carta de amor. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas:** primeira parte: A linguagem. Trad. Marión Fleischer. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas:** segunda parte: O pensamento mítico. Trad. Cláudia Cavalcanti - São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CASSIRER, Ernst. **A filosofia das formas simbólicas:** terceira parte: fenomenologia do conhecimento. Trad. Eurides Avance de Souza. - São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CATECISMO da Igreja Católica. 19º Edição, 2017.

COLLANTES, Justo (org.). **A fé católica:** documentos do Magistério da Igreja: das origens aos nossos dias. Rio de Janeiro: Lumen Christi; Anápolis: Diocese de Anápolis, 2003.

CORTINA, Arnaldo. Percurso da semiótica por meio das obras de Greimas. **Estudos Semióticos**, v. 13, n. 2, 2017.

COSTA, Christiane Gonçalves. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e o arquétipo feminino. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, v. 13, p. 72-80, ago. 2020. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7536>. Acesso em: 15 jan. 2021.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

DEMARCHI, Guilherme. **Da paixão à ressurreição:** uma análise semiótica. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.8.2015.tde-03122015-134419. Acesso em: 2020-07-08.

DIAS, G. J. A. C. A devoção do povo português a Nossa Senhora nos tempos modernos. **História: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, *[S. l.]*, v. 4, 2019.

DONATO, Antonio. L'icona della Madonna del Perpetuo Soccorso: una lettura in chiave teologica a partire dal. **Spicilegium historicum Congregationis** SSmi [Sanctissimi] Redemptoris, v. 64, n. 1/2, p. 103-116, 2016.

DONDERO, Maria Giulia. Iconographie de l'aura: du magique au sacré. **Espressione e Contenuto: Rivista dell'Associazione Italiana di Studi Semiotici**, 2005.

DONDERO, Maria Giulia. Le religieux et le sacré vus à travers l'iconographie de l'olfaction. **Questions de communication**, n. 23, p. 79-100, 2013.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUSI, Nicola; MARRONE, Giafranco. **Destini del sacro:** discorso religioso e semiotica della cultura (Org.). Roma: Meltemi, 2008.

FIORIN, José Luiz. A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre Semiótica e Linguística. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 12-38, 2022.

FIORIN, José Luiz. A sacralização da política. In: FULANETI, O. N.; BUENO, A. M. **Linguagem e política:** princípios teórico-discursivos, São Paulo: Contexto, 2013b. p. 21-38.

FIORIN, José Luiz. A semiótica tensiva. In: FIORIN, José Luiz. **Novos Caminhos da Linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2017b.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da Enunciação:** as categorias de pessoa, espaço e tempo. 3. ed. - São Paulo: Editora Contexto, 2016.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, José Luiz (Org.).; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.).; BARBISAN, Leci Borges (Org.). **Saussure:** *a invenção da Linguística.* 1º ed. São Paulo: Contexto, 2013a.

FIORIN, José Luiz. Semiótica e História. **Cadernos de Letras UFF** - Dossiê: Linguagens em diálogo, nº 42, p. 15-34, 2011.

FIORIN, José Luiz. Two concepts of enunciation. **Semiotica,** *[S.l.],* v. 219, 2017a. Disponível em: https://www.degruyter.com/view/j/semi.2017.

FLOCH, Jean-Marie; COLLIN, Jerôme. **Lecture de la Trinité D'Andrei Roublev.** Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mythologies de l'oeil et l'esprit:** pour une semiotique plastique. John Benjamins Publishing, 1985.

FONTANILLE, Jacques. Práticas Semióticas: Imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Visotto Paiva; Portella, Jean Cristtus (orgs). **Semiótica e Mídia:** textos, práticas e estratégias. Bauru: UNESP/FAAC, 2008.

GALOFARO, Francesco. Beneath Thy Protection: Portrait of the Holy Virgin as a semantic operator. **Σημειωτκή-Sign Systems Studies**, v. 51, n. 2, p. 376-397, 2023.

GOMES, Regina Souza. Gêneros do discurso: uma abordagem semiótica. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009.

GONÇALVES, Dirçon. **Graças alcançadas:** 50 cartas de agradecimento. Curitiba: Peregrina, 2016.

GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2. ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da Imperfeição**. São Paulo: Hacker Editora, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du Sens.** Paris: Seuil, 1970.

GREIMAS, Algirdas Julien.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões:** dos estados de coisas aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues. Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, Algirdas Julien. "L'actualité du saussurisme". **Le Français Moderne**, n. 24, 1956.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural:** pesquisa e método. São Paulo: Cultrix, 1966.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Semiótica e ciências sociais.** Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981.

GREIMAS, Algirdas Julien. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. **Actes sémiotiques**, n. 60, n. 3, 1984.

GRZYWACZ, José. **Bem-aventurada:** estudo popular sobre Maria, a mãe de Jesus. São Paulo: Paulus, 2018.

HAMMAD, Manar. O santuário de Bel em Tadmor-Palmira: ensaio de interpretação semiótica. **Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica**, n. 9, 2005.

HAMMAD, Manar. Rituels sacrés/rituels profanes, usages signifiants de l'espace. **Espace: construction et signification**, p. 215-231, 1984.

HIGUET, Etienne Alfred. A enunciação na semiótica visual, especialmente na pintura religiosa. **Estudos de Religião**, v. 35, n. 2, p. 9-35, 2021.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Trad. J Teixeira Coelho Netto. – São Paulo: Perspectiva, 2013 [1961].

JADON, José Carlos. **Sucesso e salvação** - estudo semiótico comparativo entre os discursos televisivos das Igrejas Universal do Reino de Deus e Católica Apostólica Romana no Brasil. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

KURYLUK, E. **Santa Verônica e o Sudário:** História, simbolismo, lendas e estrutura da imagem "verdadeira". Trad. Inês Antônia Lohbauer. - São Paulo: IBRASA, 1993.

LASSUS, Jean. **Cristandade Clássica e Bizantina.** Coleção: O mundo da arte. – Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, Year, 1978.

LELOUP, Jean-Yves. **O ícone:** uma escola do olhar. Trad. Martha Gouveia da Cruz – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LEMOS, Carolina T. Maria: ícone para o qual converge e do qual emerge um feixe de significados de diferentes aspectos da cultura. **Mandrágora**, v. 24. n. 1, p. 39-57, 2018. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/8784>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. 12. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LEONE, Massimo et al. Semiotics in theology and religious studies. **Bloomsbury Semiotics**, v. 3, p. 69-80, 2022.

LEONE, Massimo. **Saints and signs:** a semiotic reading of conversion in early modern Catholicism. Berlín y Nueva York: Walter de Gruyter. 2010.

LIMA, Anderson de Oliveira. A semiótica a serviço da leitura bíblica: Análise da narrativa de Mateus 19.16-24. **Darandina Revisteletrônica** – Programa de Pós-Graduação em Letras/ UFJF, vol. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2014/03/artigo_anderson_lima.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

LIMA, Eliane Soares de. O texto e seus entornos: a geração do sentido e os níveis de pertinência na proposta de Jacques Fontanille. **Estudos Semióticos**, v. 6, n. 2, 2010.

LIMA, K. M. As Novenas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Campo Grande (MS) como fenômeno de Folkcomunicação. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 5, n. 10, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/586>. Acesso em: 15 jan. 2020.

LIMA, Padre Francisco dos Santos.; *et al.* **Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**: uma jornada: - Curitiba: 2011.

LOPES, Edward. **A Identidade e a Diferença:** raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MACHADO, Domingos de Souza. **Ethos e identidade no discurso religioso fundador:** uma abordagem semiótica do *corpus paulinum*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

MAIA, António. **Pequeno Dicionário Católico:** dogma, liturgia, moral e bíblia. Rio de Janeiro: Coleção Estrela do Mar, 1966.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MANCINI, Renata. A tradução enquanto processo. **Cadernos de tradução**, v. 40, n. 3, p. 14-33, 2020.

MARQUES, R. M. da C. **Trilogia do Patrimônio Histórico e Cultural Sul-Mato-Grossense***.* Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

MATO GROSSO DO SUL. Lei nº 5.121, de 27 de dezembro de 2017. Institui como Padroeira do Estado de Mato Grosso do Sul, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, e dá outras providências*.* **Diário Oficial Eletrônico**, Nº 9562, 28 dez. 2017.

MENDES, Mariza B. T. **No princípio era o poder:** uma análise semiótica das paixões no discurso do antigo testamento. São Paulo: Annablume, 2009.

MISSIONÁRIOS REDENTORISTAS. **História e mensagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:** motivando o discipulado missionário. – Curitiba, PR: Peregrina, 2013.

MOLINERO, M. A. A. **O espaço celebrativo como ícone da eclesiologia:** para uma teologia do espaço litúrgico. São Paulo: Paulus, 2019.

NOGUEIRA, P. A. D. S. Religião como texto: Contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, P. A. D. S. (Ed.). **Linguagens da Religião***:* Desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 13-30.

НОВОКРЕЩЕННЫХ, Екатерина Владимировна. Проблема религиозного дискурса: дискурс религии или дискурс о религии?. Вестник Тюменского государственного университета. **Серия: Философия**.–2013.–№ 10, 2013.

PANIER, L. Sémiotique et etudes bibliques*.* Évolutions méthodologiques et perpectives épistemologiques. **EC – Rivista dell'Associazone Italiana Studi Semiotici**, 28 feb. 2008.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e Iconologia: Uma Introdução ao Estudo da Arte Renascença. In: _____. **Significado nas artes visuais.** Tradução de Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 47-87.

PAULO VI, Papa.. In: Concílio Vaticano II, Roma, 4 de dezembro de 1963. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 2 jun. 2024.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação:** a nova retórica. - 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETRINI, C. **La pratica religiosa cattolica ai tempi del Coronavirus:** Tra lo spazio sacro e lo spazio virtuale. Società Editrice Esculapio, 2021.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Análise do texto visual:** a construção da imagem. São Paulo: Contexto, 2007.

PIETROFORTE, Antonio Vicente; LOPES, Ivã Carlos. Semântica lexical. In: José Luiz Fiorin (Org.). **Introdução à Linguística II:** Princípios de análise. – 5 ed. – São Paulo: Contexto, 2019.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **O discurso da Tradição esotérico Religiosa:** uma abordagem semiótica. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

PONZO, Jenny et al. La santidad como una forma de vida y la figura de Santa Gianna Beretta Molla. In: **Proceedings of the 14th World Congress of the International Association for Semiotic Studies. IASS Publications & Libros de Crítica**, 2021. p. 247-255.

PONZO, Jenny; GALOFARO, Francesco. Religion and the semiotization of space. **Sign, Method and the Sacred: New Directions in Semiotic Methodologies for the Study of Religion**, v. 64, p. 215, 2021.

PONZO, Jenny**. Religious narratives in Italian literature after the Second Vatican Council:** a semiotic analysis. de Gruyter, 2019.

POSTAL, Jairo. **Parábolas e paixões**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

POSTAL, Jairo. **Uma imagem caleidoscópica de Jesus:** o éthos de Cristo depreendido dos evangelhos canônicos. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Editora Ática, 1987.

REDENTORISTAS, Missionários. **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:** imagem, favores e templos. Roma, 1997.

RIOS, Helio Sales. **Discurso político e discurso religioso evangélico:** intersecções semióticas de discursos de Jair Messias Bolsonaro. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.

ROCHA, Célia Vieira de Souza. **Maternidade, gênero e religião:** a devoção à mãe do Perpétuo Socorro. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

SANTOS, Milene C. **A Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:** ações voltadas para o desenvolvimento local (Campo Grande - MS). Dissertação (mestrado em desenvolvimento local) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2015.

SANTOS, Rafael Alberto Alves dos. **A voz do Papa Francisco:** um *ethos* e um campo de presença. 2023. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2023.

SANTOS, Rafael Alberto Alves dos. Igrejas fechadas: rezar na pandemia?. **Acta Semiotica**, p. 149-172, 2021.

SANTOS, Rafael Alberto Alves dos. O sensível no fazer persuasivo do Papa Francisco. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 193–215, 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A Carta-objeto: uma Análise Semiótica da plástica das Cartas de Sá-Carneiro. **Estudos Semióticos**, v. 8, n. 2, p. 28-39, 2012.

SCOMPARIM, A. F. **A iconografia na Igreja Católica**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SHNEIDER, A. **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro:** História, culto e devoção. 11. ed. Aparecida: Santuário, 1991.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. A semiótica greimasiana no quadro epistemológico das teorias da linguagem e dos estudos da religião. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 1066-1066, 2018.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. **Discurso da divulgação religiosa:** semiótica e retórica. 2011. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2012.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. **O discurso de 'divulgação religiosa' materializado por meio de diferentes gêneros:** dois ethé, duas construções do Céu e da Terra. 2007. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. Semiótica e Iconografia cristã. In: Nataniel dos Santos Gomes (Org.); Ruberval Franco Maciel (Org.); Vanderlis Legramante Barbosa (Org.). **Olhares sobre os textos:** verbal e não verbal. 2020. p. 110-150, 2020.

SILVA, Thaíssa Soares. A criação do mundo em Bereshit (gênesis) à luz da semiótica. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens-UFMS,** v. 28, n. 55, p. 039-060, 2024.

SOARES, Cássia Lacerda. **Fé e sentido:** enunciação e éthos no discurso da homilia de freis franciscanos. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.

STRUGALA, Lucas Ribeiro. **Promessa feita, promessa cumprida:** Uma etnografia da Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Curitiba. Curitiba: Ed. UFPR, 2014.

TAMANINI, Paulo Augusto. O lugar e os ícones na cultura religiosa dos imigrantes ucranianos em Curitiba. **Domínios da Imagem**, v.12, n.18, p.11-28, jan-jul. 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/25483>. Acesso em: 15 jan. 2020.

TATIT, Luiz. **Passos da Semiótica Tensiva**. Cotia: Ateliê Editorial, 2019.

TATIT, Luiz A semiótica e Merleau-Ponty. In: LANDOWSKI, E.; OLIVEIRA, A. C. (ed.). **Do inteligível ao sensível**. São Paulo: EDUC, 1995. p. 161-167.

TEIXEIRA, Lucia. **As cores do discurso:** análise do discurso da crítica de arte. Niterói: EDUFF, 1996.

TEIXEIRA, Lucia. Relações entre o verbal e o não-verbal: pressupostos teóricos. In: **Caderno de discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas**, São Paulo, v.1, p.415-426, 2001.

THÉRIAULT, J-Y. Quand la bible s'ouvre à la lecture sémiotique. **Proteé:** revue internationale de théories et de pratiques sémiotiques, v. 34, n. 1, p. 67-75, 2006.

WOLFFLIN, H. **Conceitos Fundamentais da História da Arte:** o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WOSNIAK, C. Desfazendo os nós semióticos em Nossa Senhora Desatadora de Nós. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 32, n. 23, p. 211-232, 2014.

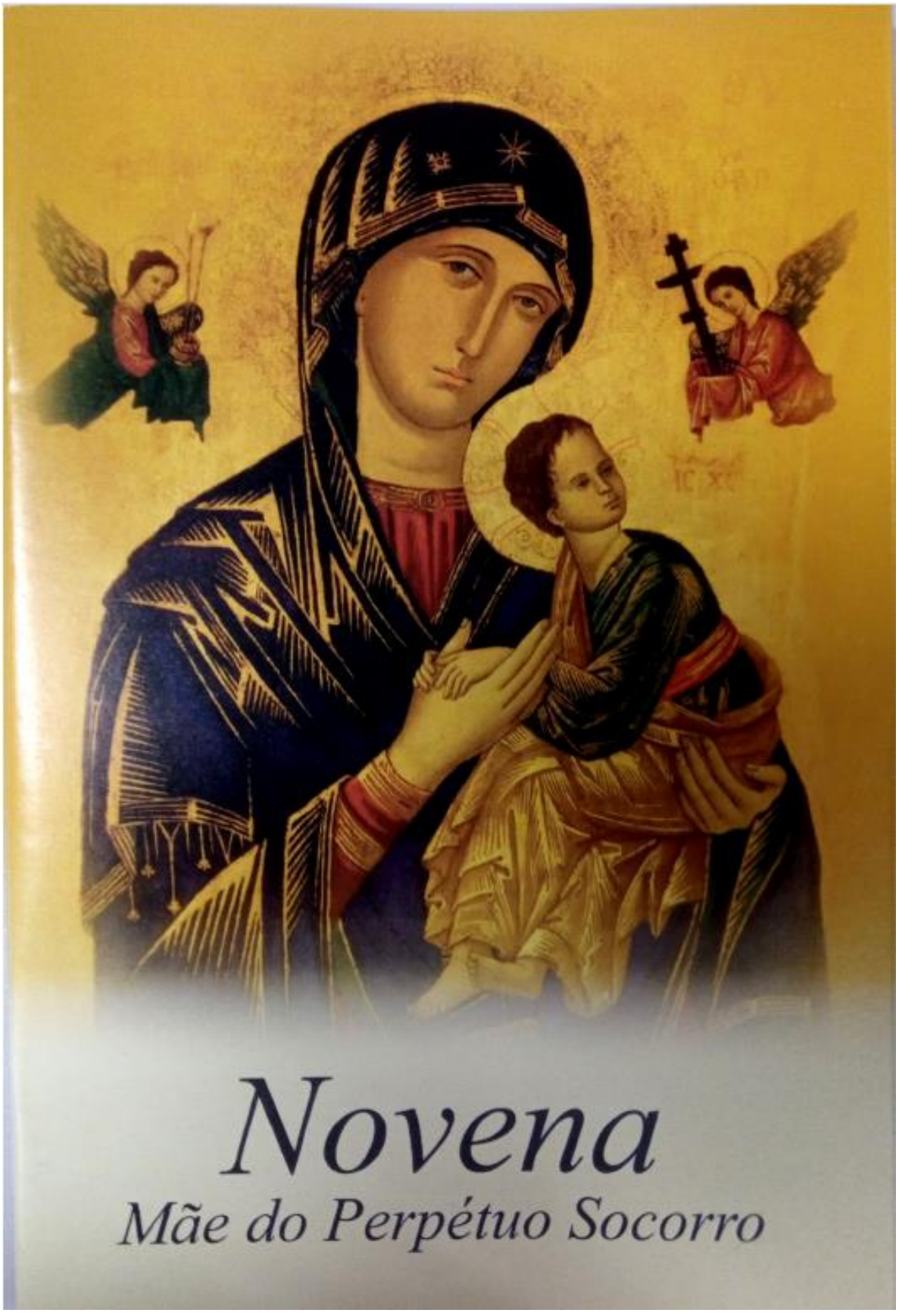
Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65615>. Acesso em: 16 jan. 2020.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. Trad. Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. In: Eduardo Peñuela Cañizal (Org.).; Kati Eliana Caetano (Org.). **O olhar à deriva:** mídia, significação e cultura. – São Paulo: Annablume, 2004, p. 69-102.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva**. Tradução: Ivâ Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ANEXOS

Anexo I - Novenário da Novena Perpétua



Novena da Mãe do Perpétuo Socorro

Missionários Redentoristas
Província de Campo Grande

Santuário Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro
Av. Afonso Pena, 377 . Bairro Amambaí . Campo Grande/MS
(67) 3384-2818 ou 3384-9969
e-mail: santuariosecretaria@hotmail.com

www.perpetuosocorroms.com.br
www.redentoristas.org.br

Direitos autorias: C.Ss.R.
CNPJ 03.266.137/0001-80

Redentoristas e a Mãe do Perpétuo Socorro

Em 1866 o Santo Padre, Papa Pio IX, ao entregar o ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro aos Redentoristas, disse: "Façam-na conhecida no mundo inteiro!" Esta linda devoção espalhou-se por todos os continentes. Em Campo Grande a devoção chegou nos primeiros anos de 1930, junto com os Missionários Redentoristas vindos dos EUA.

O atual santuário foi construído em 1940, mas o documento de criação da paróquia data de 02 de janeiro de 1939. No começo era apenas a padroeira de uma igreja. No decorrer dos anos a devoção cresceu e foi ganhando uma dimensão incrível. Hoje são dezoito novenas a cada quarta-feira, que do amanhecer ao anoitecer reúnem em média vinte e cinco mil pessoas.

Os Redentoristas convidam você para, além de fazer a experiência de Deus neste Santuário da Mãe do Perpétuo Socorro, tornar-se um sinal da graça de Deus. Convide outras pessoas, fale sobre as graças recebidas aqui, espalhe essa boa notícia.

Que a Mãe do Perpétuo Socorro, deste santuário no coração de Campo Grande, interceda por todos que, na peregrinação desta vida, sabem que não caminham sozinhos, mas protegidos pelo olhar carinhoso de Maria Santíssima.

Cântico Inicial

Louvando a Maria/ o povo fiel/ a voz repetia/ de São Gabriel./

Ave, Ave, Ave Maria! (bis)

O Anjo descendo/ num raio de luz/ feliz Bernadete/ à fonte conduz.

Ave, Ave, Ave Maria! (bis)

Ou

Por nós rogai/ oh Bom Jesus/ a nós salvai/ por sua cruz/

Por nós velai/ oh Mãe Querida/ nos abençoai por toda vida.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro! (bis)

Acolhida

Cel.: Irmãos e irmãs sejam bem vindos a este Santuário Mariano. Invoquemos a Santíssima Trindade: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém!

Intenções da Novena

› Intenção Geral

› Intenção Particular

Oferecimento

Todos: Ó Mãe do Perpétuo Socorro/ ó meus amáveis protetores São José/ e Santo Afonso Maria/ eu vos ofereço esta novena/ por intenção dos doentes/ dos aflitos e atribulados/ dos pobres pecadores/ pelas necessidades da igreja/ e por suas vocações sacerdotais, religiosas e leigas/ por minha família/ e por minhas intenções particulares./ Dignai-vos atender-me bondosamente. Amém!

Invocações a Mãe do Perpétuo Socorro

Todos: Eis aqui ó Mãe do Perpétuo Socorro/ aos vossos pés/ um miserável pecador/ que a vós recorre e em vós confia./ Ó Mãe de misericórdia, tende piedade de mim!/ Ouço que todos vos chamam o refúgio e a esperança dos pecadores./ Logo então, sede vós o meu refúgio e a minha esperança./ Por amor de Jesus Cristo, socorrei-me./ Dai a mão a um mísero caído,/ que a vós se entrega e recomenda./ Eu bendigo e rendo graças a Deus, por se ter dignado conceder-me esta confiança em vós/ que eu considero um penhor de minha salvação eterna./ Ah! É mais do que certo que no passado/ quando tive a desgraça de cair/ a vós não recorri./ Contudo, ó minha benigníssima mãe,/

não me recuseis o vosso socorro;/ pois sei que com ele serei vencedor./ Sim, sei que vireis em meu socorro/ se a vós me recomendar;/ mas temo as ocasiões de pecar,/ receio deixar então de invocar o vosso auxílio,/ e deste modo perder-me./ É esta a graça que peço/ e vos conjuro que ma concedais;/ fazei, ó Maria/ que eu a vós recorra/ em todos os assaltos que me der o inferno,/ e que eu possa dizer-vos continuamente:/ Maria, ajudai-me! Mãe do Perpétuo Socorro,/ não permitais que eu perca o meu Deus!

Cel.: Ave Maria cheia de Graça... (3x)

Cel.: Saúde dos enfermos
T: Rogai por nós!

Cel.: Consoladora dos aflitos
T: Rogai por nós!

Cel.: Refúgio dos pecadores
T: Rogai por nós!

Cel.: Rainha dos apóstolos
T: Enviai-nos muitas e santas vocações!

Cel.: Rogai por nós, Santa Mãe de Deus
T: Para que sejamos dignos das promessas de Cristo!

Oração

Cel.: Oremos: Ó Deus onipotente e misericordioso, que nos destes a graça de venerar a imagem de vossa bem-aventurada Mãe, sob o título do Perpétuo Socorro: concedei-nos que em todas as dificuldades da nossa peregrinação nesta vida sejamos de tal modo assistidos pela proteção da mesma e Imaculada e sempre Virgem Maria, que mereçamos conseguir os prêmios da vida eterna. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém!

Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem

Todos: Santíssima Virgem Imaculada, / Maria, minha Mãe, a vós que sois a Mãe do meu Senhor,/ a Rainha do Mundo,/ a advogada, a esperança, o refúgio dos pecadores/ recorro hoje eu, que sou o mais miserável de todos./ Aos vossos pés me prostro, ó Grande Rainha,/ e vos dou graças por todos os benefícios/ que até agora me tendes feito, especialmente por me haverdes livrado do inferno/ por mim tantas vezes merecido./ Eu vos amo, senhora amabilíssima/ e pelo amor que vos tenho,/ prometo servir-vos sempre/ e fazer quanto possa

para que de todos sejais servida./ Em vós depois de Jesus, ponho todas as minhas esperanças./ Toda minha salvação./ Aceitai-me por vosso servo,/ e acolhei-me debaixo do vosso manto,/ ó Mãe de misericórdia! E já que sois tão poderosa para com Deus,/ livrai-me de todas as tentações/ ou impetrai-me forças para vencê-las até a morte./ A vós suplico o verdadeiro amor a Jesus Cristo,/ de vós espero alcançar uma boa morte./ Minha Mãe, pelo amor que tendes a Deus,/ vos rogo que me ajudeis sempre,/ mormente no último instante de minha vida./ Não me desampareis enquanto não me virdes salvo no céu,/ a bendizer-vos e a cantar as vossas misericórdias/ por toda a eternidade./ Assim espero, assim seja.

Liturgia da Palavra

Cel.: Com alegria, vamos aclamar o Santo Evangelho, cantando...

› **Proclamação do Evangelho do dia**

› **Leitura do Pensamento da Novena**
(Na 9ª Novena, em vez do Pensamento, faz-se o Ato de Consagração)

Ofertório

Cel.: Enquanto o Santíssimo Sacramento é exposto sobre o altar, cada um de nós pode se aproximar e oferecer o seu coração e suas orações a Deus. Na possibilidade de cada um, façamos ainda a nossa oferta material em prol das atividades desta igreja. Cantemos!

Eucaristia

Cel.: Irmãos e irmãs, preparando-nos para receber a Santa Eucaristia, rezemos com fé e confiança a oração que o Senhor mesmo nos ensinou:

› **Pai Nosso...**

Cel.: Felizes os convidados para a ceia do Senhor. Eis o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Todos: Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo.

› **Canto apropriado!**

Invocação a São José

Todos: Lembrai-vos, ó puríssimo esposo da Virgem Maria/ ó meu amável protetor, São José/ que nunca se ouviu dizer/ ficasse sem consolo/ quem invoca vossa proteção/ e solicita vosso apoio./ Cheio desta confiança, apresento-me diante de vós/ e animado de fervor/ me recomendo a vós/ Ah! Não desprezeis minhas súplicas/ Ó Pai nutrício do Redentor/ mas dignai-vos acolhê-la piedosamente. Amém!

Cel.: São José, Amparo das famílias
Todos: Rogai por nós!

Cel.: São José, Esperança dos enfermos
Todos: Rogai por nós!

Cel.: São José, Padroeiro dos agonizantes
Todos: Rogai por nós!

Oração pelas Vocações

Senhor da messe e pastor do rebanho,/ faz ressoar em nossos ouvidos/ teu forte e suave convite:/ **"Vem e segue-me"!**/ derrama sobre nós o teu espírito,/ que ele nos dê sabedoria para ver o caminho/ e generosidade para seguir tua voz.

Senhor/ que a messe não se perca por falta de operários./ desperta nossas comunidades para a missão./ ensina nossa vida a ser serviço./ Fortalece os que querem dedicar-se ao reino,/ na vida religiosa e consagrada.

Senhor, que o rebanho não pereça por falta de pastores./ Sustenta a fidelidade de nossos Bispos, Padres e Ministros./ Dá perseverança a nossos seminaristas;/ desperta o coração de nossos jovens/ para o ministério pastoral em tua igreja.

Senhor da messe e pastor do rebanho,/ chama-nos para o serviço de teu povo./ Maria, mãe da igreja,/ modelo dos servidores do evangelho,/ ajuda-nos a responder sim. Amém!

Cel.: Santo Afonso Maria, grande servo de Maria.
Todos: Rogai por nós.

Cel.: Santo Afonso Maria, zeloso apóstolo de Maria.
Todos: Suscitai vocações comprometidas com a Igreja.

Comunicados e Carta de Agradecimento

A carta de agradecimento poderá ser depositada na urna localizada no santuário, ou enviada pelo correio:
Av. Afonso Pena, 377 . Bairro Amambaí . Cep 79005-001 .
Campo Grande/MS

Intenções e Bênçãos

Cel.: Devotos! Olhemos confiantes para Nossa Senhora. Coloquemos nas mãos bondosas de Maria, tudo o que estamos pensando, sentindo e rezando neste momento...

› Rezemos pelos falecidos...

› Rezemos pela paz em nossas famílias...

› E peçamos a Mãe do Perpétuo Socorro aquela graça que mais precisamos...

› Cheios de fé, de esperança e de confiança, peçamos também uma bênção especial para todos os doentes... Aqueles que estão aqui, os que estão nas casas ou nos hospitais de nossa cidade...

Bênção dos Doentes

Cel.: Nosso auxílio está no nome do Senhor.
Todos: Que fez o céu e a terra.

Cel.: Senhor, ouvi a minha oração.
Todos: Chegue a vós o meu clamor.

Cel.: O Senhor esteja convosco
Todos: Ele está no meio de nós.

Oremos

Cel.: : Olhai senhor para os vossos filhos e filhas/ que estão sofrendo alguma doença/ corporal, mental, ou espiritual./ Confortai-os./ Fazei com que tirem proveito de seus sofrimentos/ reconhecendo que é a vossa misericórdia que os salva. Nós pedimos por Cristo Nosso Senhor. Amém!

(em seguida, o celebrante estende a mão direita sobre todos, e procede com a benção, dizendo)

Cel.: Nosso Senhor Jesus Cristo esteja perto de vós para vos **defender**; esteja em vosso coração para vos **conservar**; que ele seja vosso guia para vos **conduzir**; que vos acompanhe para vos **guardar**; que sobre vós derrame sempre sua bênção – em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém!**

Bênção dos Artigos Religiosos

Cel.: Oremos: Nós vos bendizemos senhor, pai santo, porque por vossa palavra e poder tudo foi feito e, como dons vossos, recebemos tudo que é necessário à vida. Lançai a vossa bênção sobre nossos objetos de piedade e artigos religiosos; a águas, documentos, fotografias e demais objetos que expressam nossa vida neste mundo. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém!**

(procede-se com a aspersão da Água Benta)

› Canto apropriado para a Bênção...

› Canto para a bênção final, com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro...

"Dai-nos a bênção, ó Virgem Mãe,
Penhor seguro do Sumo Bem" (2x)

Bênção com o ícone da Mãe do Perpétuo Socorro

Cel.: Ó Maria, Mãe do Perpétuo Socorro, abençoai o povo desta cidade e todos os vossos devotos.

› Protegei as crianças, adolescentes, jovens, casais, idosos..

› Restituí a saúde aos enfermos.

› Confortai os aflitos.

› Ajudai-nos a resolver os problemas pessoais e familiares.

› Sede nossa Mãe do Perpétuo Socorro e dai-nos a vossa bênção. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Amém!**

Ato de Consagração
Mãe do Perpétuo Socorro
(somente na última Novena de cada série)

Todos: Eu vos saúdo ó Maria,/ Mãe do Perpétuo Socorro./ Eu vos saúdo,/ rainha do céu e da terra,/ a cujo império/ está sujeito tudo o que existe abaixo de Deus./ Eu vos saúdo,/ refúgio dos pecadores,/ cuja misericórdia jamais faltou./ Atendei a vontade que tenho/ de possuir o amor eterno,/ a graça de Deus,/ a salvação eterna.

Dai-me a graça de ser discípulo de Jesus,/ na santidade dos costumes,/ no cumprimento dos deveres,/ no zelo da salvação das almas./ Transformai a minha vida em um santuário de virtudes,/ onde Jesus seja o centro./ Recebei, ó Maria,/ meus votos e desejos/ e ofertai-os a Jesus./ Quero que ele receba,/ por vossas mãos,/ os meus obséquios,/ e por vosso coração,/ o meu coração.

Consagro-me, pois inteiramente a vós,/ e ponho-me inteiramente em vossas mãos./ Em vossas mãos eu renovo as promessas do meu batismo;/ renuncio ao demônio,/ suas obras,/ suas pompas./ Em vossas mãos, eu me comprometo a levar a minha cruz,/ obrigando-me a imitar-vos./ Em vossas mãos eu deposito/ o propósito de ser fiel a Jesus,/ mais fiel do que tenho sido até agora.

Ó Maria,/ eu vos escolho por minha mãe e mestra./ Eu vos consagro tudo o que tenho/ e tudo o que sou./ Eu vos dou o meu corpo,/ a minha alma,/ os meus bens,/ o meu passado,/ o meu presente,/ o meu futuro,/ as minhas alegrias,/ as minhas dores,/ a minha vida,/ a minha morte,/ a minha eternidade./ Disponde de mim como vos aprouver./ Recebei este meu ato de amor:/ quero ser vosso para ser de Jesus.

Santa Mãe do Perpétuo Socorro/ Abençoai-me!/ **Amém!**

Cânticos

1. Socorrei-nos, ó Maria

(Música Católica)

Socorrei-nos, ó Maria, noite e dia sem cessar.
Os doentes e os aflitos vinde, vinde, consolar!

Vosso olhar a nós volvei, vossos filhos protegei!
Ó Maria, ó Maria! Vossos filhos socorrei!

Visitai os que padecem aliviando-lhes a dor
A nós todos volvei hoje, um olhar cheio de amor!

Dai saúde ao corpo enfermo, dai coragem na aflição
Sede a nossa doce estrela a brilhar na escuridão.
Que tenhamos cada dia, pão e paz em nosso lar.
E de Deus a santa graça vos pedimos neste altar.

Convertei os pecadores para que voltem para Deus
Dos transviados sede guia no caminho para os céus.

Nas angústias e receios, sede, ó Mãe, a nossa luz.
Dai-nos sempre fé e confiança no amor do bom Jesus.

2. Pelos prados e campinas
(Composição: Frei Fabreti / Thomas Filho)

Pelos Prados e campinas verdejantes eu vou, é o Senhor que me leva a descansar. Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou. Minhas forças o Senhor vai animar.

Tu és, Senhor, o meu Pastor, por isso nada em minha vida faltará (bis)

Nos caminhos mais seguros junto d' Ele eu vou. E pra sempre o seu nome eu honrarei. Se eu encontro mil abismos nos caminhos eu vou, segurança sempre tenho em suas mãos.

3. Pelas estradas da vida
(Música Católica)

Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás. Contigo pelo caminho, Santa Maria vai.

Ó vem conosco vem caminhar, Santa Maria vem. (bis)

Se pelo mundo os homens sem conhecer-se vão. Não negues nunca a tua mão, a quem te encontrar.

2. Pelos prados e campinas
(Composição: Frei Fabreti / Thomas Filho)

Pelos Prados e campinas verdejantes eu vou, é o Senhor que me leva a descansar. Junto às fontes de águas puras, repousantes, eu vou. Minhas forças o Senhor vai animar.

Tu és, Senhor, o meu Pastor, por isso nada em minha vida faltará (bis)

Nos caminhos mais seguros junto d' Ele eu vou. E pra sempre o seu nome eu honrarei. Se eu encontro mil abismos nos caminhos eu vou, segurança sempre tenho em suas mãos.

3. Pelas estradas da vida
(Música Católica)

Pelas estradas da vida, nunca sozinho estás. Contigo pelo caminho, Santa Maria vai.

Ó vem conosco vem caminhar, Santa Maria vem. (bis)

Se pelo mundo os homens sem conhecer-se vão. Não negues nunca a tua mão, a quem te encontrar.

4. Maria da minha infância

(Composição: Pe. Zezinho)

Eu era pequeno, nem me lembro, só lembro que à noite ao pé da cama, juntava as mãozinhas e rezava apressado, mas rezava como alguém que ama. Nas ave-marias que eu rezava, eu sempre engolia umas palavras, e muito cansado acabava dormindo, mas dormia como quem amava.

Ave, Maria, Mãe de Jesus, o tempo passa, não volta mais. Tenho saudade daquele tempo que eu te chamava de minha Mãe./ Ave Maria, Mãe de Jesus. (bis)

Depois fui crescendo, eu me lembro, e fui esquecendo nossa amizade. Chegava lá em casa chateado e cansado, de rezar não tinha nem vontade. Andei duvidando, eu me lembro, das coisas mais puras que me ensinaram. Perdi o costume da criança inocente, minhas mãos quase não se ajuntavam.

O teu amor cresce com a gente e a Mãe nunca esquece o filho ausente. Eu chego lá em casa chateado e cansado, mas eu rezo como antigamente. Nas ave-marias que hoje eu rezo, esqueço as palavras e adormeço. E embora cansado e sem rezar como eu devo, eu, de ti Maria, não me esqueço.

Anexo II – Ata de inauguração do Santuário Estadual de Mato Grosso do Sul

D. Vicente B. Maria Priante
por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica
BISPO DIOCESANO DE CORUMBA'

PADRES REDENTORISTAS CAIXA POSTAL 224 CAMPO GRANDE : MATTO GROSSO

A INAUGURAÇÃO DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO, NO BAIRRO AMAMBAI,

CAMPO GRANDE.

. . . . . .

3 de Agosto -- Realizou-se no dia de hoje uma das mais imponentes e grandiosas concentrações de fieis, marcando a data da Inauguração e benção solene da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mandada construir no populoso bairro de Amambai pelos Reverendos Padres Redentoristas. Revestiu-se de empolgante brilhantismo a solenidade liturgica nesta ocasião.

Presidiu o ato, que iniciou-se com a BençãoSolene do exterior e interior do novo templo divino, Sua Excia. Revma., o Sr. Bispo Diocesano, D. Vicente Priante. O Exmo. Vice-Provincial dos Redentoristas, Rev. Pe. Felipe W. Gaudreau acompanhou a Sua Excia. servindo de Arquipresbyter; sendo os Diaconos Assistentes ao Throno:- Rev. Pe. Daniel O'Leary C.SS.R. e Pe. Roberto Coughlin C. SS.R. de Tibagi, Paraná; o Primeiro Cerimoniario, Rev. Pe. Pedro Plonka S.S., diligissima Secretario Episcopal; Diacono da Missa Pontifical - Rev. Pe. Henrique Pflug C. SS. R. , Vigario de Aquidauana, Subdiacono, Rev. Pe. Haroldo Driscoll, C.SS. R., Vigario de Miranda; Segundo Cerimoniario, Rev. Pe. Clemente Firnak C. SS. R. Abrilhantaram as ceremonias com sua presença - o Rev. Diretor do Ginasio de Dom Bosco, Pe. José Pinto S.S. e Rev. Pe. José Valentim S.S.; as Exmas. Irmãs Salesianas do Hospital Militar,

Colegio de N. S. Medianeira; Irmãs da Congregação de Jesus Crescente.

Assistiram á solenidade a garantir o completo exito desse magno certame de fé católica numerosos fieis, tendo a frente as autoridades locais, entre as quais o Sr. Capitão Humberto Freire de Andrade, ajudante de ordens do Comandante desta Região, representando o Exmo. Sr. General Mario Pinto Guedes, e os Exmos Srs. Cel. Gustavo Cordeiro de Farias, Comandante da guarnição, Cel. Nicanor Caimarães de Souza, Chefe do Estado Maior da Região, Cel. Dr. Franklin Braga, o Sr. Capitão Dr. Alfredo G. Fonseca, o Sr. Prefeito Municipal interino, Dr. Vespasiano Barbosa Martins, Prefeito eleito e muitas outras pessoas gradas e autoridades.

Após a ceremonia da Missa Pontifical preferiu eloquente oração gratulatoria a Sua Excia. o Sr. Bispo Diocesano, para se congratular com os Católicos campograndenses com a inauguração do magestoso Templo erguido em honra a N. S. do Perpetuo Socorro. Traçou o Sr. Bispo D. Vicente Priante a verdadeira significação das Igrejas como centros da oração, a expressão da fé católica, o ponto da união liturgica entre Deus e os fieis, o santuario de nosso maior sacrificio, da administração e recepção dos Sacramentos da Confissão e Santissima Eucharistia, etc. em que a nossa alma se eleva e se redime.

Depois da Missa Pontifical, acompanhada pelos Coros da Paróquia de N. S. do Perpetuo Socorro e de Santo Antonio, as autoridades e os dignos representantes da Imprensa local apresentaram cumprimentos ao Exmo. e Revmo. Bispo Diocesano, ao Revmo. Vice-Provincial Pe. Felipe Gaudreau C. SS. R. e ao Rev. Pe. Luiz Laicher, Vigario da nova Igreja. Assim iniciou-se de certo uma nova epóca na historia da fé e religião católica no bairro de Amambai, Campo Grande cujo fervor e enthusiasmo - esperamos - continuará cada vez mais brilhante com o auxilio de Nosso Senhor e de Nossa Mãe do Perpetuo Socorro.

(Ata - C. SS. R.)

Anexo III – Comunicado do Santuário Estadual do MS sobre a pandemia ~~de~~ da Covid-19

Santuário Estadual Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Arquidiocese de Campo Grande - Missionários Redentoristas

COMUNICADO SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

Estimados devotos da Padroeira do Mato Grosso do Sul,

Hoje foi publicado no Diário Oficial de Campo Grande o Decreto com as medidas preventivas ao novo coronavírus. Nós, em obediência e conforme as diretrizes estabelecidas pelo Município de Campo Grande, suspendemos todas as celebrações da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ou seja, a comunidade-matriz, sediada no Santuário Estadual, e a Comunidade Santo Agostinho. Inclui-se as missas, batismos, novenas, oração do terço, via-sacra, Cerco de Jericó, Caminhada da Fé e qualquer outra celebração. Assim como estão suspensas todas as reuniões das pastorais e cursos de Pais e Padrinhos para Batismo. Os cursos serão remarcados para tempo oportuno. Tais suspensões foram tomadas com anuência do Arcebispo Metropolitano de Campo Grande, Dom Dimas Lara Barbosa, diante do grande número de fiéis que adentram nosso Santuário.

As celebrações de cultos ecumênicos e sacramento do Matrimônio serão mantidas, desde que seja assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de responsabilidade por parte da Comissão de Formatura e dos noivos, de advertir os convidados sobre o risco de contágio, sobretudo os idosos e imunodeprimidos, e reduzirem o número de convidados para até 100 pessoas.

O Santuário Estadual estará aberto normalmente para visitação, assim como a secretaria paroquial funcionará normalmente. As celebrações das missas e novenas serão transmitidas da seguinte maneira: missa de domingo às 10h, missa e novena quarta-feira às 16h e missa do Santíssimo quinta-feira às 19h no Facebook e site do Santuário, assim como na TV Imaculada Conceição.

Esta realidade mundial que aflige também a nós sul-mato-grossenses ganha especial consideração no Tempo da Quaresma. Não é alarde, é caridade manifestada aos irmãos e irmãs mais suscetíveis a contraírem o novo coronavírus, o qual tem alta taxa de transmissão. Assim sendo, a prevenção é o caminho mais humano e civilizado à ser seguido. Queridos devotos, exercitemos nosso itinerário quaresmal diante da pandemia do Covid-19: a caridade de se por no lugar do irmão e irmã mais propenso a ser contaminado, o jejum de revermos nossas ações e a oração intensificada para que passemos pacificamente e com as bênçãos do Redentor esta situação.

Dado em Campo Grande, na sede paroquial, Santuário Estadual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 16 de março de 2020, Segunda-feira da III Semana da Quaresma.

Pe. Reginaldo Nascimento Padilha, C.SS.R.
Pároco da Paróquia Nossa Senhora Perpétuo Socorro

Av. Afonso Pena, nº 377 - Bairro Amambaí
79005-001 - Campo Grande - MS
Fones: (67) 3384-2818 / 3384-9969
santuariosecretaria@hotmail.com
www.perpetuosocorroms.com.br